

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

GABRIELLA BARBOSA RODRIGUES

**ARQUEOLOGIA BÍBLICA: UM ESTUDO DE NARRATIVAS
E DISCURSOS ACERCA DE SUA CONSTITUIÇÃO COMO
DISCIPLINA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em História na Área de Concentração História Cultural.

Orientador: PEDRO PAULO A. FUNARI

Campinas, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
MARIA JÚLIA MILANI RODRIGUES-CRB8/2116 - BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

R618a Rodrigues, Gabriella Barbosa, 1986-
Arqueologia bíblica: um estudo de narrativas e discursos
acerca de sua história como disciplina / Gabriella Barbosa
Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011

Orientador: Pedro Paulo A. Funari
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Arqueologia bíblica. 2. Imperialismo. 3. Orientalismo.
I. Funari, Pedro Paulo Abreu, 1959-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em Inglês: Biblical archaeology: a study of narratives and discourses
about its constitution as a discipline

Palavras-chave em inglês:

Biblical archaeology

Imperialism

Orientalism

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Pedro Paulo Abreu Funari (Coordenador)

Aline Vieira de Carvalho

Glaydson José da Silva

Data da defesa: 30/09/2011

Programa de Pós-Graduação: História

GABRIELLA BARBOSA RODRIGUES

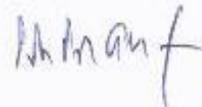
Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativas e discursos acerca de sua constituição como disciplina.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

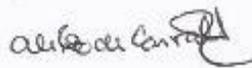
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 30 / 09 / 2010.

BANCA

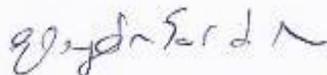
Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (orientador)



Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho



Prof. Dr. Glaydson José da Silva



Prof. Dr. José Geraldo Costa Grillo (suplente)

Prof. Dr. Jonas Machado (suplente)

SETEMBRO/2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, o apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Agradeço também à Universidade Estadual de Campinas, ao professor Pedro Paulo A. Funari, meu orientador, aos membros da banca examinadora, Aline Carvalho, Glaydson Silva, José Grillo e Jonas Machado.

Agradeço ainda aos amigos e familiares que me acompanharam durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar a história das primeiras pesquisas arqueológicas na região da antiga Palestina, ao investigar o desenvolvimento da disciplina que ficou conhecida como Arqueologia Bíblica. Trata-se de uma discussão sobre as relações entre Arqueologia e política, à luz das diferentes leituras modernas sobre um mesmo passado. Com isso, pretende-se evidenciar como a prática arqueológica na Palestina, praticada inicialmente por europeus, depois também por norte-americanos e, mais tarde, por pesquisadores nascidos na região, serviu, ao longo de sua história, para legitimar práticas imperialistas e colonizadoras e construir as relações entre ocidente e oriente, no início do século XIX, por exemplo, ou ainda para legitimar disputas atuais, como os conflitos entre árabes e israelenses.

ABSTRACT

This research intends to present the history of the first archaeological excavations in the region of the ancient Palestine following the development of the scientific discipline called Biblical Archaeology. It discusses the relationship between Archaeology and Politics, in the light of different modern views about the same past. Therefore we intend to emphasize how archaeological practice in Palestine – first conducted by Europeans, then by Americans, and much later by natives – was used, during its history, to legitimate, for example, imperialist and colonialist practices and to build the relationship between Western and Eastern in the early XIX century, or contemporary disputes, such as the conflicts between Arabs and Israelis.

ALGUNS ESCLARECIMENTOS INICIAIS

Esta dissertação aqui apresentada é parte de uma pesquisa cuja ideia surgiu logo no início de meu curso de Graduação, sob o incentivo do Professor Pedro Paulo Funari, quem se tornaria, mais tarde, meu orientador. Duas Iniciações Científicas PIBIC/CNPq permitiram que ela fosse ganhando forma até chegar à pesquisa de Mestrado, financiada pela FAPESP. Durante esse período, a participação em eventos e a visita a museus, bibliotecas e arquivos nacionais e internacionais ajudaram a consolidar algumas questões e a entender melhor como uma história do desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na Palestina poderia ser estudada dentro de uma universidade (laica) brasileira.

Daí a ideia de, antes de tudo, contar essa história, ou a minha versão de como essa história foi sendo construída. Dada a dificuldade em acessar alguns documentos-fonte do Brasil, optei por recheiar meu texto com citações literais, para que outros interessados no tema possam ter contato com esses autores. Também foi essa a justificativa inicial para a escolha de várias das imagens que acompanham o trabalho.

Os trechos em língua estrangeira foram traduzidos, boa parte por mim, embora alguns tenham ficado a cargo de amigos profissionais mais do que especiais, que merecem o mérito, a saber: Renato Pinto, Simon Sucher e Luciano Pinto. Muitas das ideias vieram de discussões com professores, colegas e amigos, alguns dos quais procuro lembrar aqui: Pedro Paulo Funari, Aline Carvalho, Glaydson Silva, José Grillo, Lourdes Domínguez, Andrés Zarankin, Erika Robrahn-González, Renato Pinto, Renata Garraffoni e os de longe, Israel Finkelstein, Manfred Oeming e Neil Silberman. Gostaria de dedicar este trabalho aos amigos de todas as horas (acadêmicas ou não, mas sempre “intelectualizantes”): Natália Campos, Fanny Lopes, Patricia Freitas, Natália Tiso, Ivia Minelli, Melina Rovina, Simon Sucher e Luciano Pinto. Que quando outros tantos trabalhos vierem pela frente, ainda possamos recorrer uns aos outros!

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES E MAPAS

Figura 1: Fachada atual da Igreja do Santo Sepulcro.....	102
Figura 2: Planta baixa do Santo Sepulcro no século XII d.C., de acordo com Corbo.	102
Figura 3: Planta baixa do Santo Sepulcro à época de Constantino, de acordo com Couäsnon.	102
Figura 4: Entrada para a Capela de Santa Helena, na Igreja do Santo Sepulcro.	103
Figura 5: Altar indicando o local onde Helena teria encontrado as cruzes.	103
Figura 6 Cima de Conegliano, Sant’Elena e Costantino ai lati della Croce e predella con episodi della Leggenda della Vera Croce	104
Mapa 1: Reprodução do Mosaico de Madaba, 1897.	105
Mapa 2: Jerusalém, destaque com os principais prédios religiosos	105
Mapa 3: Jerusalém, destaque com a topografia da cidade, sem as referências religiosas..	105
Mapa 4: Jerusalém em detalhe no mapa-mosaico	105
Figura 7: Ulrich Jasper Seetzen	106
Figura 8: Edward Daniel Clarke.....	106
Figura 9: Buckingham em seu disfarce.....	106
Figura 10: Burckhardt como Xequie Ibrahim.	106
Mapa 5: Description de l’Égypte ou Mapa de Jacotin	107
Mapa 6: A new plan of Jerusalem, Clarke	108
Mapa 7: Seetzen, Mapa do Mar da Galileia e Morto, 1805-1807	109
Mapa 8: Mapa de Buckingham com sua rota.	110
Figura 11: O Arco de Robinson hoje..	111
Figura 12: Pedras colapsadas da estrutura do Arco de Robinson..	111

Figura 13: Edward Robinson, 1889.	111
Mapa 9: Kiepert. Map of Palestine	112
Figura 14: Reconstrução do Templo de Herodes, em torno do ano 20 a.C.	113
Figura 15: Igreja de Santa Maria Madalena, Monte das Oliveiras, Jerusalém.	114
Figura 16: Expedição de Lynch carregando a bandeira dos Estados Unidos	114
Figura 17: Planta do complexo das tumbas, segundo Vincent	115
Figura 18: Entrada atual das Tumbas.....	115
Figura 19: Placa de entrada do complexo da Tumba dos Reis.....	115
Figura 20: Ilustração da entrada das Tumbas dos Reis no século XIX.	115
Figura 21: Interior de uma das câmaras de enterramento.	115
Figura 22: Fachada da Igreja da Natividade, Belém, Autoridade Palestina.	116
Figura 23: Detalhe da Estrela.	116
Figura 24: Altar da Igreja da Natividade.	116
Figura 25: Planta atual da Igreja da Natividade..	116
Figura 26: Correio italiano em Jerusalém.	117
Figura 27: Abertura do correio francês em Jerusalém, após a Guerra da Crimeia.	117
Figura 28: Correio alemão em Jerusalém.	117
Figura 29: Correio austríaco em Jerusalém.	117
Figura 30: A rua Jaffa, no início do século XX.....	118
Figura 31: Chegada do primeiro trem em Jerusalém.	118
Figura 32: Construção da primeira estrada pavimentada entre Jerusalém e Jaffa, em 1869	118
Figura 33: Propaganda de viagem da virada do século XIX para o XX.....	119

Figura 34: Propaganda de viagem da virada do século XIX para o XX.....	119
Figura 35: Escritório da Agência de viagens Cook, em 1900, em frente ao Portão Jaffa, Jerusalém.	119
Figura 36: Pátio da Igreja do Santo Sepulcro, c. 1900.....	119
Mapa 10: Conder & Kitchener, Map of Western Palestine from surveys conducted for the committee of the Palestine Exploration Fund.....	120
Figura 37: Igreja protestante construída na Cidade Velha após a visita do Kaiser Wilhelm II à Jerusalém.	121
Figura 38: Kaiser Wilhelm II e o Banco Alemão na Palestina, 1898.	121
Figura 39: Cartão postal da visita do Kaiser Wilhelm II e sua esposa à Palestina, em 1898.	121
Figura 40: Proclamação dos direitos de guerra, por Allenby, em frente à Cidadela de Davi, em Jerusalém	122
Figura 41: Tropas britânicas marchando sobre Jerusalém após conter revoltas, durante o Mandato, em 1929.....	122
Figura 42: O general Edmund Allenby marcha com suas tropas em direção à Cidade Velha de Jerusalém, após a vitória britânica sobre o Império Turco-Otomano em 11 de dezembro de 1917.....	122
Figura 43: Sistema de datação sequencial de Petrie, utilizado em Tell El-Hesy	123
Figura 44: Seção vertical do sistema de água Jebusita, desenhado por Kathleen Kenyon, durante suas escavações na Cidadela de Davi.....	123
Figura 45: Exemplo da abordagem arquitetural.....	123
Figura 46: Exemplo da aplicação do método estratigráfico de Kenyon em Jerusalém.	123
Figura 47: (Acima) Cópia da carta que ficou conhecida como “Declaração de Balfour”. (Abaixo) Sala do museu da Diáspora, Tel-Aviv, com a escrivaninha de Balfour.	124
Mapa 11: Mapa atual da Palestina.....	125

SUMÁRIO

Introdução	1
Arqueologia e o estudo do passado.....	2
“Usos do passado”	4
Arqueologia tributária dos Estados nacionais	4
Nacionalismo, imperialismo, orientalismo e cientificismo	5
Estrutura da dissertação	7
Capítulo 1 – Arqueologia e Arqueologia Bíblica: um panorama geral das condições de emergência dessas disciplinas	9
A busca pelas origens	9
O passado clássico	9
As particularidades da Arqueologia.....	11
As particularidades do Oriente.....	12
A Arqueologia Bíblica.....	13
Capítulo 2 - História da Arqueologia Bíblica.....	17
Pioneirismo.....	17
Napoleão Bonaparte.....	17
Edward D. Clarke	18
Ulrich J. Seetzen	21
Johann L. Burkhardt	24
James S. Buckingham.....	26
A expectativa do fim do Mundo	29
Edward Robinson.....	31
Novo cenário político	35
William F. Lynch.....	37
Louis-Félicien De Saulcy	39
Guerra da Crimeia.....	41
Institucionalizando a exploração.....	44
PEF.....	45

PES.....	50
SBA.....	50
Participação alemã	52
EBAF	54
ASOR.....	55
Arqueologia propriamente dita?.....	57
Arqueologia Bíblica e as Grandes Guerras	60
Da Segunda Guerra ao Estado de Israel.....	66
Capítulo 3 – Passado e presente na história da Arqueologia Bíblica, algumas problematizações	69
Arqueologia Bíblica hoje.....	69
Algumas problematizações sobre a constituição da Arqueologia Bíblica.....	70
Mapeamento e escolha dos sítios.....	70
Questões teórico-metodológicas	72
Nomenclatura	81
Algumas conclusões.....	87
Referências	89
Anexos	101

Introdução

A construção da Arqueologia Bíblica como saber acadêmico foi permeada por interesses políticos e discursos de caráter identitário. Pensar como isso se deu, tendo como pano de fundo a história da disciplina arqueológica é a proposta deste trabalho.

Orientando-se por algumas obras recentes sobre a epistemologia das Ciências Sociais (Patterson, 2001; Díaz-Andreu, 2007; cf. também os artigos em Ucko, 2005), este trabalho pretende contar a história da Arqueologia Bíblica considerando o contexto político de seu desenvolvimento. Ela é abordada aqui não como uma disciplina encerrada em si mesma, fora da história e da política, mas sim como um saber que, como todos os outros, é atravessado por discursividades e práticas cujos sentidos só podem ser dados dentro da estrutura sócio-cultural e histórica em que se constrói. Com essa abordagem da história da ciência dita externalista, não se pretende ignorar aspectos internos ao desenvolvimento da disciplina, mas sim enfatizar como esse desenvolvimento é mediado pelas experiências individuais de seus atores e pelos acontecimentos políticos externos à Academia.

Este trabalho se inspira também nos estudos que abordam a Arqueologia em sua longa duração (Trigger, 2004; Díaz-Andreu, 2007; Ferreira, 2007). A prática arqueológica na Palestina¹ é apresentada aqui desde seus primeiros trabalhos, na segunda metade do século XIX, ao longo do século XX, até as pesquisas dos dias de hoje. O objetivo é apresentar e problematizar o desenvolvimento epistemológico que levou ao surgimento de uma disciplina acadêmica chamada Arqueologia Bíblica e, mais tarde, de suas herdeiras, como as diferentes formas de arqueologia desenvolvidas hoje no antigo território da Palestina.

O contexto político de surgimento dessa disciplina relaciona nacionalismo, imperialismo, colonialismo. Trata-se de um período em que os recém-constituídos Estados nacionais aproveitaram-se das histórias de glória dos Impérios do passado para constituir as

¹ O termo Palestina é utilizado aqui em seu sentido histórico estabelecido durante o período do Império Romano para a região que atualmente compreende o Estado de Israel, a Autoridade Palestina e os territórios de administração comum a ambos.

suas próprias memórias. Antes de discutir como isso aconteceu, é necessário definir alguns conceitos balizadores.

Arqueologia e o estudo do passado

A sua história optou por definir a etimologia do termo “arqueologia” (*arkhaiología*) como o estudo daquilo que “vem na frente”, do início, das origens, logo, do que é antigo. Esse parece ser o sentido claro para os antigos, como é utilizado, por exemplo, em textos de Platão (*Hipp. Maj.* 285d), Diodoro Sículo (*BH* 2,46), Estrabão (*Geogr.* 11.14.12), ou em títulos de obras, como as de Dionísio de Halicarnasso, *Rhōmaïkai arkhaiologíai* (nas edições modernas, amiúde com título em latim: *Antiquitates romanae*), e de Flávio Josefo, *Ioudaïkai arkhaiologíai* (em latim, *Antiquitates judaicae*)².

Na Modernidade, a disciplina nasceu como uma das formas de se estudar o passado. A Arqueologia tornou-se, então, a ciência que estuda o passado por meio de objetos e que complementava o estudo das fontes literárias, objeto da História – mas também, da Filologia, da Epigrafia. A busca por *realia*, ou seja, as coisas materiais, reais – segundo a nomenclatura do início da disciplina –, ou a *cultura material*, caracterizou o trabalho do arqueólogo como a coleta, descrição e classificação de artefatos antigos, que seriam os “fatos arqueológicos”, os quais permitiam conhecer o passado de forma objetiva, ou seja, “como ele realmente aconteceu” na acepção rankiana.

Mais recentemente, essa concepção de Arqueologia desenvolveu-se em inúmeras outras definições da disciplina. Para este trabalho, como um grupo de arqueólogos contemporâneos propõe (Shanks & Tilley, 1992), optou-se por fazer uso do recurso etimológico e observar um aspecto pouco explorado do substantivo *arkhê*, que deu origem ao adjetivo *arkhaîos*, de onde veio *arkhaiología*. Segundo os principais dicionários de grego antigo, incluindo o dicionário etimológico de Chantraine (1968), umas das acepções de *arkhê* é “poder”, “autoridade”, daí o derivado arconte, responsável pelo cargo político de

² As abreviaturas empregadas referem-se, respectivamente, a: *Hipp. Maj.* = *Hippias Major*; *BH* = *Bibliotheca historica*; *Geogr.* = *Geografica*. Para a referência completa dessas e das demais edições modernas citadas ao longo deste trabalho, ver “Referências”.

“ir à frente”, “comandar”. Com isso, propõe-se pensar a Arqueologia também como o “estudo do poder”, ou de sua autoridade como ciência legitimadora, no presente, de discursos acerca do passado.

O papel político desempenhado pela Arqueologia na constituição e na legitimação de identidades nacionais tornou-se central nos estudos ditos Pós-processuais. Após a Segunda Guerra Mundial, as Ciências Sociais passaram por uma transformação epistemológica. Interpretações mais inclusivas, preocupadas com a heterogeneidade, com a pluralidade e com o caráter multifacetado das sociedades passaram a ser privilegiadas. Além disso, o pressuposto da discursividade da História, ou seja, a ideia de que a História como um ato de escrever seria uma construção narrativa (de Certeau, 2006) e, como tal, passível de ser usada como ferramenta política (Silberman, 1989; Kohl & Fawcett, 2000; Orser, 2002; Funari, Orser, & Schiavetto, 2005; Díaz-Andreu, 2007; Ferreira, 2007; Silva, 2007), entrou em foco. Sob o conceito de discurso entende-se

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma época dada, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 2007, p. 133).

O ato de “fazer história”, ou seja, de escrevê-la, passou a ser concebido como político, na medida em que a materialização de um discurso, em palavras,

[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2005, pp. 8-9)

Assim, na abordagem dita pós-moderna, o historiador, ou o arqueólogo, como *autor*, passou a admitir-se como sujeito produtor de conhecimento acadêmico (Preucel & Hodder, 1999; Ucko, 2005), submetido a uma lógica de produção de discursos em que suas condições social, étnica, sexual, de gênero e de geração são determinantes (Gimenes & Rago, 2000). E a história produzida por esses autores/atores assumiu seu caráter plural, interpretativo, relativo. O próprio conceito de passado como instituição, passível de ser acessada em sua totalidade foi criticado. Como afirmam Preucel e Hodder (1999, pp. 528-529),

[...] o passado não pode ser separado, divorciado do presente. O passado está aqui, o passado é presente. [...] o passado é socialmente construído, e as formas como nós descrevemos aqui essa construção social também são, por sua vez, socialmente construídas.³

Em outras palavras,

[...] as ideologias e conceitos do passado são interpretados no presente. Quando olhamos para nossas fontes e as estudamos, estamos (re)interpretando o que já se foi por meio de meros vestígios textuais ou materiais; fazemos representações, ou seja, tornamos presente algo que já está ausente. (Pinto, 2011, p. 30)

“Usos do passado”

Estudos acerca do passado, objeto de análise, e do momento presente do pesquisador têm evidenciado a utilização da Antiguidade como discurso legitimador, ou ainda, justificador de conceitos e ideologias nacionalistas, geralmente autoritários e preconceituosos. Díaz-Andreu (1999) afirma que, a partir da década de 1990, os estudos sobre a relação entre arqueologia e nacionalismo explodiram. O estudo dos “usos do passado”, ou a forma de compreender as apropriações do passado pela modernidade, permite rever a história da ciência arqueológica sob um viés político (Silva, 2007). O termo “usos do passado” pressupõe a adoção de uma leitura específica de um passado escolhido, dentro de um contexto moderno, e não constitui, necessariamente, uma prática negativa (Kohl & Fawcett, 2000; Trigger, 2000). No entanto, os “usos do passado” a serem estudados neste trabalho vão evidenciar como a fundação da Arqueologia Bíblica decorreu de uma necessidade política dos Estados nacionais em formação, no século XIX, e mostrar que, o seu desenvolvimento ao longo do século XX, até os dias de hoje, manteve esse procedimento de apropriação de passados.

Arqueologia tributária dos Estados nacionais

³ [...] *the past cannot be set off, divorced from the present. It is always here, the past is present. [...] The past is socially constructed, and the ways we have described that social construction here are themselves socially constructed.*

Nacionalismo, imperialismo, orientalismo e cientificismo

O conceito de nacionalismo pode ser caracterizado como uma invenção europeia do século XIX, que pregava a divisão natural da humanidade em grupos com características comuns denominados “nações” (Kedourie, 1996). Essas características comuns, embora dadas como inerentes às nações, foram muitas vezes forjadas para que se criasse uma consciência coletiva de pertencimento a uma determinada nação. O argumento para a unidade da nação devia passar por uma história comum, por uma origem racial – para usar um termo da época – comum, por uma língua comum (Smith, 1999).

O arqueólogo britânico Hingley questiona a ligação direta estabelecida entre o Império britânico (de 1860 a 1930) e o Império romano. Para ele, tal associação resulta do *uso* feito pelos ingleses, do passado romano, pois não há, segundo ele, nenhuma missão imperial compartilhada entre eles (Hingley, 2000, p. xiii). Segundo ele, o passado da Bretanha romana foi interpretado a fim de estabelecer linhas históricas de ancestralidade e o resultado dessa interpretação foi uma mescla de origens:

[...] os romanos da época clássica legaram aos ingleses uma civilização que teve como resultado direto justamente o estado moderno da Inglaterra. Por intermédio do processo de conquista, considerou-se que Roma introduziu a civilização e a cristandade à Britânia e também ajudou a formar o caráter imperial dos ingleses. A civilização, a religião e o espírito imperial dos ingleses remontam, todos eles, ao passado romano. (Hingley, 2000, p. 4)⁴

A retomada do Império romano permitiu também, como defende Silva (2007, p. 35), divulgar a “ideia de direito imperialista das nações emergentes”. O imperialismo como “a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante” (Said, 1999, p. 40), ou a relação, formal ou informal, de controle da soberania nacional de uma nação ou um grupo de pessoas sobre outra, foi uma política ligada ao movimento nacionalista (Koebner & Schmidt, 1964; Baumgart, 1989). As

⁴ [...] *the classical Romans passed onto the English a civilisation that led fairly directly to the modern state of England. Through the process of Conquest, Rome was felt to have introduced civilisation and Christianity to Britain and also to have helped to form the imperial character of the English. English civilisation, religion and imperial spirit are all traced back to the Roman past.*

justificativas para a expansão territorial podiam ser diversas, como, por exemplo, necessidade de maior mercado consumidor, mas a ideia de transmissão de valores direta, entre os impérios do passado e o ocidente moderno, numa espécie de continuidade histórica é o que permitiu aos Estados emergentes evocar uma missão imperial civilizatória que “estabelece a paz e faz imperar o progresso” (Silva, 2007, p. 36).

Essa crença no dever do império de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados e a noção de que certos povos *deveriam* ser subjogados, levou ao estabelecimento de colônias (Said, 1999, p. 41). O colonialismo em território cujo passado é de interesse da metrópole, permite ao império dominante assenhorear-se desse passado, ou seja, conhecer mais de perto, obter suas relíquias. Além disso, eles poderiam recuperar suas glórias salvando esse território do barbarismo de sua população. Nessa lógica, fundou-se a relação entre os impérios europeus e o oriente. Daí, nasceu o que Said (2007, pp. 27-29) definiu como *orientalismo*, ou seja,

[...] um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes. Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia. O orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais.
[...] O orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o Ocidente.

A relação estabelecida com o Outro oriental privilegiou-se do desenvolvimento científico pós-Iluminismo. As ciências ajudaram a definir o europeu como o ápice do desenvolvimento evolutivo e os outros povos, menos avançados tecnologicamente, os “bárbaros” ou “selvagens”, como seu contraponto. A diversidade era compreendida como inferioridade, logo, estava dado o pretexto cultural para o imperialismo e para o colonialismo.

Estrutura da dissertação

À luz desses conceitos, este trabalho apresenta-se como uma leitura crítica da história das pesquisas arqueológicas na Palestina que, instrumentalizada pela ideia de herança de um passado distante, foi utilizada em diferentes contextos modernos para a constituição de identidades. Pretende-se explorar o contexto de diversidade de interesses em que a disciplina foi se constituindo, motivada ora por potências imperiais buscando tesouros, grupos religiosos esforçando-se para comprovar materialmente a Bíblia, ao mesmo tempo em que promoviam a evangelização de “pagãos”, céticos tentando promover a laicização da disciplina, grupos políticos procurando justificar seu direito à terra.

Nesse sentido, ele pode ser inserido nos estudos conhecidos como “pós-coloniais” ou da “descolonização”, na medida em que se propõe a chamar a atenção para a relação entre conhecimento científico e dominação, ao mostrar que as formas de hegemonia não possuem uma verdade inerente, atrelada, portanto, ao poder; pelo contrário, que essa verdade é discursivamente construída e apresentada como a única explicação existente sobre o passado.

Todo o trabalho gira, então, em torno, da História da Arqueologia Bíblica. O capítulo central é, portanto o segundo, intitulado “História da Arqueologia Bíblica”, no qual se apresenta um estudo cronológico das condições de sua emergência. Nele, são evidenciados alguns mecanismos de apropriação do passado, no entanto, por opção didática, é no capítulo terceiro – “Passado e presente na história da Arqueologia Bíblica, algumas problematizações” – que se privilegia o estudo desses mecanismos e o impacto desses usos do passado para a pesquisa atual na região. O primeiro capítulo “Arqueologia e Arqueologia Bíblica: um panorama geral das condições de emergência dessas disciplinas” apresenta-se como uma introdução ao momento histórico de surgimento da disciplina arqueológica, para situar a fundação da Arqueologia Bíblica, no século XIX.

Dessa forma, pretende-se oferecer uma visão histórica da pesquisa arqueológica na Palestina, voltada para o público brasileiro. A ênfase epistemológica alinha este estudo a outros trabalhos sobre a Antiguidade, desenvolvidos no contexto brasileiro, preocupados com sua contemporaneidade (Silva, 2007; Funari, Silva, & Martins, 2008; Pinto, 2011;

Grillo, Garrafoli, & Funari, 2011). É nessa preocupação que deve fazer a importância deste trabalho e, por meio dela, é que se espera oferecer uma abordagem inédita que possa valorizar um tema tão pouco privilegiado na Academia brasileira.

Capítulo 1 – Arqueologia e Arqueologia Bíblica: um panorama geral das condições de emergência dessas disciplinas

A busca pelas origens

Os antigos gregos são conhecidos, também, pelo forte interesse expresso para com seus antepassados e sua origem. A preocupação com a natureza humana (*phýsis*) e seu desenvolvimento cultural era um tema recorrente na filosofia antiga, em especial, graças aos contatos com outros povos. Os escritos atribuídos a Platão e a Aristóteles apresentam os gregos como o padrão de “civilização” (*politeía*), e narrativas como as *Histórias* de Heródoto descrevem outros povos por aquilo que não tinham de grego (Hartog, 1999).

Os romanos também se preocuparam com suas origens (*origines*), e autores como Tácito e Júlio César se aproximam de Heródoto em suas descrições do outro. Lucrécio, por outro lado, lembrando Epicuro e Hesíodo, propõe, no *De rerum natura*, um esquema geral do desenvolvimento humano através do conhecimento.

A curiosidade pelas “origens” foi uma constante na Antiguidade e manteve-se ao longo da Idade Média. O interesse pela “cultura material” é, portanto, anterior à Arqueologia. A figura do antiquário, definida por Momigliano como “o homem que se interessava pelos fatos históricos sem se interessar pela história” (2004, p. 85), existiu, segundo Schnapp (2008, p. 395), desde o segundo milênio a.C., no Egito Antigo, na Mesopotâmia e na China. Seu apogeu no Ocidente teria acontecido no período do Renascimento, quando o Antiquariato teria passado por uma transformação (Schnapp, 2008, p. 398). O antiquário, antes um indivíduo isolado, tornava-se figura pública; passou de curioso a estudioso, “part of a veritable community of like-minded savants who communicated and interacted following their own independent initiatives.”

O passado clássico

O passado foi, durante muito tempo, objeto de curiosidade, mas o interesse por certos passados mostrou-se uma obsessão. Diversos aspectos culturais da Antiguidade Clássica tornaram-se objetos privilegiados de estudo dos intelectuais do Renascimento. O

estudo da literatura, das artes e da arquitetura permitia entender e emular as “gloriosas realizações da Antiguidade” (Trigger, 2004, p. 36). Grécia e Roma antigas eram entendidas como “protótipo de grandes nações” e “antepassados das civilizações modernas” (Díaz-Andreu, 2007, pp. 12-13), e sua história foi retomada, recriada, ao longo da História ocidental moderna, para constituir identidades nacionais que evocassem sempre uma certa “herança” de um passado “nobre” e “glorioso”, capaz de justificar uma ascendência étnica legitimadora de regimes autocráticos e práticas colonizadoras. Possuir objetos antigos simbolizava, além de conhecimento, poder político (Schnapp, 2008, p. 397).

Desde o surgimento dos Estados nacionais, na Europa dos séculos XVII e XVIII, o passado tornou-se um instrumento muito eficiente na retórica política. Seu uso provaria a antiguidade e o desenvolvimento histórico de uma nação (Díaz-Andreu 2002: 379).

Os antiquários foram responsáveis por uma nova leitura do passado clássico, proporcionada pelos objetos, e tornaram-se cada vez mais importantes para a política imperial-nacionalista de seus países. Segundo Momigliano, “[...] o antiquariato aparecia como um renascimento das antigas formas de vida: ajudava as nações a adquirirem autoconfiança ao redescobrir suas antigas tradições” (2004:107). Aos poucos foram surgindo associações de antiquários, como a famosa *Society of Antiquaries of London*, fundada em 1751, com o objetivo de incentivar o estudo e o conhecimento das antiguidades e da história da Grã-Bretanha e de outros países (About the Society of Antiquaries). As explorações promovidas por “caçadores de tesouros” tornaram-se, a partir de então, oficiais (Silberman, 1989, p. 3; Revilla, 2002; Díaz-Andreu, 2007; Cline, 2009). As características principais do colecionismo se mantêm: “[...] o desejo de possuir o pasado na forma de artefatos e de ter relíquias que tivessem relações metonímicas com histórias sobre o passado ou sobre mitos”⁵ (Crane, 1999, p. 187) e o desinteresse pela preservação do contexto de sua retirada.

Por outro lado, as coleções deixam de ser particulares, restritas aos “gabinetes de curiosidades” para se tornarem públicas, pertencentes a toda a nação. Das coleções particulares de antiguidades clássicas e bíblicas desses pesquisadores surgiram, mais tarde,

⁵ [...] the desire to possess the past in the form of artifacts and to own relics which had metonymic relationships to stories about the past or about myth.

os museus nacionais europeus (Silberman, 1989, p. 3; Crane, 1999; Díaz-Andreu, 2007; Mourrad, 2009). É o caso, por exemplo, do Museu Britânico, fundado a partir da coleção particular de Hans Sloane, após sua morte (1660-1753) (Wilson, 2002; British Museum, Enlightenment Gallery).

As particularidades da Arqueologia

Ao lidar com documentação não-literária, o antiquário se diferenciava do historiador. No entanto, a cultura material também não fazia do antiquário, um arqueólogo. A Arqueologia, com seus métodos e teorias próprias, nasceu apenas na metade do século XIX, no contexto específico do surgimento de ciências positivistas na Europa (Schnapp, 2008, p. 395).

Um dos trabalhos pioneiros mais famosos de Arqueologia é busca, promovida por Heinrich Schliemann (1822-1890), na década de 1870, pela cidade de Troia, descrita na *Iliada* de Homero. A Arqueologia da época servia, como mostrou Schliemann, para confirmar as histórias narradas num documento escrito, como uma ciência auxiliar da História. A Arqueologia permitia acessar o passado por meio da cultura material e comprovar, pela criação de uma narrativa científica, um relato histórico, ou mesmo mitológico (Funari, 2003, p. 10; Díaz-Andreu, 2007, p. 10). Além disso, as escavações de Schliemann, apesar de aplicar uma metodologia que permite caracterizá-la como Arqueologia, teve também o caráter de caça ao tesouro, outra prática comum à disciplina, nascida no contexto do nacionalismo imperialista. Schliemann encontrou em Hissarlik, nos vestígios que acreditou pertencerem à Troia, joias em ouro e as interpretou como o tesouro perdido do rei Príamo. As joias foram levadas para a Alemanha e ficaram expostas em Berlim, até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando grande parte dos acervos dos museus nacionais passou para o controle da União Soviética (Ludwig, 1952).

Essa foi uma prática comum, levada a cabo por diversos países europeus para seguir alimentando as coleções de seus museus. O Museu do Louvre, fundado durante a Revolução Francesa, em 1793, foi parte importante da política imperialista de Napoleão Bonaparte e se constituiu, nesse período, como o “[...] arquétipo de museus estatal e

modelo para museus nacionais de arte de todo o mundo”⁶ (McClellan, 1999, p. 2). Com a invasão do Egito, sob seu comando, em 1798, iniciou-se o confisco de antiguidades – pequenos artefatos ou estruturas arquitetônicas inteiras –, levadas para serem expostas em Paris.

Os Impérios modernos europeus, em geral, tentaram se apropriar das “glórias” dos Impérios do passado, apoderando-se de seus símbolos. Como já foi dito, Grécia e Roma foram escolhidos como o modelo de civilização, mas o Oriente Próximo também foi foco do interesse europeu. Como afirma Mourad (2009, p. 54), em nome do avanço imperialista e do prestígio nacional,

[...] Templos foram escavados e desmantelados, pequenos achados, encaixotados junto com obeliscos, estátuas e múmias; raptados de sua paisagem familiar para, desde as costas do Oriente Próximo, fazerem um cruzeiro e ancorarem em museus de capitais europeias como Londres (p. ex. o Museu Britânico), Paris (p. ex. o Louvre) e Berlim (p. ex. o Museu Egípcio, o Museu Pergamon). O passado do Oriente Próximo e suas glórias foram usados para fornecer a esses impérios modernos o poder e a propaganda para impulsionar suas economias em fase de industrialização e para legitimar suas necessidades de expansão territorial e de aquisição de colônias; para que pudessem triunfar como os impérios do passado haviam feito.⁷

As particularidades do Oriente

O orientalismo (já definido na introdução deste trabalho) era, no fim do século XVIII, “a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o” (Said E. W., 2007, p. 29). Ao pensar o Orientalismo como um discurso, Said ainda o define como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (Said E. W., 2007, p. 29). A figura do orientalista servia então para “mediar” a relação Ocidente-

⁶ [...] archetypal state museum and model for subsequent national art museums the world over.

⁷ [...] Temples were dug and dismantled, small finds were packed, along with obelisks, statues and mummies; abducted from their homely landscape to cruise from their Near Eastern shores, to anchor themselves in museums in European capitals such as London (e.g. the British Museum), Paris (e.g. the Louvre) and Berlin (e.g. the Egyptian Museum, the Pergamon Museum). The Near Eastern past and its glories were used to give these modern empires the power and propaganda to boost their industrializing economies and to legitimate their needs of territorial expansion and the acquisition of colonies; so that they could triumph as past empires had done.

Oriente, ciceroneando o Império e conduzindo-o àquilo que poderia ser de seu interesse, como, por exemplo, as antiguidades (Mourrad, 2009, p. 55).

Havia, no entanto, uma outra questão que tornava o Oriente interessante: a religião. A região do Oriente Próximo era de particular interesse em termos de estudos bíblicos, e isso contribuía ainda mais para atrair a atenção do público para lugares ricos em monumentos espetaculares, como o Egito e a Mesopotâmia.

Segundo Daniel (1952, pp. 132-133; Trigger B. G., 2004, p. 100), o interesse pela arqueologia da Mesopotâmia, que havia esfriado durante a Guerra da Crimeia, foi recuperado na década de 1870, quando um funcionário do Departamento Assírio do Museu Britânico, George Smith, encontrou uma narrativa babilônia do dilúvio em pequenos fragmentos de tabuletas cuneiformes da chamada biblioteca de Nínive. A repercussão foi tão grande que o jornal britânico *Daily Telegraph* ofereceu mil libras esterlinas para Smith comandar uma expedição ao Iraque em busca de um fragmento faltante da tabuleta, que teria sido encontrado no quinto dia de busca. No Egito, a maioria dos primeiros trabalhos da *Egypt Exploration Society* foi desenvolvida, de acordo com Trigger (2004, p. 100), em sítios associados a relatos bíblicos no delta do rio Nilo. Segundo ele, Petrie identificou, em 1886, a primeira menção a Israel em textos egípcios, numa estela do faraó Merneptah, da décima nona dinastia. Trigger também relata o interesse provocado por Leonard Wooley ao afirmar que as grandes camadas de lodo encontradas em suas escavações em Ur eram a prova de uma grande inundação na Mesopotâmia pré-histórica e seriam a base do relato bíblico do dilúvio.

O palco do maior interesse bíblico nesse momento era, todavia, a Palestina. Tendo o Cristianismo como base religiosa, eles se consideraram herdeiros espirituais da “Terra Santa” (Silberman, 1982; Silberman, 1989, p. 3; Davis, 2004, p. 4; Díaz-Andreu, 2007, p. 132).

A Arqueologia Bíblica

O interesse pelas chamadas “terras da Bíblia” é bastante antigo entre os ocidentais e pode recuar até o período do Império Romano. Embora, talvez, não se possa atribuir a tradição da peregrinação exclusivamente ao Imperador Constantino e a sua mãe Helena,

durante seu governo (306 e 337 d.C), com a adoção do Cristianismo como a religião do Império, a região da Palestina foi oficializada como “Terra Santa”, sendo, assim, inserida na “topografia religiosa”. Há pesquisadores que afirmam que as peregrinações à Palestina tiveram início ainda na segunda metade do século II d.C., com Firmilianus e Pionius (Windisch, 1925; Kötting, 1950, pp. 85-89; Köttingen, 1965, p. 943; Wilkinson, 1990, p. 43; Wilken, 1992, pp. 84;108-111; Hunt, 1982, pp. 3-5). Outros defendem que não se deve usar o termo peregrinação para o período anterior ao estabelecimento do Cristianismo como religião do Império Romano, porque a Palestina ainda não fazia parte do cenário religioso (Simon, 1954, pp. 98-100; Maraval, 1984, pp. 387-388; Holum, 1990; Taylor, 1993).

Para uma sociedade que estava construindo uma nova identidade religiosa, a definição de seus lugares santos era também uma manifestação de poder político. Sob Constantino, foram construídos diversos monumentos religiosos na Palestina, como a Igreja da Natividade e a do Santo Sepulcro, no lugar onde, segundo a descrição da lenda, Helena teria encontrado a cruz de Cristo (Figura 6). Constantino e Helena podem ser considerados, segundo Halbwachs (2008; Ferreira, 2009/2010), “formadores de memórias coletivas”, os pilares de uma tradição que se mantém até os dias de hoje. A Igreja da cruz de Helena está atualmente compreendida pela Igreja do Santo Sepulcro, lugar de visitação de milhares de cristãos todo ano.

Durante o período das guerras ou invasões europeias, denominado pela historiografia ocidental como Cruzadas, a Europa medieval voltou-se para a Palestina, principalmente pelo fato de que o “berço da Cristandade” teria caído em mãos “infieis”. Segundo Albright (1979:23), nesse período, o interesse europeu pela região teria se acentuado e a peregrinação religiosa se intensificado na Idade Média, graças ao apelo das relíquias e dos lugares (Davis, 2004, p. 3). Com o fim do domínio europeu na região, a Palestina deixou novamente de figurar entre o rol das prioridades dos reinos europeus.

Mais tarde, esse interesse foi recuperado num cenário bastante diferente, no qual a Bíblia vinha sendo questionada. Com o Iluminismo, as explicações baseadas na fé foram suprimidas em prol da razão e do conhecimento. O cientificismo da Modernidade proporcionou uma outra concepção da Palestina, que será discutida no capítulo a seguir.

A Arqueologia Bíblica, objeto deste estudo, é uma disciplina derivada, portanto, de dois grandes “movimentos”: um ligado à Arqueologia; outro à Bíblia. Como já se discutiu acima, a emergência da Arqueologia está envolta por uma necessidade especialmente política de se retornar ao passado, às origens. O cientificismo aplicado aos estudos religiosos colocou questões a certezas canônicas, que levaram a uma nova necessidade de justificar a Bíblia.

Com isso, não se deve entender que determinados fatores convergiram para a criação da Arqueologia, que depois se somou a temas bíblicos e resultou numa ciência dita Arqueologia Bíblica. Assim, é preferível pensá-la como o nome que se deu ao resultado de uma mistura, nem sempre de medidas exatas, desses elementos políticos e científicos que levaram ao desenvolvimento da Arqueologia e da Exegese.

Capítulo 2 - História da Arqueologia Bíblica

Pioneirismo

Nesse cenário de cientificismo oitocentista, é possível citar algumas expedições de pesquisa à Palestina, ainda em caráter ensaísta. Após anos na situação de *terra incognita*, a região, repleta de mistérios, começava a ser redescoberta pelo mundo ocidental.

A peregrinação havia sido parcialmente abandonada em prol do cientificismo, na acepção já discutida. Afinal, o que era conhecido sobre a flora, fauna, a geografia física e os costumes da região vinha de documentos muito antigos, com outra concepção ou preocupação “científica” (Mapa 1-4). Como exemplifica Ben-Arieh (1979, p. 12), até 1835, só se conhecia a latitude de dez, das regiões habitadas na Palestina; na década de 1820, foi medida, pela primeira vez, a altitude, a partir do ponto de ebulição da água; até a metade dos anos 1830, não se sabia que o vale do rio Jordão está numa altitude de centenas de metros inferior à do mar Mediterrâneo; e apenas dez anos depois é que se conseguiu medir o nível do mar Morto.

O paradoxo estabelecido pelo fato de que pouco se sabia sobre uma região, de certa forma, tão familiar como as terras da Bíblia incitou a curiosidade e a vontade de saber. Com a investida napoleônica na Palestina, a partir do Egito, no início de 1799, a região tornou-se oficialmente foco do interesse ocidental. Napoleão teria dado o pontapé inicial para uma nova “invasão” européia, como não se via desde as Cruzadas (Ben-Arieh, 1979; Silberman, 1982; Idinopulos, 1998; Díaz-Andreu, 2007).

Napoleão Bonaparte

Nós cometemos pecados enormes e grandes tolices na Terra Santa, mas é necessário deixar a cortina do Tabernáculo cair sobre tudo isso; e que tenhamos cuidado para levantá-la novamente, por medo de que o Todo-Poderoso, em sua ira, nos

puna por nossa temeridade General Kléber, 21 de Junho de 1799⁸

Apesar dos esforços de Napoleão para que a justificativa de sua viagem fosse atribuída à religiosidade⁹, a explicação mais aceita pelos estudiosos tem, em querelas imperialistas, seu fundamento, dado que os planos de expansão até a Índia assemelhavam-se, segundo eles, aos de Alexandre, o Grande. Embora tenha se tratado de uma empreitada militar, a expedição tinha também claros interesses científicos, já que, ao lado dos soldados, era composta por pesquisadores que o haviam acompanhado ao Egito, compondo uma espécie de missão científica. A equipe teria coletado aleatoriamente artefatos e informações, mas o feito mais importante seria a composição do primeiro mapa topográfico da região, comandada pelo Coronel Jacotin (Ben-Arieh, 1979; Díaz-Andreu, 2007, p. 148; Idinopulos, 1998; Schur, 1999; Silberman, 1982, p. 12 ; Mapa 5).

Apesar da curta duração e do pouco impacto que a invasão francesa ao Egito teve no desenvolvimento desse país (Schur, 1999, p. 175), é possível dizer que se iniciava, com Napoleão, um novo olhar ocidental à Palestina.

Edward D. Clarke

*quam terram merito sanctam diximus, in qua non est etiam passus pedis, quem non illustraverit et sactificaverit uel corpus, uel umbra salvatoris, uel gloriosa praesentia sanctae dei genitricis, uel amplexendus apostolorum commeatus, uel martyrum sanguis effusus*¹⁰. Urbano II

A vitória britânica em Acre, que obrigou a retirada francesa, ofereceu condições para que, em 1801, um já consagrado geógrafo inglês, Edward Daniel Clarke (1769-1822)

⁸ O General Jean Baptiste Kléber foi um dos principais oficiais da Campanha de Napoleão no Egito e na Palestina. O trecho acima foi enviado por Kléber, em carta a Napoleão, após as tropas francesas terem deixado a Palestina e retornado ao Egito e está citado em Schur (1999).

⁹ Segundo Schur, entre outros, Napoleão explicitou, em diversos momentos, especialmente nas memórias dedicadas a Santa Helena, ter sido a fé, seu principal e verdadeiro motivo (Schur, 1999, p. 35)

¹⁰ “[...] essa terra chamamos merecidamente de santa, na qual não há um só passo de pé sequer que não tenha sido iluminado ou santificado, seja pelo corpo ou pela sombra do salvador, seja pela gloriosa presença da santa genetriz de Deus, seja pela passagem louvável dos apóstolos, seja pelo sangue derramado dos mártires.

(Figura 8), entrou na Palestina como civil e produziu, pouco tempo depois, uma espécie de relatório arqueológico da região. A escolha do trecho acima, citado em suas memórias, da fala atribuída ao papa Urbano II como chamado à Primeira Cruzada, durante o Concílio de Clermont de 1095, explicita o interesse religioso que motivou o reverendo Clarke. Leitor de relatórios de viajantes anteriores, Clarke propôs-se a mapear (Mapa 6) os *verdadeiros* monumentos bíblicos, tendo sido, segundo Silberman, o primeiro a fazer uso de conhecimento secular, ao invés de tradições eclesiásticas, no exame dos antigos vestígios da Palestina (Silberman, 1982, p. 20). Entretanto, a abordagem inovadora não deve ser entendida como apreço por um cientificismo laico, senão como uma posição de quem se acreditava iluminado pela opção religiosa mais correta. Em sua narrativa de viagem, Clarke afirma:

Mas, embora o autor esteja pronto a admitir a impressão causada em seu pensamento pela santidade peculiar dessa região memorável, ele está muito longe de se dispor a enumerar, ou a tolerar, as superstições degradantes que, como ervas daninhas, poluíram por muito tempo aquela terra de “leite e mel”. Os que formaram suas noções de *Terra Santa*, e particularmente de *Jerusalém*, a partir das observações de Adrichomius, Sandys, Doubdan, Maundrell, Thevenot ou mesmo dos textos de Pococke e da interessante e recente peregrinação do Monsieur De Chateaubriand, encontrarão seus preconceitos com frequência atacados nas páginas seguintes. O autor ousou a ver esse país com outros olhos que não os daqueles monges; e aventurou-se a fazer das Escrituras, mais do que o fizeram Bede e Adammanus, como seu guia de visitas dos “*Lugares Sacros*,” – para prestar atenção mais que a um simples capítulo, ou melhor, a um simples verso, do Evangelho, que a todas as lendas e tradições dos Padres da Igreja.¹¹ (Clarke, 1817, pp. xvii-xviii)

O sentimento de “decepção” descrito por Clarke em relação aos lugares sagrados mantidos por “sacerdotes não-esclarecidos” incentivou-o a sair da rota tradicional de peregrinação, pois era, segundo ele, “[...] impossível de reconciliar a história da antiga

¹¹ *Yet, while the author is ready to acknowledge the impression made upon his mind by the peculiar sanctity of this memorable region, he is far from being willing to enumerate, or to tolerate, the degrading superstitions which, like noxious weeds, have long polluted that land of “milk and honey”. Those who have formed their notions of the Holy Land, and particularly of Jerusalem, from the observations of Adrichomius, Sandys, Doubdan, Maundrell, Thevenot, or even from the writings of Pococke, and the recent entertaining pilgrimage of Mons. De Chateaubriand, will find their prejudices frequently assailed in the following pages. The author has ventured to see the country with other eyes than those of Monks; and to make the Scriptures, rather than Bede or Adammanus, his guide in visiting “the Holy Places;” – to attend more than a single chapter, nay, to a single verse, of the Gospel, than to all the legends and traditions of the Fathers of the Church.*

Jerusalém com a aparência apresentada pela cidade moderna”¹². Tal fato o levou à descoberta de antigas tumbas cravadas em rocha, próximas à muralha sul da Cidade Velha, que Clarke acreditou comporem o bíblico Monte Sião. Também disso resultou a produção de uma narrativa da viagem à Terra Santa, de certa forma inédita, mas, ao mesmo tempo, inspirada por

[...] homens, que não creem estar nem um tiquinho mais próximos da salvação por estarem próximos ao Monte Calvário, tampouco por todas as indulgências, contas, rosários e crucifixos; manufaturados e vendidos pelos artesãos de Jerusalém – entre viajantes, que, numa era em que os sentimentos e opiniões a respeito de tais assuntos eram, sem dúvidas, diferentes daqueles mantidos agora, com grande humildade de espírito e simplicidade ímpar no modo de falar, “esperavam remissão dos pecados de nenhuma outra maneira que não em nome e pelos méritos do Nosso Senhor Jesus Cristo” – que fizeram sua peregrinação “não para conseguir algo com isso como se faz por meio de um bom trabalho; tampouco para visitar pedras e madeiras para obter indulgências; nem com a opinião de estar chegando mais próximo de Cristo” ao visitar Jerusalém, “porque todas essas coisas são diretamente contrárias à Escritura;” mas [peregrinaram] para “aumentar o cabedal geral de conhecimento útil”, para “propiciar ao leitor tanto o proveito quanto o prazer, que quem não teve oportunidade de visitar países estrangeiros possa tê-los diante de seus olhos como num mapa para ser contemplado; que outros possam ser incentivados a futuras investigações dessas coisas e induzidos a viajarem eles mesmos por essas partes”; que eles se possam “instruir nos costumes, nas leis e nas regras dos homens”; que “se possam investigar e descrever o estado, a condição, a situação e os modos atuais do mundo; não pela transcrição do que outros escreveram”, mas declarando com justiça o que “eles próprios viram, experienciaram e fizeram”, para que seus “esforços e diligência não sejam de modo algum vão”.

Eram esses os motivos, e esse o linguajar, de um viajante na Terra Santa desde, pelo menos, os meados do século XVI; quem, com o espírito liberal de um protestante ilustrado e pio, então se aventurava a expressar seus sentimentos, quando as fogueiras para queimar heréticos mal tinham sido até então extintas nesse país. Escrevendo cinco e trinta [sic] anos antes de Sandys começar sua jornada e dois séculos e meio antes de o Monsenhor Chateaubriand publicar sua divertida narrativa, ele oferece um exemplo singularmente contrastado com os detalhes lendários do autor francês no qual o espírito cavalheiresco e intolerante do século XI parece em singular associação com o gosto, o gênio e a literatura do XIX.¹³ (Clarke, 1817, pp. xix-xxii)

¹² [...] *impossible to reconcile the history of ancient Jerusalem with the appearance presented by the modern city.*

¹³ Nessa passagem, Clarke critica de Chateaubriand, considerado o primeiro exemplo da “literatura romântica de viagem”, que, segundo Soriano Nieto (2009, p. 19), não se preocupava em descrever o lugar visitado com uma objetividade verdadeira, pelo contrário, priorizava a narrativa “das sensações, impressões e recordações que [o viajante] produziu em sua subjetividade, em sua vivência oriental. [...] fala de como é a visão sensitiva e sensorial desse viajante, tendo em conta que aquilo que narra fala mais de si e de sua época, que do Oriente que toma como centro da narração.” [*“las sensaciones, impresiones y recuerdos que [el viajero] produjo en su subjetividad, en su vivencia Oriente. [...] habla de cómo es la visión sensitiva y sensual de ese viajero, teniendo en cuenta que lo que narra habla más de sí, y de la época, que del Oriente que toma como centro de*

Clarke é considerado o primeiro civil a explorar a região, mas, o título de pioneiro é atribuído a dois pesquisadores que viriam na sequência (Ben-Arieh, 1979, p. 31; Idinopulos, 1998, p. 29) e sobre os quais se discorre abaixo.

Ulrich J. Seetzen

*Peregrinatio notitiam dabit gentium, nouas tibi montium formas ostendet, inusitata spatia camporum et irriguas perennibus aquis ualles et alicuius fluminis sub observatione naturam.*¹⁴
Senec. epist. 104.

la narración.”] Nesse sentido, Clarke, identificando-se como um “viajante ilustrado”, acreditava produzir uma descrição fiel à realidade observada, enquanto seu antecessor francês havia produzido uma narrativa imprópria para o estudo científico. É interessante notar que, embora de forma não declarada, as narrativas não-românticas, que se propunham científicas, não estão isentas da subjetividade do autor. Se os interesses/objetivos eram distintos, tanto uma quanto a outra falam mais de seu próprio autor, de sua época e sociedade, do que do objeto a ser descrito. Clarke, filho de seu tempo, despreza as narrativas anteriores, mas tanto ele quanto seus contemporâneos, produtores de outras descrições ditas científicas da Palestina, descreveram impressões, experiências pessoais, sensações, muitas vezes para validar esses argumentos científicistas. Além disso, todos esses relatos tornaram-se, para os pesquisadores de hoje, documentos históricos e têm como tal seu valor. Como lembra Ben-Arieh (1979, p. 51), Chateaubriand tem uma descrição importante da Igreja do Santo Sepulcro, porque a visitou dois anos antes do incêndio que a destruiu.

[...] men, who do not believe themselves one jot nearer to salvation by their approximation to Mount Calvary, nor by all the indulgences, beads, rosaries, and crucifixes; manufactured and sold by the craftsmen of Jerusalem – among travellers, who, in an age when feelings and opinions upon such subjects were manifestly different from those now maintained, with great humbleness of spirit, and matchless simplicity of language, “expected remission of sin no other ways, but only in the name, and for the merits of our Lord Jesus Christ;” – who undertook their pilgrimage, “not to get any thing by it, as by a good work; nor to visit stone and wood to obtain indulgence; nor with opinion to come nearer to Christ” by visiting Jerusalem, “because all these things are directly contrary to Scripture; but to “increase the general stock of useful knowledge,” to “afford the Reader both profit and pleasure; that those who have no opportunity to visit foreign countries may have them before their eyes, as in a map, to contemplate; that others may be excited further to inquire into those things, and induced to travel themselves into those parts;” that they may be “instructed in the customs, laws, and orders of men;” that the present state, condition, situation, and manners of the world may be surveyed and described; not by transcribing what others have written,” but fairly stating what “they have themselves seen, experienced, and handled,” so that their “pains and diligence be not altogether vain.” Such were the motives, and such was the language, of a traveller in the Holy Land, so long ago as the middle of the sixteenth-century; who, with the liberal spirit of an enlightened and pious Protestant, thus ventured to express his sentiments, when the bonfires for burning heretics were as yet hardly extinguished in this country. Writing five and thirty years before Sandys began his journey, and two centuries and a half before Mons. De Chateaubriand published his entertaining narrative, he offers an example singularly contrasted with the French author’s legendary details; in which the chivalrous and bigoted spirit of the eleventh century seems singularly associated with the taste, the genius, and the literature of the nineteenth.

¹⁴ A peregrinação proporcionar-te-á o conhecimento dos povos, mostrará formas novas de montes, espaços não visitados de campos, vales regados por águas perenes, e a natureza de algum rio sob observação.

No ano seguinte, 1802, o alemão Ulrich Jasper Seetzen (1767-1811; Figura 7), tornar-se-ia o primeiro europeu, desde os cruzados, a viajar pela Palestina ocidental e “redescobrir” a parte leste do Mar da Galileia, o curso do Rio Jordão e as montanhas do Sinai (Mapa 7). Financiado principalmente pelos duques Aemil Leopold August, de Saxe-Gota-Altemburgo e Peter Friedrich Ludwig, de Holsácia-Oldemburgo, e, mais tarde pelo próprio Tsar Alexandre I da Rússia, Seetzen disfarçou-se de nativo¹⁵, transformou-se em Xeique Mussa e aventurou-se por regiões ainda proibidas, em prol da ciência e de sua consagração pessoal:

Esta viagem abre um território imenso ao meu anseio de saber (curiosidade). Enchi-me de entusiasmo por viajar. Nenhuma amarra indissolúvel me prende à minha pátria. Uma grande parte da Europa cultivada interessar-se-á por mim e por meu empreendimento, e, conforme eu corresponda ou não à sua expectativa, será minha glória ou minha ignomínia grande. Incitado pela ambição e pela sanha por conhecimento, quero buscar realizar os preceitos desse plano e alcançar o objetivo que estabeleci ou sucumbir ao tentá-lo.¹⁶ (Kruse, 1854, p. xviii)¹⁷

É atribuída a ele a descoberta da cidade de Gérasa, na Jordânia, citada indiretamente na *Bíblia* como “região dos gerasenos”¹⁸ e também de Filadelfia – nome helenístico de Rabbat-Ammon, compreendida atualmente pela moderna Amã – ambas pertencentes às Decápolis. Além disso, o viajante coletou e enviou para a Europa artefatos, moedas,

¹⁵ Para Seetzen, assim como para Burckhardt, Buckingham e outros viajantes desse período, assemelhar-se a um nativo poderia expressar interesse pelo exotismo que a cultura oriental representava entre os europeus do período, mas também poderia tratar-se de uma estratégia de sobrevivência. Segundo o organizador de suas anotações de viagem, isso foi para Seetzen quase uma obsessão: “[...] Considerava necessária a mais perfeita assimilação possível de si mesmo em relação aos habitantes das regiões a serem percorridas. Quanto aos usos e costumes; ao modo cotidiano de viver, à roupa, à língua e à religião, pretendia igualar-se aos habitantes do oriente. Até mesmo à cor de sua tez queria dar outro aspecto.” „[...] *Er hielt dazu eine möglichst vollständige Assimilierung seiner selbst mit den Bewohnern der zu bereisenden Gegenden für notwendig. In Sitten, Gebräuchen; täglicher Lebensart, Kleidung, Sprache und in der Religion dachte er sich ganz den Einwohnern des Orients gleich zu machen. Ja selbst seiner Gesichtsfarbe, wollte er ein anderes Ansehn verschaffen.*“

¹⁶ *Diese Reise öffnet meiner Wissbegierde ein unermessliches Feld. Ich bin schwärmerisch für Reisen eigenommen. Keine unauflösliche Verbindung fesselt mich an mein Vaterland. Ein grosser Theil des cultivierten Europa wird sich für mich und mein Unternehmen interessieren, und, je nachdem ich seiner Erwartung entspreche, oder nicht, wird mein Ruhm oder meine Schande gros seyn. Durch Ehrbegierde und Sucht nach Kenntnissen angespornt, will ich die Vorschriften dieses Planes zu erfüllen suchen, und das mir vorgesteckte Ziel erreichen, oder im Laufe dahin zu Grunde gehen!*

¹⁷ A citação acima, juntamente com o trecho da epístola de Sêneca abriam e fechavam, respectivamente, as anotações dos planos de viagem de Seetzen.

¹⁸ Há, nas diferentes traduções da Bíblia para o português, opções diversas para o gentílico correspondente a Gérasa. João Ferreira de Almeida, na versão corrigida de 1995, usa “província dos gadarenos”, em *Mc* 5:1, e “terra dos gadarenos” em *Lc* 8:26; já na versão revista e atualizada, de 1993, aparece “terra dos gerasenos” para ambos evangelistas.

amostras de plantas, sementes, insetos e pequenos animais, de todos os lugares por onde havia passado. Embora, para o desenvolvimento atual das pesquisas sobre a região, poucos achados de Seetzen sejam consideradas importantes, à época suas descobertas tiveram grande impacto. Mesmo se queixando de dificuldades financeiras durante boa parte de sua expedição, quando se comparava aos outros viajantes europeus, Seetzen avançou como nenhum outro e, com isso, provocou comentários de outros exploradores. Burckhardt o cita diversas vezes em seus diários e cartas, ora admirando-se, ora alertando para seu progresso, como no trecho a seguir, em carta que, segundo Ben-Arieh (1979, pp. 36-37), fora enviada a Mr. Banks, membro da *Association for Promoting the Discovery of the interior parts of Africa*, em abril de 1808:

Você ficará muito interessado em ouvir que, neste momento, está sendo feita uma tentativa de explorar o interior da África, e que eu, sem saber, dei início à minha expedição como rival de um cavalheiro que está, provavelmente, a esta altura em plena ação. Foi-me permitido uma leitura minuciosa de uma carta do Dr. Seetzen ao Sr. Barker, que é mercante em Malta e irmão do cônsul britânico em Alepo. Dr. Seetzen é um médico alemão, que foi enviado cinco ou seis anos atrás, pelo duque de Saxe-Gota ao Levante, para coletar manuscritos e curiosidades orientais. Ele residiu por um período de tempo considerável em Constantinopla, em Esmirna, Alepo, Damasco e, pelos últimos dezoito meses, no Cairo, de onde saiu sua carta ao Sr. Baker, datada de 9 de fevereiro passado. Depois de destacar que ele enviou do Cairo uma coleção de mil e quinhentos manuscritos e de três mil objetos de antiguidade diferentes para Gota, ele informa o Sr. Baker que e está esperando pela próxima caravana a sair para Suez, a qual ele acredita seguir pela costa leste do Mar Vermelho e depois adentrar pela África ao sul da linha para explorar suas partes interiores. Tais são suas expressões.¹⁹

Além disso, um de seus relatórios foi traduzido e publicado na Inglaterra com o título de *A brief account of the Countries adjoining the Lake of Tiberias, the Jordan, and the Dead Sea*. Segundo Silberman (1982, p. 22), apesar de sua origem germânica, o texto

¹⁹ *You will be much interested in hearing that at this moment an attempt is making to explore the interior of Africa; and that I have unknowingly entered upon my expedition as rival to a gentlemen Who is probably by this time in the scene of action. I was allowed the perusal of a letter from Dr. Seetzen to Mr. Barker, who is a merchant of Malta and brother to the British Consul at Aleppo. Dr. Seetzen is a German Physician, who was sent five or six years ago by the Duke of Saxe-Gotha into the Levant, to collect manuscripts and Eastern curiosities. He has resided for a considerable length of time at Constantinople, at Smyrna, at Aleppo, at Damascus, and for the last eighteenth months at Cairo, from whence his letter to Mr. Barker is dated on the 9th of February last. After remarking that he had sent off from Cairo to Gotha a collection of fifteen hundred manuscripts and three thousand different objects of antiquity, he informs Mr. Barker that he is waiting for the next caravan to set out for Suez; that he means to go down the eastern coast of the Red Sea, and then entering Africa to the southward of the line, to explore its interior parts. Such are his expressions.*

foi bem aceito entre o público britânico, já que ofereceu o primeiro contato com as cidades bíblicas de Aurã (Cf. *Ex.47,16*), Basã (Cf. *Nm.21,33 et passim*), Galaad (Cf. *Gn.31,21 et passim*) e Moab (Cf. *Gn.19,37 et passim*)²⁰.

Em 1810, no entanto, Seetzen interrompeu o contato com a Europa. A notícia de sua morte chegou anos depois. A informação mais constante, que deve se basear no relato de Burckhardt, é que seu disfarce teria sido descoberto e ele teria sido envenenado por ordem do Imã do Iêmen, em 1811. De acordo com Ben-Arieh (1979, p. 33),

[...] o fato de ele ter carregado espécies de cobras preservadas em álcool pode ter dado a ele, aos olhos locais, a aparência de um curandeiro. Suas inspeções e investigações incessantes e seus estudos de astronomia também podem ter suscitado desconfiança e medo.²¹

Seus diários foram reunidos e publicados em 1854, juntamente com uma breve biografia e descrição de artigos enviados à coleção do duque de Gotha, durante os primeiros anos de sua viagem.

Johann L. Burckhardt

*Os tesouros deste país não estão debaixo da terra; eles vêm de Deus e estão na superfície da terra. Trabalhem a terra e semeiem-na e vocês encontrarão o maior tesouro, numa colheita abundante.*²² (Burckhardt, 1822, p. 40)

O suíço Johann Ludwig Burckhardt (1784-1817) teve Clarke como professor em Cambridge, de quem adquiriu o interesse pelas viagens em territórios ainda pouco

²⁰ É comum encontrar também, nas traduções brasileiras da Bíblia, Gileade e Moabe, como escreve João Almeida de Ferreira.

²¹ [...] *the fact that he carried specimens of snake preserved in alcohol may have given him, in their eyes [of the local people], the appearance of a witch-doctor. His ceaseless inspections and investigations, and his studies in astronomy also may have aroused mistrust and fear.*

²² No trecho acima, a resposta de Burckhardt a um nativo que lhe havia perguntado se o objetivo de sua viagem era tomar posse dos tesouros da região. *The treasures of this country are not beneath the earth; they come from God, and are on the surface of the earth. Work your fields and sow them; and you will find the greatest treasure in an abundant harvest.*

explorados. A serviço de uma sociedade inglesa de pesquisa²³, como Xeique Ibrahim (Figura 10), segue, de forma geral, os passos de Seetzen, a quem chamava “the most indefatigable traveller that ever visited Syria” (Burckhardt, 1822, p. 390). Inconformado com o fato de não haver nenhum viajante inglês na região, desde a paz com os turcos, já que o momento era mais favorável do que nunca (Otter, 1824, p. 589) Burckhardt critica:

[...] viajantes ingleses deveriam começar suas excursões pela Síria, não pelo Egito, por muitas razões. Era de se esperar que ao invés de seguirem as rotas comuns das caravanas, todo viajante deveria fazer questão de visitar alguns lugares desconhecidos. O que permanece desconhecido na Síria, mesmo depois das viagens de Seetzen, deve ser publicado [...]. Eu estou sempre esperando para ouvir sobre a chegada de algum viajante na Palestina; ele encontraria ainda muito trabalho e espaço para descobertas.²⁴ (Burckhardt, 1822, p. 597)

Além disso, segundo ele, a vinda de viajantes-exploradores europeus era imperiosa, já que não se podia confiar no julgamento dos nativos quanto à importância de artefatos e ruínas:

[...] um viajante deve, se possível, ver tudo com seus próprios olhos, já que não se deve depender apenas do relato dos árabes no que diz respeito ao que há de interessante em se tratando de antiguidades: eles valorizam coisas que, quando examinadas, mostram não ter interesse algum e falam com indiferença daquelas que são curiosas e importantes.²⁵ (Burckhardt, 1822, p. 439)

Após se queixar de não obter sucesso em sua expedição à Síria, em 1812, Burckhardt localizou a cidade antiga de Petra, tarefa em que Seetzen teria falhado (Leake, 1822, pp. v-vi). Além de citada no Antigo Testamento, a cidade cravada na rocha é descrita por outras fontes antigas, como Erastótenes, Estrabão, Plínio, Josefo, Eusébio, Jerônimo. A

²³ Burckhardt servia a *Association for Promoting the Discovery of the interior parts of Africa*, e suas viagens pela Síria e Palestina tinham a intenção de, ao explorar territórios pouco conhecidos pelos europeus, preparar-se, no que diz respeito ao conhecimento da língua e história árabe e costumes nativos, para seu principal destino (Leake, 1822).

²⁴ [...] *English travellers ought to begin their excursions with Syria, not with Egypt, for many reasons. It were to be wished that instead of going the common caravan roads, every traveler should make it a point of visiting some unknown places. What remains unknown in Syria, even after Seetzen's travels may be published [...] I have constantly been in expectation of hearing of the arrival of a Palestine traveller, he would still find plenty of business, and room for discoveries.*

²⁵ [...] *A traveller ought, if possible, to see every thing with his own eyes, for the reports of the Arabs are little to be depended on, with regard to what may be interesting, in point of antiquity: they often extol things which upon examination, prove to be of no kind of interest, and speak with indifference of those which are curious and important.*

descoberta considerada, *a posteriori*, a mais importante de sua viagem, foi descrita em carta a Edward Clarke, datada de 20 de novembro de 1812, sem grande entusiasmo. Em seu próprio relatório de viagem, apesar de dar indícios suficientes de sua certeza, o suíço prefere não afirmar que se tratava, de fato, de Petra:

Em se comparando os testemunhos de autores citados na obra *Palaestina* de Reland, parece muito provável que as ruínas em Wady Musa sejam as da antiga Petra, [...] Disso Of this, pelo menos eu estou convencido, a partir de todas as informações que procurei, de que não há nenhuma outra ruína entre as extremidades do Mar Morto e do Mar Vermelho suficientemente importante para corresponder àquela cidade. Se eu descobri os vestígios da capital de Arabia Petrae, ou não, eu deixo a decisão para os estudiosos de grego, e devo apenas acrescentar algumas notas dessas ruínas.²⁶ (Burckhardt, 1822, p. 439)

Burckhardt, assim como seu predecessor, não conclui sua expedição. No ano de 1817, ele morre supostamente de malária, no Cairo.

A metodologia utilizada por ambos pioneiros confere a importância mais valiosa de seus trabalhos. Suas expedições trouxeram uma grande quantidade de informações novas, obtidas graças aos disfarces e das aventuras por rotas menos conhecidas, porque mais perigosas. Daí a publicação do Mapa do Mar da Galileia, do Vale do Jordão e do Mar Morto, pela *Palestine Association*, em 1810, a partir dos documentos de Seetzen. Da descrição de Burckhardt sobre o vale do Aravá, pesquisadores começaram a desenvolver a teoria da ligação tectônica entre os mares Morto e Vermelho (Ben-Arieh, 1979, p. 41). E, pela primeira vez, graças ao conhecimento aprofundado de Árabe e Hebraico, perceberam a importância do entendimento dos topônimos em Árabe, para a localização de sítios antigos, já que os nomes gregos e romanos haviam sido abandonados.

James S. Buckingham

²⁶ *In comparing the testimonies of the authors cited in Reland's Palaestina, it appears very probably that the ruins in Wady Mousa are those of the ancient Petra, [...] Of this, at least I am persuaded, from all the information I procured, that there is no other ruin between the extremities of the Dead sea and Red sea, of sufficient importance to answer to that city. Whether or not I have discovered the remains of the capital of Arabia Petrae, I leave to the decision of Greek scholars, and shall only subjoin a few notes of these ruins.*

*Como o berço da nossa religião e cenário de tudo que é venerável na Sagrada Escritura; como o local de nascimento de uma fábula clássica misturada com a história fenícia; como palco das mais heroicas façanhas durante as guerras judaicas, romanas e sarracenas; como campo umedecido com o melhor sangue dos nossos ancestrais no período selvagem e romântico das Cruzadas; e até agora, no momento presente, como uma formosa amável porção da Terra, ainda favorecida pelo orvalho dos céus e abençoada com o mais favorável céu; é impossível passar por ela com indiferença e, igualmente, não estabelecer alguns valores e impressões que esses objetos e recordações excitam.*²⁷ (Buckingham, 1821, p. vi)

James Silk Buckingham (1786-1855) atribui seu interesse pela aventura à experiência de ter sido feito prisioneiro de guerra, com apenas 10 anos de idade, “[...] um elemento que tem mais charmes para mim, que medos”²⁸ (Buckingham, 1821, p. vii). Tal experiência aliada a diversas viagens anteriores o teriam preparado para a expedição à Palestina, de 1816:

[...] o objeto dessa narrativa introdutória tem sido mostrar que eu dei início a isso com algumas qualificações bem medíocres, é verdade, mas, no entanto, com algumas vantagens muito essenciais. Eu possuía um ardor na busca por investigar e pesquisar, que todos meus sofrimentos prévios não abatera nem um pouco. Desfrutava de uma compleição saudável e de grande força física, com a capacidade de adequar-me aos modos estrangeiros por ter vivido grande parte de minha vida fora da Inglaterra; e de uma familiaridade profunda com os hábitos e a religião nacionais do povo com quem eu estava prestes a me associar; assim como de um conhecimento suficiente de sua língua para todos os propósitos corriqueiros da vida, ou os que não incluíam uma familiaridade crítica com sua ciência ou sua literatura.²⁹ (Buckingham, 1821, p. xiv)

²⁷ *As the cradle of our religion, and the scene of all that is venerable in Holy Writ; as the birth-place of classical fable, interwoven with Phoenician history; as a theatre of the most heroic exploits during the Jewish, the Roman, and the Saracenic wars; as a field moistened with the best blood of our ancestors in the wild and romantic age of the crusades; and even now, at the present hour, as a fair and lovely portion of the earth, still favoured with the dews of heaven, and blessed with the most benignant sky; it is impossible to pass through it with indifference, and equally so, not to set some value on the impressions which these objects and these recollections excite.*

²⁸ [...] *an element that had more charms for me than terrors.*

²⁹ [...] *the object of this introductory narrative has been to show, that I set out on them with some very ordinary qualifications, it is true, but yet with some very essential advantages. I possessed an ardour in the pursuit of enquiry and research, which all my previous sufferings had not in the least abated. I enjoyed a sound constitution, and great physical strength, with a capacity of conforming to foreign manners, from having been the greater part of my life out of England; and an intimate acquaintance with the national habits and religion of the people with whom I was about to associate; as well as sufficient knowledge of their language for all the ordinary purposes of life, or such as did not include a critical acquaintance with their science or their literature.*

À época da viagem de Buckingham, após tantas investidas, a Palestina havia deixado de ser *terra* completamente *incognita*. Com isso, para justificar aos seus patrocinadores que sua expedição poderia, ainda, contribuir para o conhecimento científico da região, o inglês, após uma retrospectiva de viajantes-peregrinos anteriores, afirma:

No entanto, entre todos aqueles que fizeram da Terra Santa a cena de suas pesquisas, não houve um só que não concebeu estar apto a corrigir os trabalhos de seus predecessores e a lhes acrescentar algo, e, de fato, não houve alguém que, na realidade, não notou alguma coisa de interessante, da qual, antes, se fizera pouco caso [...]. Venho, pois, como os que me precederam, com uma profissão de insatisfação com a incompletude de tudo quanto foi escrito antes e com a fé e a convicção de que estou apto a acrescentar algo de novo e interessante ao fundo geral do conhecimento humano e, mais particularmente, à nossa familiaridade local com o país da Judeia.³⁰ (1821, pp. v-vi)

Sua rota baseava-se na de Burckhardt – com quem se encontrou algumas vezes pelo caminho –, assim como dele teriam vindo conselhos, como o do disfarce (Figura 9, Mapa 8). No entanto, o interesse de Buckingham parece não ter se voltado para as riquezas do passado, mas sim para as do presente (Silberman, 1982, p. 23). De acordo com Ben-Arieh, o livro de Buckingham trouxe informações significativas sobre a situação política da região, sobre as atividades do povo, assim como sobre seus hábitos alimentares e vestimentas (1979, p. 43).

O sucesso de sua expedição, justificado abaixo pelo próprio Buckingham, fecha um ciclo de investidas britânicas pelo domínio de rotas comerciais para o Oriente. “Domínio” usado, aqui, primeiramente na acepção de conhecimento profundo.

As oportunidades de que desfrutei para visitar mesmo aquelas partes mais comumente conhecidas da Palestina acompanharam-se de circunstâncias mais favoráveis do que, em geral, é a sina dos viajantes europeus nessas regiões. A maior parte do país, eu atravessei como um nativo, vestindo as roupas e falando a língua dos árabes e, desse modo, travando francos intercursos com as pessoas nos momentos em que estavam mais desprevenidas e abrindo fontes de informação que, de outro modo, teriam sido inacessíveis. A partir de circunstâncias de uma natureza peculiar, tive a possibilidade de cruzar esse país num número e numa

³⁰ *Yet among all those who have made the Holy Land the scene of their researches, there has not been one who did not conceive that he was able to correct and add to the labours of his predecessors, and, indeed, who did not really notice something of interest which had been disregarded before. [...] I come then, like those who have preceded me with a profession of dissatisfaction at the incompleteness of all that has been written before, and with the belief and assurance that I am able to add something new and interesting to the general fund of human knowledge, and more particularly to our local acquaintance with the country of Judea.*

variedade de direções bem maiores do que jamais fizera antes, até onde eu saiba, qualquer um viajante particular; e, embora isso interrompesse a velocidade do meu progresso, teve como resultado a vantagem de possibilitar-me corrigir diversos erros geográficos e verificar as posições visitadas nessas rotas variadas.³¹ (Buckingham, 1821, p. xix)

O impacto causado pela publicação dessas narrativas, recheadas de aventuras, cujas informações haviam muitas vezes sido obtidas “sob circunstâncias perigosas” acendeu a imaginação dos seus contemporâneos. O fim trágico ou o perigo vivido pelos exploradores, em especial os britânicos, estimulou, ainda mais, um certo orgulho patriótico, na medida em que a Inglaterra assumia a liderança no cenário geopolítico internacional. (Díaz-Andreu, 2007, p. 148; Shadur, 1999, p. 27; Silberman, 1982, p. 25).

A expectativa do fim do Mundo

Nos anos seguintes, o número de viajantes cresceu consideravelmente, mas esse ímpeto exploratório não era mais o carro-chefe. Missionários protestantes, preocupados com a situação dos cristãos na Terra Santa, promoveram a maioria das viagens do período.

No fim do século XVIII, havia, entre alguns protestantes, uma crença de que o fim do mundo se aproximava. O lançamento do livro *The Signs of the Times*³², do clérigo

³¹ *The opportunities which I enjoyed of visiting even those parts of Palestine most familiarly known, were accompanied with more favourable circumstances than usually falls to the lot of European travellers in these regions. Through the greater part of the country I passed as a native of it, wearing the dress and speaking the language of the Arabs, and by these means commanding a free intercourse with the people in their most unguarded moments, and opening sources of information which would otherwise have been inaccessible. From circumstances of a peculiar nature, I had occasion to cross this country in a greater number and variety of directions than has ever been done by any individual traveller before, as far as I am aware of; and although this interrupted the speed of my progress, it was attended with the advantage of enabling me to correct many geographical errors, and to verify the positions visited in these various routes.*

³² O título completo do livro é *The Signs of the Times, or the Overthrow of the Papal Tyranny in France, the Prelude of Destruction to Popery and Despotism, but of peace to Mankind*. Nele, Bicheno defende que a redenção messiânica estava destinada primeiro aos judeus, que deveriam retornar à Terra Santa e lá serem convertidos à fé cristã. Isso significava, para esses milenaristas, que a Inglaterra devia, de acordo com a vontade divina, empenhar esforços para acabar com o exílio judeu e ajudá-los no retorno à Palestina. Segundo Idinopulos (1998, p. 76), foi baseado nessa crença e na percepção de que “[...] enquanto os cristãos latinos da Palestina eram protegidos pela França católica e os gregos e árabes ortodoxos defendidos pela Rússia, os judeus não tinha nenhuma nação europeia com a qual pudessem contar para apoiá-los contra a exploração do domínio otomano.” “[...] while Palestine’s Latin Christians were protected by Catholic France, and the

anglicano James Bicheno, em 1792, teria acentuado as preocupações milenaristas, e a Terra Santa, palco central do Armagedom, deveria estar preparada para a volta de Jesus Cristo (1982, pp. 28-30).

A onda de exploração que se seguiu à invasão de Napoleão à Palestina mostrou claramente o quanto permanecia por ser feito lá, se a Jerusalém Celeste houvesse, de fato, de se manifestar dentro do curso da existência atual. Os relatos dos primeiros exploradores confirmaram cada detalhe da pobreza, da opressão e das garras aparentemente intratáveis da ignorância que recaíam sobre toda a população do país. Não apenas os muçulmanos “fanáticos” e os judeus “cabeças-dura” teriam de ser convertidos, mas também os cristãos locais, amarrados aos ensinamentos dogmáticos das Igrejas católica e ortodoxa.³³ (Silberman, 1982, p. 30)

As inglesas *Church Missionary Society* e a *London Jews Society* enviaram diversos missionários para a Palestina. É nesse contexto também que começa, então, a participação norte-americana³⁴. É de se destacar os primeiros esforços de Levi Parsons (1792-1822) e Pliny Fisk (1872-1825), pois embora a saúde do primeiro não tenha resistido à missão e ele tenha falecido apenas dois anos após a partida, e o segundo tenha sido morto por bandidos, eles teriam conseguido incomodar as autoridades locais e até o Vaticano, ao distribuir, na Palestina, Bíblias traduzidas. Após a morte de Fisk, os protestantes recuaram; eles haviam concluído que “the real enemy was not the ignorance or superstition of the people, but the vested interests of the Catholic and Orthodox churches.” (Silberman, 1982, p. 35).

Greek and Arab Orthodox shielded by Russia, the Jews had no European nation they could look to for support against the exploitiveness of Otoman rule”] (Idinopulos, 1998, p. 78), o que fez com que os ingleses resolvessem proteger os judeus palestinos, quando da fundação de seu consulado em Jerusalém, como se discute a diante.

³³ *The wave of exploration that followed Napoleon’s invasion of Palestine clearly showed how much remained to be done there if the Heavenly Jerusalem were indeed to manifest itself within current lifetimes. The accounts of the early explorers confirmed every detail of the poverty, oppression, and seemingly intractable grip of ignorance over all the people of the country. Not only the “fanatical” Muslims and “stiff-necked” Jews would have to be converted, but also the local Christians, bound to the dogmatic teachings of the Catholic and Orthodox churches.*

³⁴ É consenso entre os estudiosos das primeiras expedições norte-americanas à Palestina conferirem a elas o caráter exclusivamente missionário. Segundo Silberman, o movimento missionário foi “[...] antes de 1856, a **única presença** americana **organizada** no Levante” [*“before 1856, the **sole organised** American presence in the Levant”*] (1998, p. 179). Cabe ressaltar, no entanto, que as expedições de Robinson não tinham necessariamente objetivos evangelizadores, e a viagem de Lynch pelo Mar Morto (ambas serão discutidas na sequência) tinha oficialmente função econômico-militar. Além disso, o *status* de missão religiosa não ausenta a expedição de interesses imperialistas.

O retorno aconteceria no fim dos anos 1830. Nesse intervalo, o quadro político modificou-se. No ano de 1831, uma invasão egípcia à Palestina resultou no seu controle, juntamente com o da Síria, nas mãos de Ibrahim Paxá, comandante e filho de Mohammed Ali, governador do Egito. Graças às suas medidas governamentais, o número de ataques às rotas dos viajantes diminuiu e a exploração da região tornou-se menos arriscada aos olhos ocidentais. Com isso, novas publicações sobre a geografia e os costumes da Palestina surgiram, com destaque para as diversas tentativas de mapear Jerusalém (Ben-Arieh, 1979, pp. 75-84).

Edward Robinson

*Que Ele, que, até aqui, me amparou, o torne útil [este livro] para a elucidação de Sua verdade.*³⁵ (Robinson & Smith, 1856, p. xx)

Em 1838, as condições mais favoráveis incentivaram o retorno da missão norte-americana e contribuíram para o sucesso da expedição de Edward Robinson (1794-1863; Figura 13), considerada ponto de inflexão na história da pesquisa científica moderna na Palestina.

Robinson havia se formado em estudos bíblicos no conservador *Andover Theological Seminar*, em Massachusetts, onde viria, mais tarde, a lecionar. Era também conhecedor de matemática, letras e geografia – a última graças ao contato com Carl Ritter – alemão, considerado ao lado de Alexander von Humboldt fundador da Geografia) – quando esteve em Berlim. Ainda em 1838, acompanhado do missionário Eli Smith (1801-1857), inicia a viagem de dois meses e meio pelo Levante, para onde voltam, em 1852, numa nova expedição. O resultado das pesquisas é a obra, que marcou época, composta a partir dos diários de viagens e publicada, em 1841 como *Biblical Researches in Palestina, and the Adjacent Regions*; no ano seguinte, ganhou um Suplemento e em 1856, uma nova edição de três volumes, com novos mapas e planos, além da publicação da segunda etapa da viagem,

³⁵ *May He, Who has thus far sustained me, make it useful for the elucidation of His truth.*

sob o título de *Later Biblical Researches in Palestina*. O conjunto é considerado o núcleo epistemológico da Arqueologia Bíblica até hoje (Silberman, 2001, p. 492).

Embora fortemente orientado pelo aspecto missionário, o objetivo central da viagem era explorar aspectos topográficos e geográficos da Terra Santa. No conceito de Geografia de Robinson, formado a partir de Ritter, compreende-se também a relação com a natureza e com a história do Homem (Alt, 1939, p. 375). Por outro lado, era, antes de tudo, a Bíblia o guia da expedição: “[...] Robinson tratava o texto bíblico como o padrão para se julgar outra evidência. Ele o considerava como já verificado, por isso passível de ser usado numa investigação científica”³⁶ (Davis, 2004, p. 10). E foi sua crença que teria sido o impulso inicial da expedição:

[...] Meu primeiro motivo fora a simples recompensa de sentimentos pessoais. Como no caso da maioria dos meus compatriotas, em especial, da Nova Inglaterra, as cenas da Bíblia deixaram uma profunda impressão sobre minha mente desde a mais tenra idade; e, depois, nos anos da maturidade, a história da raça humana. De fato, em nenhum país do mundo, talvez esteja mais amplamente difundido tal sentimento do que na Nova Inglaterra. Em nenhum país, são as Escrituras melhor conhecidas ou estimadas em maior grau. Desde os primeiros anos, a criança de lá é acostumada não apenas a ler a Bíblia para si; mas também ler ou ouvi-la nas preces matinais e vespertinas da família, todos os dias na escola do povoado, na escola dominical e na aula de Bíblia, e nos ministérios semanais do templo. Onde, tão logo ela cresça, os nomes Sinai, Jerusalém, Belém, a Terra Prometida, vêm associados a suas mais tenras recordações e seus sentimentos mais sagrados. Com tudo isso, no meu caso, aí veio, em seguida, a se juntar um motivo científico. Eu considerei por muito tempo a preparação de uma obra de Geografia bíblica; e desejei satisfazer-me com observações pessoais no tocante a diversos pontos sobre os quais não pude encontrar nenhuma informação nos livros dos viajantes.³⁷ (1856, p. 31).

³⁶ “[...] Robinson treated the biblical text as the standard by which to judge other evidence. He considered it already verified, hence used in a scientific inquiry”

³⁷ “[...] My first motive had been simply the gratification of personal feelings. As in the case of most of my countrymen, especially in New England, the scenes of the Bible had made a deep impression upon my mind from the earliest childhood; and afterwards in riper years history of the human race. Indeed in no country of the world, perhaps, is such a feeling more widely diffused than in New England. In no country are the Scriptures better known, or more highly prized. From his earliest years the child is there accustomed not only to read the Bible for himself; but he also reads or listens to it in the morning and evening devotions of the family, in the daily village-school, in the Sunday-school and Bible-class, and in the weekly ministrations of the sanctuary. Hence, as he grows up, the names of Sinai, Jerusalem, Bethlehem, the Promised Land, become associate with his earliest recollections and holiest feelings. – With all this, in my own case, there had subsequently become connected a scientific motive. I had long meditated the preparation of a work on Biblical Geography; and wished to satisfy myself by personal observations, as to many points on which I could find no information in the books of travellers.

Ainda que não fosse o projeto inicial, Robinson decidiu – segundo ele próprio, por sugestões de amigos (Robinson & Smith, 1856, p. vii) – publicar os diários completos da viagem, contendo as impressões pessoais, dificuldades e anedotas³⁸. Eventualmente, ele deixa o objetivo acadêmico de lado, para narrar suas sensações como peregrino, como na primeira vez em que esteve em Jerusalém:

Os sentimentos de um viajante cristão ao se aproximar de Jerusalém podem-se melhor imaginar que descrever. Os meus foram fortemente excitados. Diante de nós, assim que nos aproximamos, jaziam Sião, o Monte das Oliveiras, os Vales de Hinom e de Jeosafá e outros objetos do mais profundo interesse, ao passo que, coroando os cumes desses mesmos antigos morros, se espalhava a cidade onde o Deus de outrora residira, e onde o Salvador do mundo vivera, ensinara e morrerá. Desde a mais tenra idade, eu estudara e lera sobre as localidades desse sítio sagrado; agora eu os fitava com meus próprios olhos, e todos me pareciam familiares, como que na realização de um sonho passado. Eu parecia estar de novo em meio a acalentadas cenas da meninice, há muito não visitadas, mas, de fato, inconfundivelmente recordadas; e foi uma interrupção quase dolorida, quando meu companheiro (que estivera aqui antes) começou a apontar e a nomear os vários objetos que estavam à vista. Por fim, “Nossos passos já se detêm às tuas portas, Jerusalém! - haja paz em teus muros e repouso em teus palácios!”³⁹ (Robinson & Smith, 1856, p. 221)

³⁸ Robinson, assim como Clarke, rejeita as descrições romantizadas, como a dos franceses de Chateaubriand e Lamartine, este autor de *Souvenirs, impressions et paysages pendant un voyage en Orient*. A opção de Robinson de adicionar à descrição “objetiva e científica” um aspecto quase autobiográfico curiosamente o aproxima a de Chateaubriand, segundo o qual: “[...] No fim, é o homem, bem mais que o autor, que se verá por todos os lados; falo eternamente de mim, e seguramente disso eu falava, já que não contava com a publicação dessas Memórias. Mas como não tenho nada no coração que receie mostrar para fora, não pudei nada das minhas notas originais” (de Chateaubriand, *Itinéraire de Paris à Jerusalem*, Paris: Garnier-Flammariion, 1968, p.41 *apud* Soriano Nieto, 2009, p. 58). É curioso notar que essa crítica objetivista característica à época de Clarke e Robinson ainda tem espaço entre os autores contemporâneos. Ben-Arieh, por exemplo, parece concordar que não poderia haver nada de valor “in Lamartine’s fancies and rhetoric”. Segundo ele, “[...] *Souvenirs, impressions et paysages pendant un voyage en Orient* foi traduzido para outras línguas altamente exaltado pelas descrições ricas e poéticas do país e por suas ilustrações de vistas esplêndidas de Lamartine. Todavia, há pouca informação concreta sobre a condição da Palestina, sob a retórica florida.” (1979, pp. 70-71). [*Au reste c’est l’homme, beaucoup plus que l’auteur, que l’on verra partout; je parle éternellement de moi, et j’en parlais en sûreté, puisque je ne comptais point publier ces Mémoires. Mais comme je n’ai rien dans le couer que je craigne de montrer au dehors, je n’ai rien retranché de mes notes originales.*] [Souvenirs, impressions et paysages pendant un voyage en Orient was translated into other languages and highly praised for Lamartine’s rich, poetic descriptions of the country and his drawings of its splendid views. Nevertheless, there is little concretic information about the condition of Palestine beneath the flowery rhetoric.]

³⁹ *The feelings of a Christian traveller on approaching Jerusalem, can be better conceived than described. Mine were strongly excited. Before us, as we drew near, lay Zion, the mount of Olives, the vales of Hinnon, and Jehoshaphat, and other objects of the deepest interest; while, crowning the summits of the same ancient hills, was spread out the city where God of old had dwelt, and where the Saviour of the world had lived and taught and died. From the earliest childhood I had read of and studied the localities of this sacred spot; now I beheld them with my own eyes; and they all seemed familiar to me, as if the realization of a former dream. I seemed to be again along cherished scenes of childhood, long unvisited, indeed, but distinctly recollected;*

No entanto, não foram as descrições emocionadas que lhe conferiram o título de “pai da Arqueologia Bíblica”, quase unânime entre os especialistas. Em poucas semanas, a dupla identificou e mapeou mais de cem sítios bíblicos, cuja localização da maioria é dada, hoje em dia, por correta (Mapa 9). Assim como Seetzen e Burckhardt já haviam notado, Robinson conclui que a chave para a correta localização de cidades bíblicas passava por saber reconhecer os processos de mudança fonética pelos quais os topônimos árabes modernos correspondentes passaram, desde o momento em que o contato entre as duas línguas possibilitou a entrada, por empréstimo, dos antigos topônimos hebraicos na língua árabe antiga e, dessa última, por evolução fonética, até a sua forma moderna. Esses não foram, evidentemente, os termos empregados por Robinson. O modo como definiu essas mudanças fonéticas, e também como as julgou, será discutido mais adiante, mas cabe, aqui, já citar sua explicação.

[...] Os nomes hebraicos dos lugares continuaram correntes em sua forma arameia muito tempo depois do período do Novo Testamento e se mantiveram na boca das pessoas simples, a despeito do esforço feito por gregos e romanos para suplantá-los por outros derivados de suas próprias línguas. Depois da conquista maometana, quando a língua arameia aos poucos deu lugar ao aparentado árabe, os nomes próprios dos lugares, que os gregos jamais conseguiram curvar à sua ortografia, encontraram aqui uma rápida aceitação e, desde então, continuam a viver sobre os lábios dos árabes, seja cristão ou muçulmano, cidadão ou beduíno, invariavelmente até os nossos dias, quase na mesma forma em que também nos foram transmitidos nas Escrituras hebraicas.⁴⁰ (Robinson & Smith, 1856, p. 255)

Na Cidade Velha de Jerusalém, foi feita talvez sua descoberta mais lembrada atualmente, imortalizada com seu nome: o Arco de Robinson (Figura 11 e Figura 12).

Abaixo a descrição da descoberta:

Já relatei na seção anterior que, durante nossa primeira visita à esquina sudoeste da área da mesquita, observamos uma série de pedras grandes projetando-se a

and it was almost a painful interruption, when my companion (who had been here before) began to point out and name the various objects in view. At length “our feet stand within thy gates, O Jerusalem! – Peace be within thy walls and prosperity within thy palaces!” Sl 122, 2;7.

⁴⁰ [...] *The Hebrew names of places continued current in their Aramaean form long after the times of the New Testament; and maintained themselves in the mouths of the common people, in spite of the effort made by Greeks and Romans to supplant them by others derived from their own tongues. After the Muhammedan conquest, when the Aramaean language gradually gave place to the kindred Arabic, the proper names of places, which the Greeks could never bend to their orthography found here a ready entrance; and have thus lived on upon the lips of the Arabs, whether Christian or Muslim, townsmen or Bedawin, ever unto our own day, almost in the same form in which they have also been transmitted to us in the Hebrew Scriptures.*

partir da muralha ocidental, que, à primeira vista, parecia ser o efeito de uma ruptura da muralha causada por uma colisão ou um terremoto poderoso. Demos pouca importância a isso no momento, estando nossa atenção absorvida por outros objetos; mas, ao mencionar o fato na mesma noite num ciclo de amigos, descobrimos que também eles haviam notado aquilo; e, por acaso, o Sr. Whiting deixou escapar o comentário de que as pedras deveriam, pela aparência, ter pertencido a um grande arco. A essa observação, irrompeu sobre minha cabeça um trem de pensamentos, que eu dificilmente ousaria levar a cabo, até que eu tivesse acorrido de novo ao local, a fim de, com meus próprios olhos, me dar por satisfeito no tocante à verdade ou à falsidade do que foi sugerido. Foi justamente o que encontrei! Os cursos daquelas pedras imensas, que, em princípio, pareciam ter saltado para fora de seus lugares dentro da muralha, como consequência de alguma violência extrema, ocupam, todavia, sua posição original; sua superfície externa mantém-se a uma curva regular e, tendo sido assentadas umas sobre as outras, formam o começo ou o pé de um imenso arco, que saltava para fora dessa muralha ocidental na direção do Monte Sião, através do Vale do Tiropeon. Esse arco só poderia ter pertencido à PONTE, que, de acordo com Josefo, levava dessa parte do templo para o xisto sobre o Sião; e prova de forma incontestável a antiguidade daquela porção da muralha de onde esse arco salta. Os traços desse arco são muito destacados e definidos para serem confundidos.⁴¹ (Robinson & Smith, 1856, pp. 287-288)

Novo cenário político

As viagens de Robinson beneficiaram-se não só da presença egípcia na Palestina, mas também de reformas proclamadas pelo governo otomano em 1839, conhecidas como *Tanzimat*. Em 1841, os Impérios Britânico e Austríaco ofereceram ajuda militar que permitiu a vitória otomana sob Mohammed Ali e a reconquista do território Palestino. Em troca, aproveitaram para estender seu poder no Oriente Próximo, e ameaçar a França –

⁴¹ *I have already related in the preceding section, that during our first visit to the southwest corner of the area of the mosk, we observed several of the large stones jutting out from the western wall, which at first sight seemed to be the effect of a bursting of the wall from some might shock or earthquake. We paid little regard to this at the moment, our attention being engrossed by other objects; but on mentioning the fact the same evening, in a circle of our friends, we found that they also had noticed it; and the remark was incidentally dropped by Mr. Whiting, that the stones had the appearance of having once belonged to a large arch. At this remark a train of thought flashed upon my mind, which I hardly dared to follow out, until I had again repaired to the spot, in order to satisfy myself with my own eyes, as to the truth or falsehood of the suggestion. I found it even so! The courses of these immense stones, which seemed at first to have sprung out from their places in the wall in consequence of some enormous violence, occupy nevertheless their original position; their external surface is hewn to a regular curve; and being fitted one upon another, they form the commencement or foot of an immense arch, which one sprung out from this western wall in a direction towards mount Zion, across the valley of the Tyropoeon. This arch could only have belong to THE BRIDGE, which according to Josephus led from this part of the temple to the Xystus on Zion; and it proves incontestably the antiquity of that portion of the wall from which it springs. The traces of this arch are too distinct and definite to be mistaken.*

ligada, pelos acontecimentos históricos anteriores, ao Egito – na disputa pelo Canal de Suez (Ben-Arieh, 1979; Silberman, 1982; Idinopulos, 1998). Como resposta a pressões internas e externas, mantiveram-se, no período do *Tanzimat*, as medidas egípcias em prol das igualdades legal e social, inclusive para os não muçulmanos. Embora isso não tenha resultado na abolição dos impostos que cristãos e judeus tinham de pagar ao governo, permitiu, por outro lado, a nomeação de cônsules europeus em Jerusalém, e a rápida expansão de seus poderes. Ao contrário dos poucos representantes europeus já instalados nos portos de Jaffa e Haifa, com funções exclusivamente comerciais, esses se tornaram tão influentes quanto um paxá, com direitos de controlar os assuntos legais e administrativos de todos em sua jurisdição (Silberman, 1982, p. 46).

O primeiro consulado foi o britânico, em 1838, e, menos de vinte anos depois, havia representantes da Prússia, França, Estados Unidos, Áustria, Rússia, Itália, Espanha, Grécia e Pérsia.

A presença desses países europeus forçou mudanças significativas na estrutura política, econômica e social do Império Otomano e a competição entre eles só fez acelerar o processo. Jerusalém, ainda que pouco importante para o governo otomano, era o centro do interesse europeu e foi o palco das transformações. Ingleses e alemães começaram a intervir a favor dos protestantes e dos judeus palestinos, enquanto os russos, a favor dos gregos e dos árabes ortodoxos, reivindicaram as possessões da Igreja Ortodoxa local e, por fim, os católicos, em especial os franceses, da Igreja Católica. Mais tarde, no Tratado de Berlim de 1878, os franceses foram oficialmente nomeados “protetores” da Igreja Católica Romana na Palestina.

Graças à proteção religiosa e às medidas otomanas favorecendo o comércio feito por estrangeiros, cada vez mais cristãos e judeus europeus mudaram-se para Jerusalém.

Embora Robinson seja o mais aclamado, outros viajantes aproveitaram os benefícios trazidos pela disputa entre otomanos, egípcios e europeus para conhecer de perto os “segredos” da Palestina. Entre eles, os mais citados são o suíço Titus Tobler (1806-1877), o

inglês Edward H. Palmer (1840-1882) e o francês Victor Guérin (1821-1890). Todos publicaram obras volumosas sobre suas diversas viagens a Jerusalém e seus entornos⁴².

William F. Lynch

A próxima expedição norte-americana, incentivada pelo sucesso de Robinson, assumiria, no entanto, outras características. Conduzida pelo militar da Marinha William Francis Lynch (1801-1865), nos anos de 1847 e 1848, o objetivo principal era encontrar uma possível rota comercial que ligasse os mares Mediterrâneo, da Galileia e Morto, através do rio Jordão. Essa foi a primeira expedição norte-americana oficial na região com interesses militares e econômicos declarados. A região mostrava-se interessante ao mundo moderno, também do ponto de vista comercial, já que se mostrava uma fonte potencialmente rica de bens naturais, além de ser uma ponte para os mercados mais à oriente (Idinopulos, 1998, p. 34). Duas tentativas anteriores de navegar pelo “misterioso” Mar Morto, uma irlandesa e outra britânica, não resistiram ao calor, à escassez de água e comida, ao poder corrosivo do mar salgado, ou ainda aos ataques de beduínos. O lugar-tenente Lynch e sua equipe partiram preparados para as piores circunstâncias e certos de seu potencial, já que, como afirma Silberman (1982, p. 56), “[...] como um missionário das fés seculares da ciência e do comércio, Lynch chegou à Terra Santa para difundir não apenas os benefícios da prosperidade, mas também a luz da restauração nacional”⁴³. Foram munidos de equipamentos científicos para cartografar o curso do rio Jordão, medir a profundidade das águas, registrar as margens, além de portarem diversas armas, como espadas e revólveres, uma bacamarte, um rifle, catorze carabinas com baionetas e doze pistolas com facas do tipo *bowie* acopladas (Lynch, 1853, p. 130; Idinopulos, 1998, p. 35).

⁴² Tobler publicou relatórios de suas quatro viagens (1835, 1840, 1857, 1865) e também a *Bibliographia geographica Palaestinae*, em 1867. Palmer viajou principalmente pelo Sinai e Negev, também em missões ligadas ao *Palestine Exploration Fund*, até que foi assassinado durante uma expedição. Seu corpo foi resgatado por Charles Warren, figura importante para nossa história. Sua obra de maior relevância é *The desert of the Exodus*, em 1871. Guérin teria viajado por diversos países, desde Grécia ao Líbano, passando por Egito, Tunísia, entre outros, e publicado todas essas viagens, em diversos volumes (Fritz, 1985, p. 31; Díaz-Andreu, 2007, p. 149; Moorey, 1991, p. 18).

⁴³ “[...] as a missionary of the secular faith of science and commerce, Lynch had arrived in the Holy Land to spread not only the benefits of prosperity but the light of national restoration as well”

Sentiam-se tão preparados que recusaram os conselhos do paxá de Acre, Said Bey, e, num primeiro momento, a proteção do líder beduíno, Aqil Agha,

[...] Declinei categoricamente, declarando que não estava autorizado e, se estivesse, não me dignaria comprar proteção; que, se alguém pudesse arranjar cavalos de tração ou fornecer bois, eu pagaria um preço justo por eles e por alguns soldados para agirem como patrulhas; mas que estávamos bem armados e aptos a nos proteger.

Finalmente, o governador, achando que eu não abraçaria seus termos, embora mitigasse sua demanda, impeliu-me a abandonar a empreitada. A que eu repliquei, dizendo que nos deram a ordem para explorar o Mar Morto, e estávamos determinados a obedecê-la.

Ele, então, com muita veemência, me aconselhou a ir pelo caminho de Jerusalém. Como era muito ignorante para entender as dificuldades geográficas daquela rota, eu apenas respondi que havíamos virados nossos rostos rumo ao Mar da Galileia e não estávamos dispostos a olhar para trás.

O xeique disse que os beduínos de Ghor nos devorariam. Minha resposta foi que eles nos considerariam difíceis de digerir.⁴⁴ (Lynch, 1853, p. 129)

Mais tarde, Lynch concorda que Aqil Agha acompanhe o grupo e negocie passagem segura com os beduínos (Silberman, 1982, p. 58). A história da expedição, no entanto, demonstrou certa ingenuidade (Silberman, 1982, p. 56) ou um pouco de arrogância norte-americana. Ao final, ficou claro que uma rota comercial não era praticável e a expedição não teve praticamente impacto entre os locais. A não ser no que diz respeito ao aparecimento da bandeira norte-americana, orgulho da expedição:

[...] Pela primeira vez, talvez, longe dos arredores consulares, a bandeira americana subiu na Palestina. Que isso possa ser o arauto da regeneração para um povo agora desafortunado!⁴⁵ (p. 119)

Boiando flutuavam os dois “Fannies” [Fanny Mason e Fanny Skinner, os barcos], carregando as estrelas e as listas, a mais nobre bandeira de liberdade agora a ondear pelo mundo. Desde os tempos de Josefo e dos romanos, nenhum barco de qualquer tamanho navegou sobre esse mar, e, por muitos e muitos anos, exceto uma quilha solitária sulcou sua superfície.⁴⁶ (p. 162)

⁴⁴ [...] *I positively declined, stating that I was not authorized, and if I were would scorn to buy protection: that if draught horses could be procured or oxen furnished, I would pay fairly for them and for a few soldiers to act as scouts; but that we were well armed and able to protect ourselves. Finally, the governor finding that I would not embrace his terms, although he mitigated his demand, urged me to abandon the enterprise. To this I replied that we were ordered to explore the Dead Sea, and were determined to obey. He then advised me, with much earnestness, to go by the way of Jerusalem. As he was too ignorant to understand the geographical difficulties of that route, I merely answered that we had set our faces towards the Sea of Galilee, and were not disposed to look back. The sheikh here said that the Bedawin of the Ghor would eat us up. My reply was that they would find us difficult of digestion.*

⁴⁵ [...] *For the first time, perhaps, without the consular precincts, the American flag has been raised in Palestine. May it be the harbinger of regeneration to a now hapless people!*

⁴⁶ *Buoyantly floated the two “Fannies” [Fanny Mason e Fanny Skinner, os barcos], bearing the stars and stripes, the noblest flag of freedom now waving in the world. Since the time of Josephus and the Romans, no*

[...] Antes de adentramos a cidade [Damasco], fomos aconselhados a enrolar nossa bandeira, com a certeza de que nenhum estrangeiro jamais fora tolerado dentro das muralhas; deitaram abaixo a bandeira do Cônsul Britânico na primeira tentativa de içá-la; e nossa aparição causaria comoção e, talvez, desencadearia sérias consequências. Mas a levamos para todos os lugares que visitamos e, determinados a nos arriscarmos com ela, mantivemo-na esvoaçando.⁴⁷ (p. 486)

A postura de perseverança e de patriotismo, descritas nas *Narrativas* de Lynch e em relato de outro membro da equipe, aumentaram o interesse do público norte-americano pela Terra Santa. Já sua outra obra, o *Official Report of the United States' Expedition to Explore the Dead Sea and the River Jordan*, descrevia em detalhes as descobertas científicas, como a explicação para o excesso de sal no Mar Morto, e trazia, além do seu mapeamento, tabelas astronômicas, termométricas e barométricas e anotações meteorológicas do roteiro da expedição. Seus resultados, ornamentados pela descrição superestimada de Lynch (Ben-Arieh, 1979, p. 130), incentivaram o governo norte-americano a investir na exploração da região, buscando seu espaço, na disputa que visava ao fim do Império Otomano (Figura 16).

Louis-Félicien De Saulcy

As histórias pitorescas de Lynch incentivaram também um francês, destacado como o primeiro a escavar em Jerusalém. Louis-Félicien Caignart de Saulcy (1807-1880) escolheu Jerusalém como destino de uma viagem cujo objetivo inicial era afastá-lo do ambiente familiar de Paris para poder superar a morte da esposa (de Saulcy, 1853, pp. 1-2). Há diferentes versões do porquê da escolha da Palestina ou de como a expedição foi formada. Segundo relato do próprio de Saulcy, ele viajou com seus filhos e alguns amigos que pediram para se juntar ao grupo para explorar o Mar Morto, “le lac étrange”, e

vessel of any size has sailed upon this sea, and for many, many years but a solitary keel has furrowed its surface.

⁴⁷ [...] *Before entering the city [Damasco], we were advised to furl our flag, with the assurance that no foreign one had ever been tolerated within the walls; that the British Consul's had been torn down on the first attempt to raise it, and that the appearance of ours would excite commotion, and perhaps lead to serious consequences. But we have carried it to every place we have visited, and, determining to take our chances with it, we kept flying.*

Jerusalém, “[...] a fim de tentar, em seguida, uma exploração cujos perigos não me pareciam nem um pouco menores do que aqueles supostos à distância.”⁴⁸ (de Saulcy, 1853, p. 2)

Para isso, de Saulcy afirma ter pedido “[...] facilmente do ministério da instrução pública a autorização para viajar, mas por minha conta, com o título de encarregado de uma missão científica no Oriente.”⁴⁹ (de Saulcy, 1853, p. 2)

A maioria dos autores modernos apresenta a expedição de de Saulcy como um empreendimento particular, mais informal, na medida em que não estava, segundo eles, vinculado ao seu governo (Silberman, 1982; Davis T. W., 2004; Díaz-Andreu, 2007). O de Saulcy apresentado por esses autores é muito diferente do de Saulcy de suas próprias narrativas, menos preparado, menos importante, mais pitoresco e até quixotesco, como o caracteriza Davis (2004, p. 13). Segundo Silberman (Silberman, 1982, p. 66),

A fim de aumentar os fundos necessários para sua expedição, de Saulcy concordou em servir como um *chaperon* a filhos rebeldes oriundos de diversas famílias proeminentes da França, os quais eram de costume enviados a uma *voyage en Orient*, na esperança de que isso os ajudasse a remendar seus modos pródigos. A longa jornada à Palestina, no entanto, causou, sem dúvida, pouco do efeito desejado. Eles chegaram a Jerusalém nos 23 de dezembro de 1850, foram calorosamente bem recebidos pelo cônsul Botta e acomodados em um dos poucos hotéis com estilo europeu da cidade. Em certo momento, um dos tutelados por de Saulcy, Edouard Delessert, filho do antigo prefeito de polícia de Paris, arrumou um jeito de conseguir um pouco de haxixe para sua celebração particular dos feriados na Cidade Santa. Como resultado, de Saulcy e os jovens foram ordenados de forma categórica a deixar suas confortáveis acomodações e a se virarem sozinhos. Mas, ao contrário de sair a buscar outros aposentos na cidade, de Saulcy anunciou a seus cambaleantes protegidos que eles partiriam de uma vez para o Mar Morto para começar o importante trabalho científico da expedição.⁵⁰

⁴⁸ [...] afin de tenter ensuite une exploration dont il ne me paraissait guère possible que les dangers ne fussent pas moindres qu'on ne les supposait de loin.

⁴⁹ [...] aisément du ministère de l'instruction publique l'autorisation de voyager, mais à mes frais, avec le titre de chargé d'une mission scientifique en Orient.

⁵⁰ In order to raise the funds necessary for his expedition, de Saulcy agreed to serve as a chaperone for the rebellious sons of several prominent French families who were being sent on a voyage en Orient in the hope that it would help them to mend their prodigal ways. The long journey to Palestine, however, apparently had little of the desired effect. They arrived in Jerusalem on December 23, 1850, were warmly welcomed by Consul Botta, and settled into one of the city's few European-style hotels. At that point one of de Saulcy's charges, Edouard Delessert, son of the former French prefect of police, managed to obtain some hashish for his own holiday celebrations in the Holy City. As a result, de Saulcy and the young men were peremptorily requested to leave their comfortable accommodations and fend for themselves. But rather than seek out other quarters in the city, de Saulcy announced to his groggy wards that they would set off at once to the Dead Sea to begin the important scientific work of the expedition.

Independentemente das divergências de como se organizou a expedição, sua importância é um consenso. De Saulcy e seus companheiros de viagem teriam sido os primeiros a escavar a região das chamadas Tumbas dos Reis, um complexo de túmulos ao norte da Cidade Velha de Jerusalém, datado por ele do período da dinastia de Davi e interpretado como o túmulo dos reis de Judá (Silberman, 1982, p. 67; Fritz, 1985, p. 32; Moorey, 1991, p. 18). A notícia repercutiu na Europa, em especial, depois de a expedição ter retornado com diversos achados, como artefatos cerâmicos e fragmentos de sarcófagos, que formaram o núcleo da coleção judaica posteriormente exposta no Museu do Louvre (Silberman, 1982, p. 68).

Tempos depois, a datação das tumbas foi contestada. Atualmente, acredita-se que se trata do sepulcro de uma rainha mesopotâmica convertida ao judaísmo na segunda metade do século I d.C., Helena de Adiabena. Ela teria sido enterrada com outros membros de sua família num complexo sistema de vestíbulos descrito por Flávio Josefo nas *Antiguidades Judaicas* (Moorey, 1991, p. 18; Murphy-O'Connor, 2008, pp. 158-159; Bourbon & Lavagno, 2009, p. 61; Figura 18-21). O erro cometido por de Saulcy na datação e suas constantes referências à pesquisa de Robinson demonstram a preocupação que tinha em encontrar comprovações da história bíblica e confirmar a autenticidade de lugares de peregrinação (Fritz, 1985, p. 32). Essa prática, que ia de encontro à boa parte dos trabalhos protestantes, os quais se permitiam questionar os lugares dados como santos, acabou reavivando a rivalidade com os ingleses, mas ainda mais com os russos (Davis, 2004, p. 13).

Guerra da Crimeia

Estava muito claro para as potências europeias e agora também para os Estados Unidos, após a expedição de Lynch, quão valiosa era a região, cheia de “fontes inexploradas e lugares estratégicos”. Aumentar sua zona de influência na Palestina era imprescindível, já que uma disputa internacional por poder e propriedade seguir-se-ia ao colapso do Império Turco-Otomano. Cabia ao ocidente, portanto, firmar-se ali, antes que a Rússia tsarista pudesse se beneficiar (muito) desse colapso. Para o Império Russo, o controle dos lugares sagrados da Palestina pelos ortodoxos representava, além do aspecto

religioso, garantias à política expansionista do tsar. No entanto, o interesse francês em firmar-se como o protetor de todas as instituições católicas na Palestina – recuperando sua tradição de presença ocidental dominante no Oriente Próximo, em resposta não só aos russos, mas também à “invasão” protestante – passou a ameaçar essa política.

[...] o acordo firmado entre Carlos Magno e o califa Aarão, o Justo, havia mais de um milênio, estabelecera o precedente para as reivindicações dos franceses por proteção aos sítios sagrados. Como fruto das Cruzadas, que deixou na população – é de se entender – uma impressão duradoura, todos os ocidentais vieram a ser conhecidos como francos. E agora que a França se reerguia dos efeitos subsequentes à derrota napoleônica para reivindicar seu lugar na luta por vantagens econômicas no Oriente Médio, uma outra vez se reconhecia a importância de suas reivindicações sobre os relicários sagrados. Ao reafirmar essas reivindicações, a França não apenas pôde contra-atacar as ambições territoriais da Rússia no Império Otomano, mas também criar com firmeza ilhas de influência na Palestina.⁵¹ (Silberman, 1982, p. 64)

Os missionários enviados à Terra Santa tinham como principal função, nesse período, defender os interesses políticos de seus impérios, o que levou ao aumento da hostilidade entre os grupos religiosos locais, principalmente entre os católicos e os ortodoxos. Algumas das querelas são consideradas motivos da Guerra da Crimeia, que opôs Rússia à França, à Grã-Bretanha, a partes da atual Itália e ao Império Turco-Otomano, entre os anos de 1853 a 1856. Dentre elas, destaca-se a disputa sobre os direitos de reformar a Igreja do Santo Sepulcro⁵² (Ben-Arieh, 1979, pp. 117-118; Idinopulos, 1998, p. 94) e, mais enfatizado, o desaparecimento da estrela da Igreja da Natividade, em Belém, doada, em 1717, pelo rei francês Luis XV, protetor da Igreja Católica na Terra Santa. A Igreja da Natividade (Figura 22-25) foi construída em Belém pelo Imperador Constantino nos século IV d.C. sobre uma gruta, onde se acredita ter nascido Jesus Cristo. Desde 1672, a Igreja

⁵¹ [...] *the agreement concluded more than a millennium before between Charlemagne and Caliph Harun ar-Rashid had set the precedent for the French claims of protection over the holy sites. In the wake of the Crusades, which had understandably left a lasting impression on the local population, all westerners had come to be known as Franks. And now that France was emerging from the aftereffects of the Napoleonic defeats to claim its place in the struggle for economic advantage in the Middle East, it once again recognized the importance of its claims to the holy shrines. Not only could France counteract Russian territorial ambitions in the Ottoman Empire by reasserting those claims, but it could also firmly establish French islands of influence in Palestine.*

⁵² A França teria se recusado a contribuir financeiramente com a reforma do teto da Igreja do Santo Sepulcro, destruído por um incêndio em 1808, que acabou ficando a cargo dos cristãos ortodoxos. Depois disso, no entanto, os católicos acusaram os gregos de terem modificado o santuário e isso estimulou as desavenças. É importante notar que, após a Revolução de 1789, a França desinteressou-se por questões religiosas e a indiferença pelos lugares sagrados durou até depois da instalação do Consulado Britânico em Jerusalém.

passou para os cuidados dos cristãos orientais, e os católicos da Santa Sé construíram uma igreja adjacente, com uma passagem até a gruta sagrada, autorizada pelos ortodoxos. Em uma véspera de Natal, os católicos teriam sido impedidos de entrar na gruta por um muro e entrado em choque com os ortodoxos. Segundo os relatos, um monge franciscano teria escapado da confusão e entrado na gruta. Assim, os católicos teriam descoberto que a estrela havia sido removida. Embora devolvida mais tarde, seu sumiço foi logo interpretado metonimicamente como o problema do controle dos lugares sagrados, e da própria Terra Santa como um todo, o que estava diretamente ligado à sucessão do trono do sultão e ao crescente apetite das potências ocidentais por poder e propriedades no Oriente Médio (Idinopulos, 1998, p. 92)

Como protetora dos ortodoxos, a Rússia se manifestou, e, em 1853, a Guerra da Crimeia estourou. O Tsar perdeu a guerra, mas não abandonou sua política expansionista sobre a Palestina. Após a assinatura do tratado de paz, o governo otomano, quase falido, vendeu 32 acres de terra para os russos. Depois da fundação do Consulado Russo em Jerusalém, em 1858, eles iniciaram uma série de construções, que incluíram igrejas, um hospital, alojamentos para peregrinos dentro de Jerusalém e, para atender os demais ortodoxos da região, escolas russas, hospitais, abrigos, orfanatos e igrejas por toda a Palestina. Como parte dessa política de penetração, o governo russo passou a incentivar a peregrinação em massa, também com ajuda financeira. Entre os anos de 1856 a 1877, o Tsar Nicolau II teria sido o maior proprietário não-muçulmano de terras no Oriente Próximo (Idinopulos, 1998, p. 93) e, ainda na década de 1860 uma colônia russa foi estabelecida em Ein Kerem (Ben-Arieh, 1979, p. 160; Figura 15).

Com o investimento de outras potências ocidentais na Palestina após a guerra, a região passou por um *boom* de desenvolvimento. A abertura para o comércio europeu movimentou os portos de Haifa e Jaffa e formou elites econômicas, principalmente entre os cristãos e judeus. Segundo Idinopulos (1998, p. 104), em 1915, Jaffa já era o principal porto da Palestina e a segunda maior cidade (atrás apenas de Jerusalém), com uma população de cinquenta mil habitantes.

Depois dos russos, muitos judeus do Leste Europeu imigraram e, dispostos a melhorar as condições de vida dos judeus palestinos, construíram clínicas, escolas,

sinagogas (Ben-Arieh, 1979, p. 160). Outros europeus imigraram e trouxeram com eles um pouco da infra-estrutura com que estavam acostumados; mais escolas, clínicas, e hospitais foram fundados pelas instituições religiosas. O governo local, sob pressão ocidental, já vinha adotando algumas dessas medidas “modernizadoras”. Na década de 1840, começaram a funcionar os primeiros serviços postais ligando Jerusalém à Europa, via Beirute. Após a Guerra da Crimeia e da criação de seus consulados, Áustria, França, Alemanha, Rússia e Itália abriram seus próprios correios (Figura 26-29). A modernização continuou com a impressão de jornais estrangeiros, em diversas línguas, e também com a construção de estradas ligando as principais cidades, em 1869. Em 1892, engenheiros alemães e franceses inauguram uma linha ferroviária para o trecho Jerusalém-porto de Jaffa (Figura 30-32; Idinopulos, 1998, p. 105). Bancos europeus também foram abertos, assim como hotéis mais luxuosos, para abrigar um número crescente de visitantes, dentre eles, importantes figuras políticas e literatos. As viagens à Terra Santa, que já haviam sido principalmente de peregrinação e depois quase que exclusividade de militares expedicionários, passaram a incluir turistas. Os visitantes, agora equipados com máquinas fotográficas, ajudaram a divulgar a modernização de Jerusalém e as fotos contribuíram para atrair mais e mais europeus.

O explorador francês de Saulcy retorna à Jerusalém, logo após a Guerra da Crimeia, para uma segunda expedição, em 1856. Em 1863, ele consegue uma permissão oficial do governo otomano para suas escavações nas Tumbas dos Reis, o que teria causado “grande indignação” entre os ingleses e provocado uma reação que mudaria o *status* da arqueologia na Palestina.

Institucionalizando a exploração

“Não queremos descobertas; não queremos que se dê atenção à Palestina; não queremos estradas. Deixem o lugar em paz. Se

ele ficar rico, vamos perdê-lo; se permanecer pobre, continuará em nossas mãos.”⁵³

Na segunda metade do século XIX, foram fundadas diversas sociedades em toda Palestina para consolidar interesses, controlar e promover as pesquisas “científicas” na região. Como afirma Goren (2002, p. 88), começava a valer a pena, para os europeus, o investimento maciço de tempo e dinheiro na Palestina. O desenvolvimento científico é derivado disso.

PEF

A primeira delas, de 22 de junho de 1865, é o britânico *Palestine Exploration Fund* (*Fundo de Exploração da Palestina*). O PEF não nasceu como uma organização religiosa, embora tenha sido fundado sob os auspícios da Igreja da Inglaterra (Silberman, 1982, pp. 85-86; Silberman, 2001, p. 493; Moorey, 1991, p. 19; Díaz-Andreu, 2007, p. 135). Sua cerimônia de fundação aconteceu na *Jerusalem Chamber* da Abadia de Westminster em Londres (Ben-Arieh, 1979, p. 195), num evento que reuniu diversos membros da elite britânica. De acordo com Díaz-Andreu (2007, p. 135), a Arqueologia representava ali, uma poderosa ferramenta de dominação imperial, tornando-se deveras atraente para as elites políticas. Entre seus fundadores, destacam-se o arcebispo de Iorque, o presidente da *Royal Geographic Society* e alguns industriais milionários (Davis, 2004, p. 13). A própria Rainha Vitória, ao contribuir com 150 libras, a maior das doações, teria consentido em ser a patrocinadora oficial, o que representava a aprovação e o interesse da sociedade britânica num empreendimento nacional (Silberman, 1982, p. 87; Davis, 2004, p. 13).

A criação do PEF em 1865 parece um pouco precoce em relação a outras sociedades de pesquisa britânicas. O Fundo antecedeu em catorze anos a *Society for Hellenic Studies* e em doze a *Egypt Exploration Society*. A Guerra da Crimeia acabou chamando a atenção do público europeu sobre a situação dos lugares sagrados na Palestina, sob tutela otomana. Além disso, as notícias das primeiras expedições atraíram certa curiosidade sobre a região,

⁵³ Frase atribuída a um membro do governo Otomano, durante as reformas modernizadoras promovidas pelos europeus (Idinopulos, 1998). “*We want no discoveries; we want no attention paid to Palestine; we want no roads. Leave the place alone. If it becomes rich, we shall lose it; if it remains poor, it will continue in'uur hands.*”

embora as expedições tenham mais apelo popular quando trazem consigo espólios para serem expostos em museus, como a de de Saulcy. A publicação d'A *Origem das Espécies*, de Darwin, em 1859, pode ter sido um argumento forte para a criação de uma instituição para promover pesquisas na Palestina (Moorey, 1991; Shaw, 2002, p. 60). Segundo Moorey (1991, p. 18), “[...] isso acelerou particularmente uma demanda por reafirmação científica da autoridade da Bíblia e um exame de perto das origens da fé cristã”⁵⁴. O clima era muito favorável às pesquisas, mas havia um consenso entre os estudiosos de que as disputas entre exploradores particulares e a ausência de um padrão para a apresentação dos resultados era um entrave para o sucesso das expedições (Silberman, 1982, p. 85; Moorey, 1991, p. 19; Abu El-Haj, 2001, p. 22; Shaw, 2002, p. 60). George Grove, um ilustrado inglês dedicado, entre outros temas, aos estudos bíblicos, foi quem iniciou o processo de fundação do PEF. Apesar de, no projeto oficial, o argumento religioso não aparecer como o motivo central da criação do Fundo, os limites entre ciência e fé não ficam muito claros na proposta de “investigating the archaeology, geography, geology, and natural history of Palestine”.

Segundo Silberman (1982, p. 87), o presidente do PEF, William Thompson, arcebispo de Iorque, teria feito um discurso aclamado para ressaltar a conexão especial que havia entre o suposto Império Britânico e aquela “estreita faixa de terra” na costa sudeste do Mediterrâneo, , dizendo:

“Esse país da Palestina pertence a você e a mim, é essencialmente nosso. Ele foi dado ao patriarca de Israel com as palavras: ‘Levanta-te! Percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura, porque eu ta darei’⁵⁵. Nós tencionamos caminhar através da Palestina, em seu comprimento e em sua largura, porque essa terra nos foi dada. É a terra donde vêm as novas do nosso Redentor. É a terra para a qual nos viramos como fonte de todas as nossas esperanças; é a terra para qual olhamos com o mesmo patriotismo verdadeiro que olhamos para essa antiga Inglaterra querida.”⁵⁶

No prospecto de 1873, as pesquisas na Palestina são justificadas da seguinte forma:

⁵⁴ [...] *this, particularly accelerated a demand for scientific reaffirmation of the authority of the Bible and a close examination of the origins of the Christian faith.*

⁵⁵ *Gn. 13,17.*

⁵⁶ “*This country of Palestine belongs to you and to me, it is essentially ours. It was given to the father of Israel in the words ‘Walk through the land in the length of it and in the breadth of it, for I will give unto ye.’ We mean to walk through Palestine, in the length and breadth of it, because that land has been given unto us. It is the land from which comes news of our Redemption. It is the land to which we turn as the fountain of all our hopes; it is the land to which we look with as true a patriotism as we do to this dear old England.*”

“Nenhum país deveria ser para nós de tão grande interesse como aquele em que foram escritos os documentos da nossa Fé e se efetuaram os acontecimentos decisivos que neles se descrevem. Ao mesmo tempo, não há país que necessite, com tamanha urgência, de ilustração. A configuração da paisagem, o clima, as produções, os costumes, a indumentária e os modos de vida de seus habitantes diferem em tantos aspectos essenciais daqueles do mundo ocidental, que, sem um conhecimento acurado deles, não significa muito falar da aparência ou do aspecto geral dos acontecimentos e menos ainda da importância dos registros, que devem permanecer mais ou menos obscuros. Mesmo para o viajante casual na Terra Santa, a Bíblia torna-se, em sua forma e, por isso, até certo ponto, em seu conteúdo, um novo livro. [...] Muito se ganharia com a aquisição de um mapa acurado do país, com a fixação dos pontos de topografia discutidos, com a identificação das cidades antigas da Sagrada Escritura com os povoados modernos que são sucessores daquelas. Necessita-se com urgência de um trabalho que venha a fazer para a Terra Santa o que o *Modern Egyptians* do Sr. Lane fez para o Egito – descrever, num arranjo sistemático e exaustivo, com um detalhamento claro e exato, os costumes, os hábitos, os ritos e a língua dos habitantes atuais. [...] Muitos dos trajes típicos e antigos da Palestina estão sumindo rápido diante da crescente enxurrada de costumes ocidentais, e, num curto espaço de tempo, o sentido exato de muitas coisas, cuja correspondência se encontra na Bíblia, terão perecido.”⁵⁷ (*apud* Shaw, 2002, p. 60)

A missão científico-imperial-religiosa do Fundo exigia uma formação especializada, encontrada nos oficiais do corpo de Royal Engineers, que haviam acabado de retornar de uma missão em Jerusalém, destinada a melhorar o abastecimento de água da cidade para evitar a proliferação de cólera, em prol dos missionários e dos demais ingleses que viviam na cidade. Dentre eles, destaca-se a participação de Charles Wilson (1836-1905), escolhido para comandar a primeira tarefa do PEF. Segundo Silberman (1982, p. 83), o capitão Wilson representa um marco na história das pesquisas na Palestina, já que ele seria, ao contrário de todos seus antecessores, o primeiro explorador oficialmente em missão para o

⁵⁷ “No country should be of so much interest to us as that in which the documents of our Faith were written, and the momentaneous events they describe enacted. At the same time, no country more urgently requires illustration. The face of the landscape, the climate, the productions, the manners, dress, and modes of life of its inhabitants differ in so many material respects from those of the Western world, that without an accurate knowledge of them it is not too much to say the outward form and complexion of the events and much less the significance of the records must remain more or less obscure. Even to a casual traveller in the Holy Land the Bible becomes, in its form, and therefore to some extent in its substance, a new book. [...] Much would be gained by obtaining an accurate map of the country; by settling disputed points of topography; by identifying ancient towns of Holy Writ with the modern villages which are their successors. A work is urgently required which shall do for the Holy Land what Mr. Lane’s *Modern Egyptians* has done for Egypt – describe in a systematic and exhaustive order with clear and exact minuteness, the manners, habits, rites, and language of the present inhabitants. [...] Many of the ancient and peculiar customs of Palestine are fast vanishing before the increasing tide of Western manners, and in a short time the exact meaning of many things which find their correspondence in the Bible will have perished.

seu país e motivado não por uma obsessão pela Arqueologia bíblica, mas por um objetivo delimitado.

Constavam do programa inicial do Fundo a produção de um mapa moderno de toda a Palestina e o início de escavações sistemáticas em Jerusalém. Tratava-se de um projeto de altíssimo custo, que só poderia ter sido aprovado graças ao seu impacto político (Goren, 2002, p. 103). Além do apelo da imagem do Império Britânico como o maior Império Cristão Protestante, havia uma urgência em conter os avanços franceses – que a essa altura já mapeavam a Galileia – e o perigo ainda vivo dos russos, como alerta a carta de 1877 do Coronel Home, do British War Office:

“Se a Rússia ocupar a Armênia turca, ela terá os dois vales do Eufrates e do Tigre à sua disposição e irá dominar completamente o Golfo de Seuderum, mesmo que não o ocupe. A Síria, especialmente o Vale do rio Jordão, se tornará de grande importância por oferecer o caminho mais fácil para avançar pelo Canal de Suez – sob essas circunstâncias, é de extrema importância que nós tenhamos bons mapas do país.”⁵⁸ (*apud* Goren, 2002, p. 105)

A primeira expedição (*Reconnaissance Survey*) não deu conta de produzir um mapa completo e:

“Até que uma milha quadrada permaneça sem levantamento topográfico na Palestina, até que um monte de ruínas em qualquer parte, especialmente em alguma consagrada pela história bíblica, permaneça não escavado, o clamor por investigação científica e, devemos adicionar, a grande curiosidade da Cristandade, permanecerão insatisfeitos.”⁵⁹ (*apud* Abu El-Haj, 2001)

Veio então a *Ordnance Survey of Western Palestine*, com uma proposta mais multidisciplinar, que envolvia cartografia, geografia, arqueologia e etnografia. Claude Conder (1848-1910) e Horation Kitchener (1850-1916) conduziram os mapeamentos de Jerusalém, em 1865, do Sinai, entre 1868-1869, da Palestina ocidental, entre 1871-1877 e da Palestina oriental, em 1881 e produziram um mapa de vinte e seis páginas na escala de uma polegada por milha, cobrindo de Tiro ao deserto egípcio e da Jordânia ao

⁵⁸ “If Russia occupies Turkish Armenia she will have the two valleys of the Euphrates and Tigris at her disposal and she will completely dominate the Gulf of Seuderum if indeed she does not occupy it. Syria especially the Valley of the Jordan will become of great importance as offering the easiest road for an advance on the Suez Canal – under such circumstances it is of the utmost importance that we should have good maps of the country.”

⁵⁹ “So long as a square mile in Palestine remains unsurveyed, so long as a mound of ruins in any part, especially in any part consecrated by Biblical history, remains unexcavated, the call of scientific investigation, and we may add, the grand curiosity of Christendom, remains unsatisfied.”

Mediterrâneo, além das *Memórias*, que serviam também para explicar o mapa. (Mapa 10). Wilson compilou o primeiro mapa topográfico baseado em métodos científicos modernos de Jerusalém e iniciou explorações subterrâneas sob o Haram ash-Sharif. Foi então que Wilson encontrou uma estrutura arqueada, conhecida até hoje como “Arco de Wilson” (Figura 14). O relatório da expedição foi publicado em quatro volumes, cheios de descrições da flora e da fauna da Palestina e de detalhes da cidade de Jerusalém.

Em seguida, o também oficial do corpo de Royal Engineers, Charles Warren (1840-1927), conduziu escavações em Jerusalém. Sua expedição foi bastante conturbada, pelas dificuldades do sítio e pelos problemas com a administração local. O novo governador de Jerusalém, Nazif Paxá, mais conservador e militante muçulmano que seu antecessor, proibiu qualquer escavação em área pública. Com isso, Warren colocou suas técnicas militares em prática e começou a cavar poços verticais, fora da área do Monte, até que alcançasse a rocha e, a partir deles, cavou galerias horizontais em direção às paredes do Haram ash-Sharif. No percurso fez anotações e medições que o permitiram e mapear todo o complexo do Templo de Herodes.

Depois disso, o PEF enfrentou graves dificuldades financeiras, e o apelo religioso foi a estratégia para angariar fundos:

“Aqueles que sabem o valor de remover dificuldades do entendimento correto do texto sagrado deveriam ser os primeiros em ajudar uma sociedade que não tem nenhum outro objetivo senão removê-los e nenhuma outra razão para existir.”⁶⁰
(*apud* Davis, 2004, p. 14)

No entanto, o sucesso das aventuras de Warren atraiu inúmeros visitantes à sua expedição. E a repercussão na Europa foi tão grande que o PEF resolveu montar uma pequena exposição com suas descobertas, para reunir verba para a continuidade de seu projeto. Do sucesso também da exposição, surgiu a ideia da publicação de um periódico, o *Palestine Exploration Fund Quarterly Statement*, que vendesse assinaturas anuais e pudesse manter o Fundo. Atualmente está em sua edição de número 143.

⁶⁰ “Those who know the value of the removal of difficulties from the right understanding of the sacred text should be foremost in helping a society which has no other aim than to remove them, and no other reason for existence.”

PES

Em 1870, surgiu a contraparte americana do PEF, a Palestine Exploration Society. Sua criação foi incentivada pelo sucesso do PEF, e as diretrizes inspiraram-se no Fundo, mas a PES se propôs a seguir os mandamentos de Edward Robinson, e o interesse religioso foi o motivo declarado para a fundação da sociedade:

“O trabalho proposto pela Sociedade de Exploração da Palestina apela para os sentimentos religiosos comuns aos cristãos e judeus; é do interesse do pesquisador de praticamente todos os ramos da investigação linguística, histórica e física, mas sua importância suprema é para a ilustração e defesa da Bíblia. O ceticismo moderno ataca a Bíblia na questão da realidade, do fato. Consequentemente, qualquer coisa que vá na direção de verificar a história bíblica como real no tempo, espaço e circunstâncias, é uma refutação à descrença. [...] O Comitê sente que eles estão à cargo de um serviço secreto à favor da ciência e da religião.”⁶¹ (*apud* de Vaux, 1970, p. 67)

A PES propôs aliar-se ao PEF no projeto de mapear a Palestina, o que foi muito bem aceito, já que os engenheiros do PEF trabalhariam em áreas menores do que o planejado, mas ainda assim ficariam com as regiões mais importantes estrategicamente (Silberman, p. 116). A parceria não foi muito bem sucedida, pois faltava aos americanos experiência e os resultados demoraram a aparecer, já que a urgência era por descobertas relacionadas à Bíblia e não necessariamente por mapas topográficos da Palestina. Em 1884, a sociedade encerrou suas atividades.

SBA

Também em 1870, surgiu a inglesa *Society of Biblical Archaeology*, cujo objetivo era

[...] a investigação da arqueologia, da cronologia, da geografia e da história antiga e moderna da Assíria, da Arábia, do Egito, da Palestina e de outras terras bíblica, a promoção do estudo das antiguidades desses países e a preservação de

⁶¹ “*The work proposed by the Palestine exploration Society appeals to the religious sentiments alike of the Christian and the Jew; it is of interest to the scholar in almost every branch of linguistic, historical, or physical investigation, but its supreme importance is for the illustration and defense of the Bible. Modern skepticism assails the Bible at the point of reality, the question of fact. Hence whatever goes to verify the Bible history as real in time, place and circumstances is a refutation of unbelief. [...] The Committee feels that they have in trust a sacred service for science and for religion.*”

registros contínuos de descobertas, atuais ou que estarão em progresso daqui para a frente.⁶² (Birch, 1872, pp. ii-iii)

A Sociedade não propunha suas próprias escavações, mas sim analisar os resultados das escavações já existentes. Seu primeiro presidente, Samuel Birch, tinha orientação filológica e propôs uma sociedade que via a Arqueologia como um meio para obter inscrições antigas, que contribuíssem para o entendimento multidisciplinar da região estudada. Segundo ele (1872, pp. i-ii),

Seu campo de atuação é a Arqueologia, não a Teologia; mas para a Teologia ela se mostra uma ajuda importante. Ela deve ser atrativa a todos interessados na história primitiva e primeva da humanidade; história essa, que não está escrita em livros ou no papel, mas sobre rochas e pedras, nas profundezas do solo, bem distante, no deserto; história que não é encontrada na biblioteca da praça, mas que tem de ser escavada no vale do Nilo ou exumada das planícies da Mesopotâmia.⁶³

Com isso, ficava marcada a diferença em relação à Sociedade norte-americana, mas se marcava também o paradigma da Arqueologia Bíblica à época. Essa era, de fato, a relação entre Arqueologia e Bíblia nos primeiros momentos da disciplina, pois a produção de mapas topográficos e de relações de nomes bíblicos com seus correspondentes modernos contribuiu especificamente com os estudos bíblicos tradicionais, já que não produzia artefatos, não lidava, de fato, com a cultura material. Essa relação entre Arqueologia e Bíblia, expressa pelo entendimento da cultura material como inscrições, manteve-se durante o início das pesquisas na região e foi fortemente adotada pela maior escola norte-americana de Arqueologia Bíblica, comandada por William Foxwell Albright, a partir da década de 1920.

Embora a Sociedade tenha produzido algumas publicações e tenha tido boa aceitação internacional, ela não sobreviveu à Primeira Guerra Mundial.

⁶² [...] *the investigation of the Archaeology, Chronology, Geography, and History of Ancient and modern Assyria, Arabia, Egypt, Palestine, and other Biblical Lands, the Promotion of the study of the Antiquities of these countries, and the preservation of a continuous record of discoveries, now or hereafter to be in progress.*

⁶³ *It's scope is Archaeology, not Theology; but to Theology it will prove an important aid. To all those it must be attractive who are interested in the primitive and early history of mankind; that history which is not written in books nor on paper, but upon rocks and stones, deep in the soil, far away in the desert, that history which is not found in the library of the mart, but which must be dug up in the valley of the Nile, or exhumated from the plains of Mesopotamia.*

Participação alemã

A entrada da Alemanha na Arqueologia Bíblica aconteceu de forma particular. A Alemanha não participou da guerra da Crimeia e, depois da derrota otomana para os russos, em 1877, nos Bálcãs, o Kaiser Wilhelm II viu a oportunidade perfeita para dar um passo à frente. Ele ofereceu ajuda ao Sultão, quando todas as demais potências européias estavam apenas esperando o império ruir, para oficializar a partilha de seu território. Sua *Drang nach Osten* (“urgência, ânsia pelo Oriente”) fez o Kaiser enviar missões econômicas e militares e viajar pessoalmente para Constantinopla na década de 1880. O anúncio de sua visita oficial à Palestina teria chocado as demais potências europeias: era a primeira vez que um sultão otomano recebia um líder europeu – e fazia de tudo para agradá-lo. Inglaterra e França temiam que o estreitamento das relações germano-otomanas resultasse em algum privilégio oficial, que colocasse a Alemanha muito à sua frente (Silberman, 1982, p. 161; Silberman, 2001, pp. 494-495). A recepção foi impecável, como descreve Silberman (1982, p. 162):

[...] o destacamento imperial avançou até a Palestina a bordo de um iate privado. Ao desembarcar na nova doca do porto de Haifa ao som de uma banda militar turca, Guilherme foi recepcionado por uma delegação de boas-vindas formada por colonos alemães, encabeçada por Gottlieb Schumacher, um dos líderes da comunidade dos templários em Haifa e explorador que trabalhava meio período para a PEF. De Haifa a enorme caravana imperial partiu rumo ao sul, na direção de Jaffa, com uma breve parada na colônia dos templários de Sarona, suas casas e seus celeiros prósperos estavam agrinaldadas com bandeiras e estandartes alemães. Em Jerusalém, um “local de acampamento imperial” especial aguardava os visitantes reais, seu perímetro estava protegido por centenas de soldados turcos e suas tendas mobiliadas com tapetes orientais, marfim, camas, mesas e cadeiras marchetadas. Bandeiras e lanternas foram penduras por toda a cidade. Recolheram os mendigos e os cachorros sem dono e mantiveram-nos longe de todos os olhares. Até o Domo da Rocha foi limpo e polido para a ocasião.⁶⁴

⁶⁴ [...] *the imperial party proceeded to Palestine aboard a private yacht. Disembarking at the new dock at Haifa to the martial sounds of a Turkish military band, Wilhelm was greeted by a welcoming delegation of German colonists, headed by Gottlieb Schumacher, one of the leaders of the Templar community in Haifa, and a part-time explorer for the PEF. From Haifa, the huge imperial caravan moved southwards toward Jaffa, stopping briefly at the Templar colony of Sarona, its prosperous houses and barns festooned with banners and German flags. At Jerusalem, a special ‘imperial campground’ awaited the Royal visitors, its perimeter guarded by hundreds of Turkish soldiers and its tents furnished with oriental carpets, ivory, inlaid beds, tables, and chairs. Flags and lanterns were hung throughout the city. Beggars and stray dog were rounded up and kept out of sight. Even the Dome of the Rock was cleaned and refurbished for the occasion.*

O resultado de tanta pompa foi a inauguração de diversos prédios alemães como a Igreja Protestante, que fica bem próxima à do Santo Sepulcro, na Cidade Velha de Jerusalém (Figura 37); um acordo em que os otomanos concediam autorização para os alemães conduzirem suas expedições científicas; e a fundação da *Deutsche Orient-Gesellschaft* (Sociedade Oriental Alemã), cujo objetivo era conduzir escavações na região. Em 1877, havia sido fundada a *Deutscher Verein zur Erforschung Palästinas* (Associação alemã de pesquisa na Palestina), mas seu foco era um estudo interdisciplinar da Palestina, não apenas ligado ao resultado de expedições arqueológicas:

A pesquisa científica da história e da cultura da Palestina, especialmente de seu passado bíblico, é o objetivo estabelecido pela Associação de Pesquisa da Palestina (*Deutscher Verein zur Erforschung Palästinas*) desde a sua fundação no ano de 1877. Para esse fim, a Associação reúne pessoas interessadas e torna os resultados da pesquisa da Palestina acessíveis a outros círculos.⁶⁵ (Über den DPV)

A primeira expedição alemã, após a autorização otomana, foi conduzida em Baalbek, no Líbano, no estilo “caça ao tesouro” (Davis T. W., 2004, p. 36). O *Palestine Exploration Fund Quarterly Statement* denunciou, com indignação, a espoliação em larga-escala promovida pela equipe germânica, aos moldes da expedição de Schliemann em busca do tesouro de Príamo (nos anos 1870). Mais tarde, os alemães iniciaram prospecções ao leste do rio Jordão, onde uma expedição inglesa havia sido interrompida, em 1882. O diretor do projeto foi o ex-colaborador do PEF, o alemão Gottlieb Schumacher (1857-1925). Após o fim dos trabalhos, Schumacher recebeu uma proposta de parceria de Ernst Sellin (1867-1946), da Universidade de Viena, a qual previa a condução de escavações em larga-escala em sítios de importância bíblica. Os alemães tinham agora o *know-how* necessário para estabelecer sua própria área de influência na arqueologia bíblica (Silberman, 1982, p. 167). O sítio escolhido foi Tell el-Mutesellim, a cidade bíblica de Meguido, ou Armagedom, que seria o palco da “guerra do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso, conforme o Apocalipse de João (16:16). Considerado, atualmente, o sítio mais importante do período bíblico em Israel, Meguido tem uma importância política particular

⁶⁵ *Die wissenschaftliche Erforschung der Geschichte und Kultur Palästinas, insbesondere seiner biblischen Vergangenheit, ist das Ziel, das sich der Deutsche Verein zur Erforschung Palästinas seit seiner Gründung im Jahr 1877 gesteckt hat. Zu diesem Zweck bringt der Verein die an diesem Zweck interessierten Personen zusammen und macht die Ergebnisse der Palästinaforschung weiteren Kreisen zugänglich.*

por localizar-se no Vale de Jezreel, região extremamente fértil e historicamente disputada (History of Megiddo). As escavações aconteceram entre 1903 e 1905, e Schumacher conduziu a primeira e a última temporada. Segundo Silberman (1982, p. 169), esta “made all previous British efforts in Palestine suddenly seem humble.” O investimento alemão na Arqueologia Bíblica foi um dos elementos certos da política expansionista do Kaiser sobre o Oriente Médio. Permitiu o estreitamento, cada vez maior, das relações com Constantinopla e ainda bateu de frente com as políticas inglesas e francesas de controle dos sítios e templos bíblicos mais importantes.

EBAF

A França trouxe um elemento novo na disputa pela Terra Santa. Em 1890, foi fundada a *École pratique d'Études bibliques* (Escola prática de estudos bíblicos) pelo padre Marie-Joseph Lagrange (1855-1938), nos terrenos do convento dominicano de *Saint-Étienne* (São Estevão), localizado na própria cidade de Jerusalém. Com isso, tornava-se “le plus ancien centre de recherche biblique et archéologique de Terre sainte.” Apesar de consolidar, em Jerusalém, um espaço de influência francês, a justificativa da localização foi a de permitir o trabalho *in situ*:

[...] A Bíblia seria aí estudada no contexto físico e cultural em que foi escrita (a união do monumento e do documento, dizia o padre Lagrange: a arqueologia e a exegese dos textos).⁶⁶ (Histoire)

Em 1920, o centro passou a se chamar *École biblique et archéologique française de Jérusalem* (EBAF), depois que a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* a reconheceu sua importância na área. Hoje a EBAF é a única escola nacional francesa de Jerusalém a oferecer cursos e um programa de doutorado em ciências bíblicas (Histoire).

A proposta de Lagrange era formar um centro interdisciplinar, porém, a *École* consagrou-se como centro de referência em línguas orientais. Além da publicação de 42 obras e de 682 artigos científicos, a equipe francesa foi responsável pela famosa tradução intitulada *Bíblia de Jerusalém*, em 1956 (Histoire; Davis, 2004, p. 40). No campo da

⁶⁶ [...] *La Bible y serait étudiée dans le contexte physique et culturel où elle a été écrite (l'union du monument et du document, disait le P. Lagrange: l'archéologie et l'exégèse des textes).*

Arqueologia, Davis destaca o nome do padre Louis-Hugues Vincent (1872-1960), que se especializou em cerâmica palestina e ajudou a formar futuros estudiosos do tema, como o norte-americano Albright (1932, p. xiv).

ASOR

A necessidade de uma presença norte-americana oficial na Palestina levou à criação da *American Schools of Oriental Research* (ASOR), em 1900. Em 1895, Henry Thayer (1828-1901), presidente da *Society of Biblical Literature*, exprimiu essa urgência em um discurso (Thayer, 1895, p. 16 *apud* King, 1988, pp. 15-16):

“But I am impatient as reach a suggestion which I will frankly confess has with me for the moment vastly more interest and attraction than any other: Is it not high time that an *American School for Oriental Study and Research* should be established in Palestine? This is no new idea. Others besides myself, no doubt, have been cherishing it as a secret hope for years. [...] Indeed, so alluring are enterprises of this sort at present, so great their promise of usefulness alike to Biblical learning and missionary work, that – as you are aware – a French Catholic School of Biblical Studies has established itself already in Jerusalem. [...] Shall the countrymen of Robinson and Thomson, Lynch and Merrill, Eli Smith and Van Dyck⁶⁷, look on unconcerned? Shall a Society, organized for the express purpose of stimulating and diffusing a scholarly knowledge of the Sacred Word, remain seated with hands folded, taking no part or lot in the matter?”

A ASOR foi fundada aos moldes da *American School of Classical Studies* in Athens, por uma espécie de associação, formada pela *Society of Biblical Literature*, pelo *Archaeological Institute of America*, pela *American Oriental Society* e por vinte e uma universidades norte-americanas, dentre elas, Harvard, Princeton, Yale, Columbia e Boston (Davis T. W., 2004, p. 40; Silberman, 1982, p. 171). A ASOR nascia como uma sociedade científica que, embora tivesse interesse na Bíblia, não tinha uma definição religiosa, como a *Palestine Exploration Society*. A questão missionária não seria seu principal objetivo, pois o foco dessa instituição era a Palestina, não a Bíblia. Suas principais diretrizes eram:

O maior objeto das Escolas é capacitar pessoas devidamente qualificadas para desempenhar pesquisas e estudos bíblicos, linguísticos, arqueológicos e outros afins, sob condições mais favoráveis do que pode ser garantido à distância da

⁶⁷ Thomson foi um missionário norte-americano na Palestina que acompanhou Robinson em 1852; Merrill participou da expedição de mapeamento norte-americana em parceria com o PEF; van Dyck serviu como assistente e intérprete para Merrill (King, 1988, p. 16).

Terra Santa. A Escola é aberta a candidatos propriamente qualificados, de todas as raças e ambos os sexos e é livre de obrigações ou preferências em respeito a predileções religiosas. Ademais, **a ASOR é apolítica**.⁶⁸ (History, 2009; grifos acrescentados)

Segundo Davis, a natureza secular da ASOR teria garantido sua sobrevivência, incluso a financeira, pois atraiu um público diferente do da PES. Sem a preocupação em comprovar a narrativa bíblica, qualquer resultado científico seria um avanço, afinal, “archaeology in Palestine did not need a biblical justification” (Davis, 2004, p. 41). Além da contribuição anual de seus sócios, a ASOR foi financiada majoritariamente pelo banqueiro judeu-americano Jacob Schiff.

Ao longo da história da ASOR, essa “natureza secular” oficial pode ser questionada. Por exemplo, a lista dos primeiros trabalhos da instituição, ou de seus principais colaboradores àquela época, mostra que todas as escavações foram promovidas em sítios de referência bíblica, como Samaria, Jericó e as supostas cidades de Sodoma e Gomorra, com Kyle; os pesquisadores eram, na grande maioria, teólogos, e as publicações relatam a importância do sítio para os estudos religiosos.

Porém o questionamento mais urgente decorre de sua auto-afirmação como “apolítica”. A urgência da fundação de uma instituição norte-americana de pesquisas em território turco-otomano deixa claro que, assim como o Fundo Britânico, a ASOR tinha, antes de tudo, interesses políticos na Palestina e procurou estabelecer zonas de influência norte-americanas na região. A própria não filiação a determinada instituição religiosa pode ser interpretada como uma estratégia para ampliar as possibilidades de influência, uma vez que, ao não tomar explicitamente um partido, não ficaria restrita a uma crença específica.

Em 1900, Charles Torrey, professor da Universidade de Yale, assumiu em Jerusalém o primeiro “overseas institute”, atualmente, W.F. Albright Institute of Archaeological Research. Entre 1906 e 1907, o então diretor em Jerusalém, David Lyon, conseguiu permissão do governo turco-otomano para promover as primeiras escavações da ASOR, que aconteceram nos anos de 1908 a 1910, na Samaria.

⁶⁸ *The main object of the Schools is to enable properly qualified persons to pursue Biblical, linguistic, archaeological, historical, and other kindred studies and researches under more favorable conditions than can be secured at a distance from the Holy Land. The School is open to duly qualified applicants of all races and both sexes, and is free from obligations or preferences in respect to religious preference. Furthermore, ASOR is apolitical.*

Arqueologia propriamente dita?

O interesse científico oficializado pela criação das Sociedades de Pesquisa contribuiu para a profissionalização da Arqueologia na Palestina. Os investimentos nas expedições orientavam-se para aprimorar as técnicas de campo para obter resultados mais eficientes. A Arqueologia Bíblica aproximava-se, então, do que se entende como arqueologia atualmente.

A escavação-símbolo dessa nova fase das expedições na Palestina é a do inglês William Matthew Flinders Petrie (1853-1942), em Tell el-Hesi, em 1890, pelo PEF. Petrie estabelece uma metodologia inédita de escavação e de análise do material, que marca, para diversos estudiosos (Laughlin, 2000, p. 3;5), os primeiros esforços em direção à Arqueologia, como a entendemos modernamente, na região. Por isso, Callaway (1980) o chama de “pai da arqueologia da Palestina”. Petrie, que já era consagrado por suas escavações no Egito, trouxe para a Palestina o conceito de *tipologia e estratificação*. Ao entender um *tell* como uma montanha artificial, formada por diferentes camadas que correspondiam a diferentes períodos de ocupação, Petrie estabeleceu uma metodologia chamada de “datação sequencial” (Figura 43), que consistia em agrupar os artefatos encontrados pela tipologia, relacionando-os ao seu estrato. A datação dos estratos era estabelecida pelos artefatos que poderiam ter uma data estabelecida, normalmente os que continham inscrições, e, para os demais, era estabelecida uma datação relativa. Com isso, vestígios anteriormente menosprezados, como pedaços pequenos de cerâmica ou cerâmica não decorada, tornaram-se passíveis de estudo, ao lado das inscrições e das “museum quality antiquities” (Albright, 1949; Callaway, 1980; Laughlin, 2000; Davis, 2004; Fritz, 1985; Kenyon, 1956, p. 99):

A primeira dificuldade com a qual nos deparamos é que não há moedas e inscrições que sirvam para datar nenhum dos níveis. Então como podemos ler a história num lugar em que não há documento escrito algum? Como podemos estabelecer, aqui, a data de qualquer coisa, se nenhum nome ou data permaneceu? Esse é o trabalho da Arqueologia. Tudo é um documento para o arqueólogo. Seu trabalho é saber todas as variedades de produtos das eras passadas e a data de

cada um deles. Quando nosso conhecimento é assim desenvolvido, tudo transborda de informações. Nada é tão pobre ou trivial para não ter uma história para nos contar. Os utensílios, os fragmentos de cerâmica, e as simples pedras e tijolos da parede gritam, se nós tivermos o poder de entendê-las.⁶⁹ (Petrie, 1892, pp. 5-6 *apud* Moorey, 1991, p. 28)

Albright, que mais tarde contribuiu para o uso da cerâmica na datação afirma:

A descoberta do valor da cerâmica sem decoração, assim como a pintada, para propósitos cronológicos jaz na fundação da Arqueologia moderna. É verdade que qualquer outra classe de objetos pode ser empregada para esse fim, mas, já que vasos inteiros e cacos quebrados superam, numa proporção de cem para um, todos os outros artefatos em sítios antigos do Oriente Próximo, já que o estilo das cerâmicas mudava tão impiedosamente como todas as outras modas, e já que a cerâmica era tão quebrável e uma vez quebrada tão desimportante para ser preservada, ela é, sem comparação, a mais útil classe de objetos para datação.⁷⁰ (1948[1940], p. 20)

Segundo Dever (1980, p. 42), “[...] a revelação de Petrie sobre o que a arqueologia era capaz conduziu para uma ‘Idade do Ouro’ das escavações, a qual durou até a eclosão da Grande Guerra”⁷¹. Esse teria sido o momento de escavações nos grandes tellim, como os trabalhos de Frederick Jones Bliss (1859-1937) e Robert A. Stewart Macalister (1870-1950) em Sefelá, nos anos de 1898 a 1900, e de Macalister em Gezer, entre 1902 e 1909, ambos pelo PEF; de Sellin e C. Watzinger em Jericó, de 1907 a 1909, de Kohl e Watzinger na Galileia, em 1905, de Schumacher em Meguido, de 1903 a 1905, de Sellin em Tanac, nos anos de 1901 a 1904 e Siquém, entre 1912 e 1914, pelas Sociedades Alemãs; e George Andrew Reisner e Lyon, pela ASOR em parceria com a Universidade de Harvard, em Samaria, entre 1908 e 1910 (Dever, 1980, p. 42; Laughlin, 2000, p. 7).

⁶⁹ *The first difficulty that we meet with is that there are no coins and no inscriptions to serve to date any of the levels. How then can we read history in a place if there is not a single written document? How can we settle here what the date of anything is, if not a single name or date remains? This is the business of archaeology. Everything is a document to the archaeologist. His business is to know all the varieties of the products of past ages, and the date of each of them. When our knowledge is thus developed, everything teems with information. Nothing is so poor or so trivial as not to have a story to tell us. The tools, the potsherds the very stones and bricks of the wall cry out, if we have the power of understanding them.*

⁷⁰ *The discovery of the value of pottery, undecorated as well as painted, for chronological purposes lies at the foundation of modern archaeology. It is true that any other class of objects can also be employed for this purpose, but since whole vases and broken sherds outnumber all other artifacts in ancient Near Eastern sites a hundred to one, since pottery styles changed as remorselessly as all other fashions, and since pottery was too breakable and once broken too unimportant to be preserved, it is incomparably the most useful class of object for dating.*

⁷¹ *[...] Petrie's revelation of what archaeology could do ushered in a 'Golden Age' of excavation which lasted until the outbreak of the Great War.*

Reisner (1867-1942) já havia desenvolvido um apreço pela metodologia cuidadosa e pelo registro detalhado do sítio arqueológico em seus trabalhos no Egito. Para as escavações na Samaria, ele levou sua equipe egípcia, já treinada, capaz de “[...] distinguir camadas diferentes de deposição, reconhecer e limpar um piso, ou limpar uma parede, assim como se pudesse desejar”⁷² (*apud* Wright, 1970, p. 14). Reisner teve a seu lado o arquiteto Clarence Stanley Fisher (1876-1941), também já experiente em campo. Juntos eles teriam notado que os diferentes períodos de ocupação não eram representados cada um por um estrato, já que, a cada nova ocupação, era utilizado material de estruturas anteriores, e vestígios de diferentes épocas eram encontrados lado a lado, em uma mesma camada. Além disso, consideraram outras atividades que poderiam modificar a estrutura de um estrato, como a agricultura. Assim, concluíram que as escavações na Palestina deveriam dar mais atenção à formação dos estratos, para poder definir os diferentes períodos de ocupação.

“A colina (i.e. da Samaria) apresentou, conforme nos aproximamos, uma massa de estratos horizontal e verticalmente interrompidos, e passou algum tempo até que reconhecêssemos o significado de todos esses traços. Quando se tornou claro que não se poderia esperar estratos horizontais regulares, adotou-se o plano de limpar ... até que encontramos um piso, ainda em existência, ou pelo menos indicado pela base de uma parede superestruturada na superfície de um tipo diferente de escombros. Então nós limpamos todo esse nível. Inicialmente, estava lotado de buracos cheios de terra ... esses buracos foram completamente limpos junto com um estrato superior, de onde essa terra havia vindo. Por fim, com um conhecimento do sistema de deposição, o qual nos permitiu reconhecer quase instantaneamente as características e a idade dos escombros, pudemos proceder com muito mais consistência.”⁷³ (*apud* Moorey, 1991, pp. 35-36)

O método que ficou conhecido como Reisner-Fisher priorizava também o registro do trabalho de campo, na forma de anotações combinadas com fotografias, detalhando o lugar de retirada do material. Graças à aplicação dessa metodologia, as escavações na

⁷² [...] distinguish different kinds of debris, recognize and clean a floor, or clear a wall, as well as could be desired.

⁷³ “The hill (i.e. of Samaria), as we approached it, presented a mass of broken horizontal and vertical strata, and some time elapsed before we recognized the significance of all its features. When it became clear that regular horizontal strata were not to be expected, the plan was adopted of clearing . . . until we found a floor-level either actually existing or indicated by the foot of a superstructure wall on the surface of a different kind of debris. Then we cleared along this level. At first, puzzled by the filled holes . . . these filled holes were completely cleared in connection with a higher stratum from which the filling had come. Finally, with a knowledge of our deposits which made it possible to recognize almost instantly the character and age of the debris, we were able to proceed with greater consistency”

Samaria foram consideradas, à época, um modelo de eficiência e, atualmente, são interpretadas como o estabelecimento de um novo patamar na profissionalização da Arqueologia Bíblica (Wright, 1970, pp. 12-16; Silberman, 1982, pp. 172-179; Fritz, 1985, pp. 35-36; Moorey, 1991, pp. 35-36; Davis, 2004).

Arqueologia Bíblica e as Grandes Guerras

A “Idade do Ouro”, de que Dever fala, termina com a I Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. A guerra mudaria completamente o cenário da Arqueologia Bíblica.

No início da década de 1910, dois grupos antagônicos haviam se formado: Grã-Bretanha, França e Rússia, de um lado, contra Alemanha, Impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano, de outro. Com a aliança militar entre Império Turco-Otomano e Alemanha, as possibilidades de escavação não germânicas ficaram muito reduzidas. A promessa alemã de devolver o Egito e o perigo do desmembramento do império em mãos inglesas, francesas ou russas devem ter convencido os otomanos a aceitar as condições de submissão ao Império Alemão depois de sua vitória na guerra (Silberman, 1982, p. 193). A Alemanha, no entanto, não saiu vitoriosa da guerra, e o Império Turco-Otomano foi, de fato, dissolvido.

A Força Expedicionária Britânica, sob o comando do General Edmund H. Allenby (1861-1936), iniciou a série de batalhas vitoriosas que culminou com o fim do domínio otomano no Oriente Médio: no início de 1917, em Be'er Sheva e Gaza; em dezembro, em Jerusalém; em setembro de 1918, em Damasco. Jerusalém foi recebida pelos britânicos como um presente de Natal, e os britânicos foram recebidos pelos hierosolimitas com bastante expectativa. A promessa britânica de proteger a Terra Santa foi oficializada por Allenby (Figura 40-42):

“... Já que seu país é estimado com afeição pelos adeptos das três grandes religiões da humanidade e seu solo foi consagrado pelas orações e peregrinações de multidões de devotos dessas três religiões por muitos séculos, por essa razão, eu torno pública a promessa de que cada prédio sagrado, monumento, local sagrado, templo tradicional, qualquer fruto de doação ou legado devotos, ou lugar de oração corriqueiro de qualquer forma dessas três religiões será mantido e

protegido, de acordo com os costumes e crenças atuais daqueles para cuja fé eles são sagrados.”⁷⁴ (*apud* Idinopulos, 1998, p. 144)

Ao imperialismo britânico interessava alimentar movimentos nacionalistas na Palestina, quaisquer que fossem eles. Bastava que eles garantissem aos ingleses apoio como os franceses e os russos tinham dos católicos e dos ortodoxos, respectivamente. O incentivo à imigração de judeus para a Palestina serviu muito bem aos ingleses nesse período após a queda otomana. Com a proposta do presidente norte-americano Woodrow Wilson, promovendo a paz sem anexações, a Inglaterra viu sua possibilidade de estabilidade na região com a criação de um “lar nacional” para os judeus.

Pouco tempo depois da conquista de Jerusalém, o secretário britânico para Assuntos Exteriores, Arthur J. Balfour (1848-1930), enviou uma carta a um dos judeus mais influentes da Inglaterra, pedindo apoio para os planos do Império inglês. A “Declaração de Balfour”, como ficou conhecida, é considerada o primeiro grande passo que culminou com a criação do Estado de Israel, em 1948 (Figura 47).

Enquanto isso não aconteceu, à Inglaterra e também à França foi conferido, pela Liga das Nações, o direito de governar a região, por mandatos.

Durante o Mandato Britânico, houve diversas modificações em relação ao patrimônio arqueológico da Palestina. No artigo 21, há a descrição da Lei de Antiguidades, que asseguraria igual tratamento a todos os membros da Liga das Nações quanto às escavações e pesquisas arqueológicas. A Lei determinava:

1. “Antiguidade” significa qualquer construção ou produto da atividade humana anterior ao ano de 1700 d.C.
 2. A lei de proteção de antiguidades deve proceder do encorajamento mais do que da ameaça.
- Qualquer pessoa que, tendo descoberto uma antiguidade, sem ter sido munida da autorização referida no parágrafo 5, e reportar o fato a uma autoridade do Departamento competente, deve ser recompensada, de acordo com o valor da descoberta.

⁷⁴ “... *Since your country is regarded with affection by the adherents of three of the great religions of mankind, and its soil has been consecrated by the prayers and pilgrimages of multitudes of devout people of these three religions for many centuries, therefore do I make known to you the promise that every sacred building, monument, holy spot, traditional shrine, endowment, pious bequest, or customary place of prayer, of whatsoever form of the three religions, will be maintained and protected according to the existing customs and beliefs of those to whose faiths they are sacred.*”

3. Nenhuma antiguidade deve ser utilizada aleatoriamente exceto pelo Departamento competente, a não ser que esse Departamento renuncie à aquisição dessa antiguidade.

Nenhuma antiguidade deve deixar o país sem uma licença de exportação do citado Departamento.

4. Qualquer pessoa que maliciosamente ou negligentemente destruir ou danificar uma antiguidade deve estar sujeito a uma penalidade a ser determinada.

5. Não serão permitidos limpeza de terreno ou escavação com o objetivo de encontrar antiguidades, sob pena de multa, exceto às pessoas autorizadas pelo Departamento competente.

6. Termos equitativos deverão ser fixados para expropriação, temporária ou permanente, de terras que podem ser de interesse histórico ou arqueológico.

7. A autorização para escavar deverá ser concedida apenas a pessoas que mostrarem garantias suficientes de experiência arqueológica. A Administração da Palestina não atuará, ao conceder essas autorizações, de modo a excluir pesquisadores de qualquer nacionalidade, sem uma boa justificativa.

8. Os lucros da escavação terão de ser divididos entre o escavador e o Departamento competente numa proporção fixada pelo Departamento. Se a divisão parecer impossível por razões científicas, o escavador deve receber uma indenização justa, em lugar de uma parte do achado.⁷⁵ (Shepherd, 1999, p. 16)

A manutenção da Lei de Antiguidades seria controlada pelo Departamento de Antiguidades, estabelecido em 1920. O Mandato Britânico abriu portas para a pesquisa arqueológica sistemática na região, tanto que Moorey (1991, p. 54) reserva, para os anos de 1925 a 1948, o título de “Idade de Ouro da Arqueologia”. Os ingleses aproveitaram a vantagem e investiram nos trabalhos. O período entre 1920 e 1939 marca a maior participação britânica na Arqueologia da região (Davies, 1988, p. 41; Moorey, 1991, p. 78).

⁷⁵ 1. “Antiquity” means any construction or any product of human activity earlier than the year 1700 A. D.

2. The law for the protection of antiquities shall proceed by encouragement rather than by threat.

Any person who, having discovered an antiquity without being furnished with the authorization referred to in paragraph 5, reports the same to an official of the competent Department, shall be rewarded according to the value of the discovery.

3. No antiquity may be disposed of except to the competent Department, unless this Department renounces the acquisition of any such antiquity.

No antiquity may leave the country without an export licence from the said Department.

4. Any person who maliciously or negligently destroys or damages an antiquity shall be liable to a penalty to be fixed.

5. No clearing of ground or digging with the object of finding antiquities shall be permitted, under penalty of fine, except to persons authorised by the competent Department.

6. Equitable terms shall be fixed for expropriation, temporary or permanent, of lands which might be of historical or archaeological interest.

7. Authorization to excavate shall only be granted to persons who show sufficient guarantees of archaeological experience. The Administration of Palestine shall not, in granting these authorizations, act in such a way as to exclude scholars of any nation without good grounds.

8. The proceeds of excavations may be divided between the excavator and the competent Department in a proportion fixed by that Department. If division seems impossible for scientific reasons, the excavator shall receive a fair indemnity in lieu of a part of the find.

Petrie volta ao trabalho de campo na Palestina depois de 33 anos, com a primeira tentativa de um estudo de caráter regional, nos sítios de Tell Gemme (1926-1927), Tell el-Fâr'a, parte sul (1927-1929), e Tell el-'Aggiul (1930-1934).

Num trabalho de colaboração internacional entre instituições norte-americanas e arqueólogos britânicos e judeus, Kathleen Mary Kenyon teve a oportunidade de aperfeiçoar as técnicas de campo que havia aprendido com seu mestre, Mortimer Wheeler. O método, que ficou conhecido como Wheeler-Kenyon, propõe uma análise do conteúdo de cada estrato através de um corte vertical. Dessa forma, seria possível trabalhar com a relação entre as camadas e obter mais informações que a exposição em grande escala, proposta pela chamada “escola arquitetural” (Mazar, 1990, p. 45), baseada na metodologia de Reisner e Fisher (Figura 44-46). Segundo ela,

Uma vez que a elaboração da história de um sítio depende da interpretação das diferentes camadas, está claro que a técnica de escavação deve ser tal que as camadas, e as diferentes sobreposições, possam ser reconhecidas, e que se possam associar os objetos achados à camada correta. Os princípios gerais de tal técnica de escavação são os mesmos que se empregam em todos os tipos de sítios. A aplicação deles varia, quando se trabalha com classes diferentes de vestígios antigos [...].⁷⁶ (1956)

Com essa nova metodologia, mais tarde, numa escavação que ela própria dirigiu em Jericó, Kenyon apresenta uma análise completamente discordante de todas as pesquisas anteriores no mesmo sítio.

Além da participação inglesa intensa, todas as escolas de arqueologia de Jerusalém souberam tirar proveito da nova situação de estabilidade trazida pelo Departamento de Antiguidades. Nesse período, as técnicas de escavação priorizavam a exposição de grandes áreas. Eram, na maioria, escavações em larga escala, com o objetivo de fornecer o máximo possível de informações, como aconteceu nos sítios de Beth-Shean, Megiddo, Tell Beit Mirsim e em ruínas do período romano e bizantino (Mazar, 1990, p. 33).

⁷⁶ *Since the working out of the history of a site depends on the interpretation of the different layers, it is clear that the excavation technique must be such that the layers, and the different disturbances, can be recognised, and that the objects found can be assigned to the correct layer. The general principles of such excavation technique are the same when dealing with all types of site. The application of them varies when working on different classes of ancient remains [...].*

No entanto, apesar do interesse, após a guerra não havia muitos recursos para serem investidos por parte dos europeus. É nesse período que os Estados Unidos começam a se destacar na Arqueologia Bíblica.

A grande figura do período é William Foxwell Albright (1891-1971), que, na década de 1920, tornou-se presidente da ASOR e entusiasta de suas campanhas. Hoje, Albright, apesar de não ser arqueólogo de formação, é considerado o “padrinho” da Arqueologia Bíblica norte-americana (Silberman, 1998, p. 172). Dever (1997, p. 315) caracteriza a Arqueologia Bíblica como um fenômeno principalmente norte-americano, graças ao tom que Albright deu à disciplina. Segundo Moorey (1991, p. 54), Albright, ao retomar os princípios de Robinson, redefine a relação entre Arqueologia e *Bíblia*. Para ele, fazer Arqueologia Bíblica era algo além de fazer Arqueologia na Palestina:

Arqueologia Bíblica é um termo mais amplo que Arqueologia Palestina, embora a Palestina, em si, seja, é claro, central e corretamente considerada como a terra da Bíblia por excelência. Mas Arqueologia Bíblica cobre todas as terras mencionadas na Bíblia e é, dessa forma, coextensiva ao berço da civilização. Essa região estende-se do oeste do Mediterrâneo à Índia, do sul da Rússia à Etiópia e ao Oceano Índico. Escavações em todas as partes dessa área abrangente lançam alguma luz, direta ou indiretamente, à Bíblia.⁷⁷ (1966, p. 1)

[...] eu devo usar o termo “arqueologia bíblica” aqui para me referir a todas as Terras da Bíblia – da Índia à Espanha, do sul da Rússia à Arábia do Sul – e a toda história dessas terras de cerca de 10000 a.C., ou até mesmo antes, ao momento presente.⁷⁸ (p.13)

Albright conduziu suas primeiras escavações em Tell el-Fûl, identificada por Robinson como a Gabaá bíblica, entre 1922 e 1923. Entre 1926 e 1932, dirigiu quatro temporadas de escavação em Tell Beit Mirsim. Os resultados dessas escavações já foram bastante contestados, mas os entusiastas de Albright afirmam que sua particularidade está na forma como ele conduziu as escavações e não nas conclusões que tirou delas (King, 1988, p. 19; Silberman, 1993, p. 8; Dever, 1997, p. 315; Running & Freedman, 1997, p.

⁷⁷ *Biblical Archaeology is a much wider term than Palestinian archaeology, though Palestine itself is of course central, and is rightly regarded as peculiarly the Land of the Bible. But Biblical archaeology covers all the lands mentioned in the Bible, and is thus coextensive with the cradle of civilization. This region extends from the western Mediterranean to India, and from southern Russia to Ethiopia and the Indian Ocean. Excavations in every part of this extensive area throw some light, directly or indirectly, on the Bible.*

⁷⁸ *[...] I shall use the term “biblical archaeology” here to refer to all Bible Lands – from India to Spain, and from Southern Russia to South Arabia – and to the whole history of those lands from about 10,000 B.C., or even earlier, to the present time.*

61). No aspecto metodológico, Albright contribuiu com a datação através do estudo comparativo das cerâmicas, relacionando-a à estratigrafia. Assim, tornou-se possível datar com mais precisão as camadas, o que anteriormente era feito tendo como base a arquitetura⁷⁹.

Ele formulou, também, um padrão para as publicações arqueológicas em seu primeiro relatório da escavação em Beit Mirsim, que não ficou restrito à ASOR (Mazar, 2003, p. 35).

Além disso, Albright teria revolucionado a concepção de trabalho de campo da época. A ASOR ainda não tinha a estrutura das sociedades inglesas e francesas de Arqueologia, e faltavam pesquisadores treinados para o trabalho de campo. Com a aprovação de Melvin Grove Kyle, patrocinador da escavação e amigo pessoal de Albright, as escavações em Tell Beit Mirsim receberam a participação de seminaristas, e estudantes e os trabalhadores locais (árabes) eram bem menos exigidos, já que o trabalho era feito em menor escala. Para Silberman, foi uma medida que acabou deixando a experiência da arqueologia menos aristocrática, ainda que discretamente, já que a intenção primeira era promover escavações mais baratas. Essa medida permitiu que diversos estudiosos fossem treinados em técnicas de campo e garantiu mão-de-obra especializada para os trabalhos futuros. Afinal, não era àquela época – assim como não é hoje – muito difícil conseguir voluntários para escavar na Terra Santa. Como afirmou o sucessor de Albright na ASOR, Chester C. MacCown,

“Durante as férias de verão, pesquisadores da Europa e da América têm o prazer de se juntar à equipe como trabalhadores honorários [...] um homem que tem a preparação histórica e filológica apropriada e interesse não pode encontrar melhor oportunidade de aprender os métodos e o valor da arqueologia, do que passar um verão sob o sol brilhante e o ar revigorante da Palestina.”⁸⁰

(McCown 1943, p. 236 *apud* Silberman, 1993, p. 14)

⁷⁹ Segundo Mazar (Mazar, 2003, p. 43), a “abordagem arquitetural”, praticamente exclusiva até os trabalhos de Kenyon, expunha “unidades arquiteturais completas” e, a partir da relação entre os diferentes elementos arquiteturais analisava-se a estratigrafia.

⁸⁰ “*During the summer vacation, scholars from Europe and America are glad to join the staff as honorary workers [...] a man who has the proper historical and philological preparation and interest can find no better opportunity to learn the methods and value of archaeology than to spend a summer thus in the bright sunshine and invigorating air of Palestine.*”

Posteriormente, diversos projetos inspiraram-se nos ensinamentos de Albright, e vários trabalhos ligados à Teologia, de motivação particularmente religiosa, foram desenvolvidos. Dentre eles, Mazar (Mazar, 1990, p. 35) destaca Tell en-Nasbe (sob a direção de F. Badé, entre 1925 e 1927), Bet-Sames (dirigidas por E. Grant, de 1928 a 1933), Silo (pelos dinamarqueses Schimidt e Kjaer, entre 1922 e 1932). Pode-se dizer que a escavação de Nelson Glueck, em Tell el-Kheleifeh, nos anos de 1938 a 1940, foi o primeiro trabalho nos moldes da escola albrightiana, levado a cabo por um “discípulo” “proeminente” de Albright.

Da Segunda Guerra ao Estado de Israel

Entre os anos de 1939 e 1949, os trabalhos de campo ficaram praticamente interrompidos por conta da tensão política causada pela II Guerra Mundial e, em maior grau, pelos conflitos árabe-israelenses. O ano de 1948 marca, segundo Amihai Mazar (2003, p. 36), o início de uma nova fase para as pesquisas arqueológicas na Palestina: para começar, chega ao fim o Mandato Britânico na Palestina, pouco antes da criação do Estado Moderno de Israel, em 15 de maio; além disso, a ASOR deixa de ser a força institucional dominante, na medida em que os pesquisadores locais começam a controlar as escavações.

Em 1914, intelectuais judeus decidiram fundar uma sociedade de pesquisa própria. A *Society for the Reclamation of Antiquities*, depois chamada de *Jewish Palestine Exploration Society* e conhecida atualmente como *Israel Exploration Society*. Durante o Mandato Britânico, a sociedade conduziu, pela primeira vez, escavações na Palestina. Além disso, muitos judeus receberam treinamento na Arqueologia ao participarem de expedições européias e, principalmente, norte-americanas.

Em outras regiões, como na Jordânia, a maioria dos trabalhos continuaram a acontecer sob o encargo de expedições estrangeiras, como as escavações de Kenyon em Jericó (1952-1958). Isso só muda após a Guerra dos Seis Dias, quando arqueólogos jordanianos juntam-se aos estrangeiros num sistema de parceria. Segundo o próprio Mazar, arqueólogo israelense, depois dessa data a atividade arqueológica na Jordânia desenvolveu-

se bastante e esses projetos “revolucionaram o nosso conhecimento da história e da arqueologia da Transjordânia” (2003, p. 37).

Já nos territórios da Autoridade Palestina, o controle sobre as escavações começa em agosto de 1994, com a fundação do Departamento Palestino de Antiguidades e Patrimônio Cultural.

Capítulo 3 – Passado e presente na história da Arqueologia Bíblica, algumas problematizações

Arqueologia Bíblica hoje

Atualmente, a Arqueologia tem um papel muito particular na Palestina. No Brasil, a disciplina ainda é pouco conhecida e não é difícil encontrar quem, já na Universidade, não saiba diferenciar um arqueólogo de um paleontólogo. Em Israel, por outro lado, a Arqueologia é, por assim dizer, um *hobby* nacional, faz parte do dia a dia de um israelense comum (Abu El-Haj, 2001, p. 1). Segundo Sharon (2008, p. 920), “considerando sua área minúscula, Israel deve ser o território mais escavado no mundo e a *Biblical Archaeologist Review* afirma ser a mais lida de todas as revistas de arqueologia.”⁸¹

Com a criação do Estado de Israel, seu governo procurou ter o controle sobre as escavações em seu território (Silberman, 1989, p. 8). De acordo com Abu El-Haj (1998; 2001), logo após a Guerra dos Seis Dias (1967), o governo israelense, assim que tomou o Monte do Templo, situado na Cidade Velha de Jerusalém, começou a escavar a área, com o intuito de comprovar que os primeiros habitantes daquela região teriam sido o mesmo povo judaico, de quem os judeus habitantes do atual Estado de Israel seriam, numa suposta linha de continuidade histórica, os herdeiros diretos.

Por outro lado, também os palestinos têm usado (embora bem mais recentemente) a arqueologia a serviço de seus anseios nacionalistas. No ano de 2002, o Departamento de Patrimônio Cultural, à época submetido ao Ministério da Cultura, fundiu-se com o Departamento Palestino de Antiguidades, do Ministério do Turismo. Segundo Sayej (2010), “o objetivo dessa entidade dupla é combinar esforços para administrar o patrimônio cultural

⁸¹ [...] considering its tiny area, Israel may well be the most excavated territory in the world, and the *Biblical Archaeologist Review* has claimed to be the most widely read of all archaeological journals.

da Palestina em um nível *nacional* e apresentá-lo como uma fonte de prosperidade *nacional*.”⁸²

Essa nova fase da pesquisa arqueológica na região, iniciada pelo fim do Mandato Britânico, marca, na verdade, um momento oficial de troca de papéis. Sai um governo oficialmente estrangeiro, entra um aclamadamente nativo. O mapa da antiga Palestina é todo rabiscado, transforma-se ao longo das décadas e, hoje, divide-se entre Estado de Israel, Autoridade Palestina e territórios de administração comum (como determinaram os Acordos de Oslo, em 1993). O antigo Departamento de Antiguidades da Palestina sob controle dos britânicos é substituído, em 1948, por um Departamento de Antiguidades Israelense. Em 1990, esse último transfaz-se na Autoridade de Antiguidades de Israel, e a versão palestina, o Departamento Palestino de Antiguidades e Patrimônio Cultural, surge quatro anos mais tarde. Em ambos os casos, porém, o lugar ocupado pela Arqueologia continua o mesmo, pois se mantém o mecanismo que envolvia o seu uso político. Assim que se constitui o Estado de Israel, emerge concomitantemente uma narrativa histórica nacional israelense usada para fundamentar o conflito contra os palestinos. Dentre as diversas possibilidades de se legitimar essa construção do passado, estava no centro a Arqueologia – a mesma herdeira direta, metológica e epistemologicamente, da disciplina fundada pelos europeus na segunda metade do século XIX

Algumas problematizações sobre a constituição da Arqueologia Bíblica

Mapeamento e escolha dos sítios

Ferreira (2007, p. 2) chama a atenção para o nascimento da Arqueologia, no Brasil, como uma ciência geográfica, ou ainda, geoestratégica, já que “[...] as pesquisas arqueológicas exerciam-se em meio aos intercursos das viagens científicas, como registro maciço e abrangente do espaço geográfico e das populações indígenas”. Na França, como

⁸² [...] *the aim of this dual entity is to combine efforts to manage the cultural heritage of Palestine on a national level, and to present it as a source of national wealth.*

ele compara à luz de Olivier (2003), “a Arqueologia era a ciência do tempo remoto, associada à formulação de uma identidade nacional”. A Arqueologia na Palestina é, pode-se dizer, uma mistura dessas duas genealogias, conforme se tentará mostrar na sequência

Díaz-Andreu (2007, p. 150) critica, por exemplo, a política de mapeamento do PEF, alegando que:

[...] Mapeamento e Imperialismo se cruzavam, assim como acontecia em muitas outras partes do mundo colonial. A preparação de um mapa envolvia produção de conhecimento, nesse caso, não apenas de conhecimento imperialista, mas também compreensão religiosa do território. As populações árabes locais foram privadas de sua própria história pela escolha, dentre seus topônimos, daqueles que sugeriam uma topografia judaico-cristã mais antiga. Nomes árabes não eram registrados por conta de seu valor intrínseco, mas por suas raízes hebraicas e cristãs.⁸³

Relacionar os nomes “modernos” das cidades a seus nomes bíblicos não foi, todavia, uma invenção do PEF. Foi Robinson o primeiro a chamar atenção para isso, pois, como muitos dos viajantes de sua época, ele via a Palestina do século XIX como continuação da Palestina dos tempos bíblicos (Shaw, 2002, p. 61).

Se, no entanto, não se tratou de uma invenção do PEF, o Fundo a adotou, ao optar pelos nomes bíblicos na produção do mapa que apresentaria a Palestina moderna aos olhos ocidentais. Por meio dessa opção, perpetuada nos mapas, foi possível marcar os sinais de continuidade, materializar um passado histórico ajustado à paisagem moderna (Abu El-Haj, 2001, p. 25; Silberman, 1989; Silberman, 2001). Como consequência, os nomes árabes foram excluídos dos mapas, desligados desse passado.

Embora a escolha dos sítios para as primeiras expedições passassem pelo aspecto militar, as escavações eram promovidas primordialmente em lugares de apelo religioso. Para uma Arqueologia dita “bíblica”, tudo que fosse posterior ao período bíblico seria desinteressante, logo descartável. Essa postura serviu bem aos interesses colonialistas israelenses, que usou o passado bíblico para *silenciar* outros aspectos da história da Palestina (Whitelam, 1997; Jones, 1997; Abu El-Haj, 1998; Abu El-Haj, 2001; Sand,

⁸³ [...] *Mapping and imperialism intersected, as happened in many other parts of the colonial world. Yet, mapmaking involved the production of knowledge, in this case not only of imperialist knowledge but also religious understanding of the territory. Local Arab populations were dispossessed of their own history by selecting from their place names those which suggested an older Judaeo-Christian topography. Arabic names were not recorded because of their intrinsic value, but because of their Hebrew and Christian roots.*

2009). A *Eretz Israel* (lit. “terra de Israel”) seria o palco da Torá; tudo estaria ligado, como ilustra a passagem inicial do livro *Living with the Bible*, de Moshe Dayan:

“Eu vim a conhecer as histórias bíblicas na minha primeira infância. Meu professor, Meshulam Halevy, não apenas ensinou e explicou o livro que descreve o nascimento de nossa nação, mas também o tornou concreto para nós. Coisas que tinham existido três e quatro milhares de anos atrás pareciam estar dentro de nós e diante de nós. A realidade ao redor ajudou nossa imaginação a saltar para o passado e retornar à antiguidade, aos nossos ancestrais e heróis de nossa nação. A única língua que conhecíamos e falávamos era o hebraico, a língua da Bíblia. O Vale de Jizreel, no qual vivemos, as montanhas e rios ao nosso redor, o Carmelo e o Gilboa, o Quisom e o Jordão, estavam todos na Bíblia.”⁸⁴ (*apud* Sand, 2009, p. 112)

Questões teórico-metodológicas

As pesquisas ocidentais começaram, na Palestina, como expedições exploratórias e prospecções, que lidaram principalmente com aspectos geo-topográficos e evidências encontradas na superfície. A escavação, entendida como o processo de exposição sistemática de sedimentos, começou apenas com Petrie, em Tel El-Hesi. O momento de ir além da superfície havia chegado. A escavação é o *processo* capaz de *produzir* a cultura material. Expedições e prospecções não desenterram sistematicamente artefatos; em geral, essas práticas não lidam com a cultura material. Portanto, a importância da escavação e sua urgência à época encontram-se no valor dado a essa cultura material, concebida como um objeto-fato histórico, logo inquestionável. Trazendo à superfície artefatos, passíveis de serem transportados para museus como souvenirs, o passado, ou a história que se pretende contar com eles, torna-se também *observável*.

Uma história crítica da Arqueologia – de qualquer período e localização geográfica – não deve ter apenas a cultura material como objeto, mas, principalmente, as técnicas de campo que a produziram. O estudo da metodologia de escavação pode fornecer

⁸⁴ *I came to know the Bible stories in my early childhood. My teacher, Meshulam Halevy, not only taught and explained the book which describes the birth of our nation, but also concretized it for us. Things that had existed three and four thousand years ago seemed to be in us and before us. The surrounding reality helped our imagination to vault over the past and return to antiquity, to our forefathers and the heroes of our nation. The only language we knew and spoke was Hebrew, the language of the Bible. The Jezreel Valley in which we lived, the mountains and rivers around us, the Carmel and the Gilboa, the Kishon and the Jordan, were all there in the Bible.*

informações para além do trabalho de campo. O próprio termo *metodologia* é bastante complexo e envolve muitas questões teóricas. A forma como se olha para a cultura material depende do que se quer saber, de como se quer saber e daquilo que (o porquê) a fez ser considerada importante. A opção pelas técnicas de campo decorreria, então, do que se espera encontrar. Como ressalta Dever (1980, p. 42), “[...] a Arqueologia lida com bocados de pedaços do passado humano – nunca inteiramente reconstruível, sempre imprevisível. [...] Na Arqueologia, por essa razão, o trabalho de campo (‘como se escava’) é inseparável da interpretação (‘o que tudo isso significa’).”⁸⁵ Sob essa perspectiva, esta seção destina-se a discutir questões metodológicas relacionadas à Arqueologia praticada na Palestina.

Albright (1948, p. 1), ao analisar diversos resultados das primeiras escavações, afirma:

A questão do método é, ou deve ser tão importante para o historiador quanto para o cientista. Apenas pela análise competente dos métodos aplicados na obtenção de dados factuais pode-se determinar, por exemplo, onde esses dados localizam-se na hierarquia das probabilidades, se eles podem ser considerados certos, prováveis, possíveis, improváveis ou impossíveis. Apenas onde há um embasamento suficientemente amplo de dados criticamente separados, a razão indutiva pode levar a legítimas generalizações.⁸⁶

Muitos dos resultados dos primeiros trabalhos foram questionados já à época de Albright. A crítica mais famosa foi feita às escavações de de Saulcy, em Jerusalém. Mais recentemente, ao comentar os resultados dessas mesmas escavações, Fritz (1985, p. 32) afirma que a datação equivocada das Tumbas dos Reis – hoje atribuída ao período romano, mas, antes, situada por de Saulcy no tempo dos reis de Judá – denunciaria “quão forte

⁸⁵ [...] *archeology deals with bits and pieces of the human past – never fully reconstructable, always unpredictable. [...] In archeology, for that reason, field-work (“how to dig”) is inseparable from interpretation (“what it all means”).*

⁸⁶ *The question of method is, or should be, quite as, important to the historian as to the scientist. Only by competent analysis of methods employed in obtaining factual data can one determine, for example, where these data stand in the hierarchy of probability, whether they may be considered certain, probable, possible, improbable, or impossible. Only where there is a sufficiently broad basis of critically sifted data can inductive reasoning lead to sound generalizations.*

ressoa[va] o desejo por documentar a história bíblica nessa fase inicial da atividade arqueológica”⁸⁷.

Quanto à metodologia de datação seqüencial (Figura 43), proposta por Petrie, considerou-se que era um avanço científico revolucionário para a Arqueologia da época (Macalister, 1925, pp. 43-45; Albright, 1932, p. 24; Wright, 1962, p. 24). No entanto, seu plano de classificação da cerâmica por grupos “naturais”, pode ser visto, como sugere Silberman (1991, p. 80), como “[...] validações ideológicas do imperialismo europeu do fim do século XIX”⁸⁸. Segundo ele, Petrie interpretava as diferenças nas cerâmicas como resultado de invasões e conquistas de grupos estrangeiros, biologicamente homogêneos, e as classificava de acordo com o progresso “natural” em sua tipologia. Espelhando as concepções de hierarquia racial da época (Gould, 1999), Petrie observou estágios de evolução e declínio nas técnicas de produção das cerâmicas. Silberman chama ainda atenção para o fato de que essa ferramenta eugenista de análise cerâmica foi identificada como o “mais alto padrão de qualidade” em técnicas de campo na época, por Callaway (1980) e Fargo (1984).

Valorizando o trabalho de Petrie e sua própria contribuição, Albright determina “os dois pilares da Arqueologia”, requisitos básicos para garantir resultados aproveitáveis:

[...] estratigrafia, ou o estudo da relação entre os objetos e as camadas ou sedimentos nos quais eles foram encontrados e a relação dos sedimentos um com o outro; tipologia, ou a classificação de objetos de acordo com os tipos, seguindo métodos taxonômicos, e a comparação de objetos pertencentes a um tipo com os de um outro, a fim de determinar as relações cronológicas, geográficas e técnicas. O princípio da estratigrafia compreende indução e experimentação; aquele da tipologia é mais baseado na dedução e na classificação. O caráter complementar desses dois princípios para Arqueologia é algo como o da experimentação e da teoria matemática para a Física. Num estágio inicial da pesquisa arqueológica em qualquer que seja o país, toda a vantagem estava com o estratígrafo. Numa fase posterior, o tipólogo encontra cada vez mais o que fazer, e o tipólogo treinado, no fim, adquire uma vantagem sobre o estratígrafo mecânico, exceto no trato com sedimentos intactos. Na região do mar Egeu, por exemplo, a tipologia teve recentemente algumas vitórias importantes sobre uma estratigrafia que tinha se

⁸⁷ [...] *wie stark in dieser frühen Phase archäologischer Tätigkeit der Wunsch nach Dokumentation biblischer Geschichte mitschwingt.*

⁸⁸ [...] *ideological validations of late nineteenth-century European imperialism.*

tornado mais refinada que a técnica de observação e que tinha feito com que o registro fosse mais seguro.⁸⁹

No campo da estratigrafia, o novo método Wheeler-Kenyon foi amplamente aceito, após os resultados das escavações de Kenyon em Jericó, entre 1952 e 1958. Kenyon, a primeira mulher a receber destaque na história das pesquisas na Palestina, ficou conhecida como a “dama da estratigrafia”, ou ainda a *mulher* que não tinha medo de “sujar as unhas”, numa clara demonstração das disputas de gênero no trabalho de campo (Davis M. C., 2008). A ênfase na dimensão vertical do sítio arqueológico (Figura 44 Figura 46) fez a fama do método, adotado nas escavações norte-americanas de Siquém, Hai, Tanac, Gazer, Tell Gemme e Tell El-Hesy. Albright reconhece sua importância, ao dizer que

Entre os anos de 1952 e 1958, *Miss Kathleen Kenyon* aplicou o aperfeiçoado método de trincheira de *Sir Mortimer Wheeler* na escavação de Jericó, com resultados tão brilhantes que rapidamente esse método tomou o lugar da técnica de *Reisner-Fisher* [...]. Na verdade, esse último foi complementado, não substituído, mas as técnicas de *Wheeler-Kenyon* vieram para ficar. Em essência, elas compreendem um uso cuidadoso de trincheiras-teste para determinar a exata estratigrafia antes de se escavar uma área, seguidas por trincheiras-teste adicionais, colocadas em ângulo reto em relação às paredes, conforme essas últimas são limpas. Os lados dessas trincheiras (que não raro têm menos de um metro de profundidade) são decapados com uma colher de pedreiro, e todos os indícios de pisos, de deposição de cinzas, de escombros de debritação, de *fillings* etc., são esboçados numa escala e usados como guia de futuras escavações. Nos sítios de tijolo de barro, esse método tornou-se indispensável.⁹⁰ (1971, p. 21)

Mas ressalta,

⁸⁹ [...] *stratigraphy, or the study of the relation of objects to the layers or deposits in which they are found and the relation of these deposits to one another; typology, or the classification of objects according to types, following taxonomic methods, and the comparison of objects belonging to a type with one another, in order to determine chronological, geographical, and technical relationships. The principle of stratigraphy involves induction and experiment; that of typology is rather based on deduction and classification. The complementary character of the two principles in archaeology is somewhat like that of experiment and mathematical theory in physics. At an early stage of archaeological research in any given country, all the advantage is with the stratigrapher. At a later stage the typologist finds more and more to do and the trained typologist eventually acquires an advantage over the mechanical stratigrapher, except in dealing with undisturbed deposits. In the Aegean, for instance, typology has recently scored some signal victories, over a stratigraphy which had become more refined than the technique of observation and recording warranted.*

⁹⁰ *In 1952-8 Miss Kathleen Kenyon applied Sir Mortimer Wheeler's improved trenching method of the excavation of Jericho with such brilliant results that this method is rapidly taking the place of the Reisner-Fisher technique described in this chapter. Actually the latter is supplemented, not displaced, but the Wheeler-Kenyon techniques have come to stay. Essentially they involve careful use of test trenches in order to determine exact stratification before digging an area, followed by additional test trenches at right angles to walls as they are cleared. The sides of these trenches (which are usually less than a metre in depth) are smoothed with a trowel, and all signs of floors, ash levels, deposits of debris, filling, etc., are drawn to scale and used to guide further excavation. In mud-brick sites this method has become indispensable.*

[...] Esse método tem de ser usado com muito mais cuidado do que qualquer um dos anteriores, mas, se assim o for, produz resultados bem superiores. Ele pode ser e tem sido mal usado. Quando não há outra coisa senão uma massa de fundações de pedra e de paredes, densamente ligadas numa aparente confusão inextrincável, é óbvio que tal método é inapropriado. É a combinação sadia dos dois métodos [Reisner-Fisher e Wheller-Kenyon] que é marca das melhores escavações de nossos dias.⁹¹ (1966, p. 2)

A grande importância do método Wheeler-Kenyon para a Arqueologia na Palestina, porém, adveio do fato de que, com sua adoção, diminuíram as chamadas escavações em “larga escala” ou da “escola arquitetural”. O método tradicionalmente usado nas escavações no Oriente Próximo “era baseado na exposição em grande escala de unidades arquiteturais completas (Figura 45). A estratigrafia era analisada principalmente com base na relação entre diferentes elementos arquiteturais, como níveis de paredes e pisos” (Mazar, 1990, p. 43; Mazar, 1988, p. 120). O método Wheeler-Kenyon mostrou-se muito mais preciso na análise de um sítio formado por diversas camadas de deposição, e sua aplicação em Jericó suscitou novas interpretações para o sítio (Kenyon, 1954; Kenyon, *Digging up Jericho*, 1957; Kenyon & Holland, 1981). Como defende Dever (1980, p. 47) alguns anos depois, a escolha por escavar estratigráfica ou arquiteturalmente não tinha relação com a profissionalização da disciplina e a necessidade de técnicas mais apuradas de campo, mas sim com a importância de se exporem por completo determinados sítios, em detrimento de outras evidências que, nesse processo, ficariam silenciadas para sempre. A “escola arquitetural” ainda oferecia a “vantagem” de desenterrar “cidades bíblicas” inteiras, expondo-as em sua plenitude⁹².

Considerando a necessidade de rever resultados de escavações anteriores, a exposição em larga escala causava grandes danos ao sítio arqueológico. A respeito de um sítio que seria escavado para exposição de toda a estrutura, Albright (1971, p. 41) faz o seguinte comentário:

⁹¹ [...] *This method has to be used with much more care than any previous method, but, if so used, it yields results that are far superior. It can be and has been misused. When there is nothing but a mass of stone foundations and walls, thickly bound together in apparently inextricable confusion, this method is obviously inappropriate. It is the sound combination of the two methods [Reisner-Fisher e Wheller-Kenyon] that is characteristic of the best excavations of our day.*

⁹² O próprio Mazar defende o método arquitetural, em 1988. Já em 1990, ele argumenta que uma mistura das duas técnicas trazia os melhores resultados e, por isso, era a opção mais adotada pelos arqueólogos israelenses.

Felizmente o plano inicial de escavar sistematicamente o grande sítio, estrato após estrato, teve de ser abandonado por causa do gasto proibitivo. Nosso emprego da locução “ainda bem” pode parecer estranho, mas se deve ter em mente que até as melhores técnicas de hoje provavelmente parecerão primitivas daqui a um século, e trata-se de um triste engano esgotar as possibilidades de sítios tão importantes como Meguido. De fato, tem-se removido só uma fração do grande monte, e há um espaço grande para corrigir a cronologia e fazer importantes descobertas. Até o momento, o resultado mais interessante são as extensas estrebarias dos reis israelitas, construídas pela primeira vez no tempo de Salomão, e a impressionante coleção, do século XII a.C., de marfins entalhados. Também de considerável interesse são as sondagens feitas nos estratos décimo quinto e anteriores que precederam a ocupação israelita, datando do início do quarto milênio ou de antes.⁹³

Era, talvez, um momento de refletir, pela primeira vez na disciplina, sobre o caráter destrutivo da Arqueologia (Kenyon, *Beginning in Archaeology*, 1956, p. 68).

Apesar dessas mudanças metodológicas pelas quais a Arqueologia Bíblica passou, Dever acusa a geração anterior à década de 1970 de não dedicar atenção suficiente às questões teórico-metodológicas. Segundo ele, os relatórios de campo e os artigos descreviam apenas aspectos pragmáticos do trabalho de escavação, e isso demonstrava um “atraso” no desenvolvimento da disciplina, se comparada à arqueologia norte-americana (1982, p. 104). Ademais, deve-se levar em conta que era essa a situação mesmo quando os arqueólogos produziam relatórios de campo, o que não era uma prática comum, conforme se apreende da seguinte crítica:

Arqueologia é mais do que escavar um buraco quadrado no chão. Até que produzamos material acadêmico publicado correspondente a nossas expedições soberbamente organizadas e a nossas escavações conduzidas de forma meticulosa, toda nossa discussão sobre a “maturação como disciplina” da arqueologia Sírio-Palestina não levará a nada. De fato, o próprio uso da palavra “disciplina” aplicada ao nosso campo de investigação começa a se mostrar como um trágico erro. Nós precisamos reconhecer que até o material arqueológico seja elaborado e publicado, não há pesquisa acadêmica, apenas uma mistura indigesta de dados, informações carentes de sentido, cacos e fragmentos desconexos,

⁹³ *The initial plan to dig the great site systematically, stratum after stratum, fortunately had to be abandoned because of the prohibitive expense. Our use of the adverb ‘fortunately’ may seem strange, but it must be realized that the very best technique of today will probably seem primitive a century hence, and that it is a sad mistake to exhaust the possibilities of any important site like Megiddo. Actually only a fraction of the great mound has been removed, and there is ample room for correcting chronology and making important discoveries. The most interesting results so far are the extensive stables of the Israelite kings, which were first built in the time of Solomon, and the astonishing hoard of carved ivories from the twelfth century B.C. Also of considerable interest are the soundings in the fifteen or more strata which preceded the Israelite occupation, going back to the beginning of the fourth millennium or earlier.*

reíquias de um passado sem vida. Aqui nosso registro é funesto, mas deve ser encarado; desde a II Guerra Mundial, nenhuma só grande escavação em nosso campo conseguiu produzir um relatório final de campo. Nossos arqueólogos mais notáveis – americanos, franceses, britânicos e israelenses – morreram com suas escavações na cabeça. O fato triste é que o grosso do material escavado em nosso campo não está publicado. Por falar de “resultados seguros de uma geração de investigação arqueológica”, muitos de nós estamos nos valendo de dados que praticamente ninguém viu. É de se espantar que rumores e fofocas, controvérsias sem fim e rivalidades pessoais infestam nosso campo ou que a nossa integridade ou competência sejam questionadas por colegas de outros campos da pesquisa acadêmica? Infelizmente, mesmo quando nos dedicamos a publicar, é sempre descritivo – mais reportagem (“quem encontrou o quê”) que uma síntese teórica (“o que isso significa”). Não só não há praticamente relatórios de escavação, como não há compêndios adequados em nosso meio. Não causa espanto que historiadores e exegetas bíblicos se queixam de não poder fazer uso dos resultados arqueológicos. [...] Parte da dificuldade deve-se, sem dúvida, ao fato de que muitas pessoas em nosso campo trabalham meio período e precisam ganhar a vida fazendo outra coisa. Mas o problema real provém da nossa formação: preferimos a aventura do trabalho de campo à tarefa árdua e solitária de pensar e escrever. No fim, devemos confessar que nossa falha em publicar não se deve ao “lamentável estado da arte”, mas é, antes, a consequência inevitável de nossas próprias prioridades confusas, nossa falta de disciplina. [...] escavar sem publicar não é apenas digno de repreensão, é moralmente irresponsável. [...] A não ser que façamos isso, a palavra “disciplina” permanece uma piada cruel.⁹⁴ (1982, p. 106)

Com a emergência da Nova Arqueologia, no entanto, a teoria teria voltado a figurar na Arqueologia da Palestina. Dever relaciona as principais mudanças:

⁹⁴ *Archeology is more than digging a square hole in the ground. Until we produce published scholarship commensurate with our superbly organized expeditions and our meticulously conducted field excavations, all our talk about Syro-Palestinian archeology “maturing as a discipline” will carry no conviction. Indeed, the very use of the word “discipline” for our field of inquiry begins to appear a tragic misnomer. We must recognize that until archeological materials are worked up and published, there is no scholarship, only raw undigested data, meaningless information, disjointed bits and pieces, relics of a lifeless past. Here our record is dismal, but it must be faced; since World War II not a single, major excavation in our field has managed to produce a final field report. Our foremost excavators – American, French, British, Israeli – have died with their digs in their heads. The sad fact is that the bulk of the excavated material in our field is unpublished. In speaking of the “assured results of a generation of archeological investigation”, most of us are drawing on data virtually no one else has seen. Is it any wonder that hearsay and gossip, endless controversies, and personal rivalries plague our field, or that our integrity and competence are questioned by colleagues in other fields of scholarship? Unfortunately, even when we do get around to publishing, it is usually descriptive – more reportage (“who found what”) than scholarly synthesis (“what it means”). Not only are there almost no excavation reports, there are no suitable textbooks in our field. It is no wonder that biblical historians and exegetes complain that they cannot make use of archeological results. [...] Part of the difficulty is surely the fact that so many workers in our field are part-time and must make their living doing something else. But the real problem is of our own making: we have preferred the adventure of fieldwork over the lonely, arduous task of thinking and writing. In the end, we must confess that our failure to publish is not due to the “sorry state of the art”, but is rather the inevitable consequence of our own confused priorities, our lack of discipline. [...] to excavate without publishing is not only reprehensible, it is morally irresponsible. [...] Unless we can do this, the word “discipline” remains a cruel joke.*

(1) a orientação multi-disciplinar; (2) a ampla consideração de fatores ambientais (“ecologia”); (3) o reconhecimento do valor de paralelos etnográficos (“etno-arqueologia”); (4) a aplicação de teorias sistêmicas gerais (uma teoria da cultura “holística” ou sistêmica), com seu método quantitativo; (5) a lógica do método “explicitamente científico”, com sua verificação de hipóteses; (6) a adoção do objetivo “behaviorista- processual” (a partir de uma escola de antropologia cultural). Esses são os princípios fundamentais da “nova arqueologia” dos anos 1960 na América; apenas o superado esquema evolucionista estava sendo deixado de lado e isso vinha sendo desde o início mais ou menos assumido na arqueologia do Oriente Próximo.⁹⁵ (Dever, 1981, p. 15)

Mas, apesar dessa “novidade” ter dominado o trabalho de campo, Dever admite que a discussão teórica, na literatura, continuou escassa.

[...] A nova orientação estava evidente, em grande medida, numa “tradição oral” entre os arqueólogos mais jovens, em apresentações de relatórios de escavação em encontros profissionais – e, especialmente, em grandes projetos, onde se adotava, com frequência, o jargão da “Nova Arqueologia” sem que fosse feita uma apreciação autêntica ou uma aplicação crítica relativas aos problemas específicos dos cômodos estratificados do Oriente Próximo e da arqueologia histórica. Quanto ao método, as inovações da “Nova Arqueologia” resultaram quase que logicamente da teoria incipiente rascunhada acima. No entanto, devido à abordagem pragmática típica da Arqueologia Sírio-Palestina, os avanços metodológicos, na verdade, precedem o desenvolvimento da teoria, em contraste com o progresso da “Nova Arqueologia” na América.⁹⁶ (Dever, 1981, p. 16)

Por outro lado, o autor via a situação da disciplina àquela época como promissora e estava bastante otimista em relação ao seu futuro:

Assim, estamos, hoje, num estágio de verdadeira “crise” na disciplina da arqueologia Sírio-Palestina – uma encruzilhada de onde faremos, inevitavelmente, uma partida decisiva. No lado positivo, entretanto, nós já viemos de um longo caminho, Deve ser enfatizado também que tais crises são típicas de todos os campos de saber que estão amadurecendo em direção a um *status* profissional. Essas crises podem se tornar ou descampados que trazem estagnação, ou palcos para um crescimento novo e, não raro, dramático sobre os

⁹⁵ (1) *the multi-disciplinary orientation*; (2) *the broader consideration of environmental factors (“ecology”)*; (3) *the recognition of the value of ethnographic parallels (“ethnoarchaeology”)*; (4) *the employment of general systems-theory (a “holistic” or systemic theory of culture), with its quantitative method*; (5) *the logic of “explicitly scientific” method, with its hypothesis testing*; and (6) *the adoption of the “behavioral-processualist” goal (from one school of cultural anthropology)*. *These are precisely the fundamental tenets of the “new archaeology” of the 1960s in America; only the overriding evolutionary framework was missing, and that had been more or less assumed in Near Eastern archaeology from the beginning.*

⁹⁶ [...] *The new orientation was evident largely in an “oral tradition” among younger excavators, in presentations of dig reports at professional meetings – and especially in grant proposals, where the jargon of the “new archaeology” was often adopted without genuine appreciation or critical application to the unique problems of Near Eastern stratified tells and historical archaeology. In method, the innovations of the “new archaeology” followed quite logically from the incipient theory sketched above. However, because of the typical pragmatic approach in Syro-Palestinian archaeology, methodological advances actually preceded the development of theory, in contrast to the progress of the “new archaeology” in America.*

pilares erigidos pela geração pioneira. Estamos numa fase de consolidação, reflexão crítica e teorização criativa na arqueologia Sírio-Palestina. Nós temos todas as razões para sermos otimistas, pois nosso ramo da arqueologia está entre os mais jovens das disciplinas das humanidades e, de fato, ainda nem terminou sua fase de formação.⁹⁷ (Dever, 1981, p. 22)

Apesar disso, Dever não contava com outros rumos que a teoria da Arqueologia poderia seguir. Depois da “Nova Arqueologia”, chegou à Arqueologia Bíblica o Pós-processualismo.

Embora, desde Albright, mas principalmente com Kenyon, a *Bíblia* fosse interpretada como um documento (ainda que, para alguns, fosse um documento “revelado”), foi apenas no meio da década de 1980 que ela começou a ser pensada como produto de um conjunto de tradições dotadas, até hoje, de um teor religioso, mas também político (não obstante estar, muitas vezes, deliberadamente ou não, apagado dos debates entre os estudiosos) muito grande.

Um exemplo dessa perspectiva que traz o político à baila são os trabalhos de Silberman e Finkelstein, conforme é possível apreciar a partir d, a introdução de um livro bastante polêmico:

O mundo no qual a Bíblia foi criada não era um reino mítico de grandes cidades e heróis santificados, mas um pequeno reino, simples, onde as pessoas lutavam por seu futuro, contra os medos, compreensivelmente humanos, da guerra, da pobreza, da injustiça, das doenças, da fome e da seca. A saga histórica contida na Bíblia – do encontro de Abraão com Deus e sua jornada para Canaã à libertação da escravidão dos filhos de Israel por Moisés, à ascensão e queda dos reinos de Israel e Judá – **não foi uma revelação miraculosa, mas um inteligente produto da imaginação humana**; sua concepção teve início – como os recentes achados arqueológicos sugerem – durante o breve espaço de tempo de duas ou três gerações, há cerca de 2.600 anos. [...] era uma saga épica, composta por uma surpreendente coleção de escritos históricos, memórias e lendas, contos folclóricos e historietas, propaganda real, profecia e poesia antiga. (Finkelstein & Silberman, 2004, grifos acrescentados)

⁹⁷ *Thus we are at a stage of true “crisis” in the discipline of Syro-Palestinian archaeology today – a crossroads from which we will inevitably make a fateful departure. On the positive side, however, we have come a long way. It must be stressed also that such crises are typical of all fields of inquiry that are maturing toward professional status. These crises may become either plateaus that bring stagnation or stages for new and often dramatic growth on the foundations erected by the pioneering generation. In Syro-Palestinian archaeology we are in a phase of consolidation, critical reflection, and creative theorizing. We have every reason to be optimistic, for our branch of archaeology is among the youngest of the humanistic disciplines and is, in fact, still barely past its early formative phase.*

É lícito afirmar que essas diferentes formas de conceber a arqueologia feita na região são resultado da profissionalização da disciplina. Conforme foram se abrindo cursos universitários de arqueologia na região e ficando as técnicas de campo mais sofisticadas, os resultados dos trabalhos deixaram de, necessariamente, corroborar o texto bíblico; ou, melhor dizendo, as perguntas colocadas ao sítio deixaram de limitar-se a tão famosa: “a Bíblia está certa?”. A profissionalização da Arqueologia Bíblica – ou, antes, a sua associação mais próxima à Arqueologia que à Teologia – não eliminou nem as interpretações fundamentalistas de um sítio, nem os arqueólogos amadores do ramo. O estatuto epistemológico da Arqueologia Bíblica, no entanto, entrou em questão. O mesmo aconteceu também com o próprio nome da disciplina, como verá na sequência.

Nomenclatura

Há, atualmente, diversas formas de nomear a Arqueologia praticada na Palestina. O termo mais canônico, “Arqueologia Bíblica”, foi definido por Albright nos anos de 1930. No entanto, devido ao fato de que, para Albright, “Arqueologia Bíblica” era apenas um dos nomes possíveis para denominar a disciplina, o termo só passou a ser amplamente utilizado depois que seu pupilo, George E. Wright, o adotou em seus textos⁹⁸ e definiu, então, a área nos seguintes termos:

“To me, at least, biblical archaeology is a special “armchair” variety of general archaeology, which studies the discoveries of the excavators and gleans from them every fact that throws a direct, indirect, or even diffused light upon the Bible. It must be intelligently concerned with stratigraphy and typology, upon which the method of modern archaeology rests; but its chief concern is not with strata or pots, or methodology. Its central and absorbing interest is the understanding and exposition of the Scriptures.” (*apud* Dever, 2003, p. 113)

O termo canônico passou – especialmente a partir dos anos 1980 – a ser questionado por diversos autores, graças, sobretudo, ao impacto causado, nessa área, pelos pressupostos da Nova Arqueologia (Dever, 1981). Um desses pressupostos era o de que a Arqueologia,

⁹⁸ Wright publicou, em 1947, o artigo “The present state of Biblical Archaeology” em seu livro *The Study of the Bible today and tomorrow*. Mais tarde, em 1962, publicou o manual *Biblical Archaeology*.

para constituir-se como uma Ciência Social autônoma e, assim, para deixar de ser uma ciência auxiliar, seja da História, da Filologia ou de qualquer outra disciplina baseada em documentos escritos, deveria não mais propor-se a produzir descrições que “ilustrariam”, comprovando ou negando, o que mostravam os textos, mas sim, como uma área autônoma, produzir ela também sua própria explicação, específica. Além do mais, como ciência, fundada em leis, padrões e constantes metodológicas, e, então, privada de subjetividade, não poderia dar ensejo para que questões de ordem ideológica (aí, portanto, também incluídas as perspectivas religiosas e políticas) emergissem no trabalho do arqueólogo. Nesse contexto, a Bíblia não era mais vista como o ponto de partida do trabalho do arqueólogo. Segundo Dever, “[...] a designação Arqueologia Bíblica era, então, inaceitável. Era um empecilho para nova visão, um ‘regresso’ para uma era anterior.”⁹⁹ Esse pensamento o levou a recuperar o termo “Arqueologia Sírio-Palestina”, já usado por Albright. Respondendo a críticas, especialmente da parte de Frank M. Cross, Dever afirma (1982, p. 104):

“[...] Arqueologia Sírio-Palestina” não é a mesma coisa, nem uma pequena parte de “arqueologia bíblica”. Eu lamento dizer que todos que defendem Albright e “arqueologia bíblica” nesse terreno, estão lamentavelmente desligados da realidade no campo da arqueologia. Definir Arqueologia Sírio-Palestina em termos tão paroquianos não é nenhum crédito a Albright! [...] Eu nunca estimei “a supressão do termo (arqueologia bíblica) em favor de Arqueologia Palestina”, **apesar de eu, infeliz, concordar, de fato, com isso**, mas eu fiz objeção ao uso de arqueologia bíblica *pars pro toto*. Há, hoje em dia, na América (e sempre houve em outros lugares) uma entidade chamada propriamente de Arqueologia Sírio-Palestina. Onde os estudos bíblicos são objeto, trata-se de uma disciplina autônoma. Como qualquer outro ramo da arqueologia geral, ela compartilha metodologia e objetivos comuns, mas tem suas próprias fronteiras geográficas, cronológicas e culturais. Eu concordo com Cross e Lance, que “arqueologia bíblica” é algo mais; o que é e como deve ser chamada, eu deixo para eles.¹⁰⁰

⁹⁹ [...] the designation ‘Biblical’ archaeology was now unacceptable. It was an embarrassment for the new vision, a ‘throwback’ to an earlier era.

¹⁰⁰ [...] “Syro-Palestinian archeology” is not the same as, not a small part of, “biblical archeology”. I regret to say that all who would defend Albright and “biblical archeology” on this ground are sadly out of touch with reality in the field of archeology. To define Syro-Palestinian archeology in such parochial terms is no credit to Albright! [...] I have never favored “suppressing the term (biblical archeology) in favor of Palestinian archeology”, **even though I do think it unfortunate**, but I have objected to the use of the term “biblical archeology” *pars pro toto*. There is now in America (and there has always been elsewhere) an entity properly called Syro-Palestinian archeology. Where biblical studies are concerned it is an autonomous discipline. Like any other branch of general archeology, it shares a common methodology and objective, but it has its own proper and unique geographical, chronological, and cultural boundaries. I agree with Cross

O fato de Dever realmente acreditar que um termo deva substituir o outro, o fez afirmar que a Arqueologia Bíblica teria entrado em *declínio* na década de 1960 e que a *American Biblical Archaeology* estaria *morrendo*. Em contrapartida, Silberman, escrevendo a respeito das *transformações* sobre as quais a disciplina passou, após a II Guerra Mundial, num texto cheio de referências a Dever, assevera que

[...] Por anos Dever foi uma voz poderosa junto à ASOR, evocando o abandono de sua orientação bíblica e a adoção de interpretações processuais de mudanças culturais e de pesquisas motivadas por hipóteses que delineiam a marca distintiva da Nova Arqueologia. **Argumentando que a orientação bíblica da ASOR afastou-a das discussões arqueológicas durante os anos 1960 e 1970**, ele treinou uma nova geração de acadêmicos americanos numa linha de orientação mais antropológica de arqueologia que ele insistentemente chamou de Arqueologia Sírio-Palestina, preferencialmente ao que ele considera um nome fora de moda e teologicamente inclinado, Arqueologia Bíblica. Seus esforços resultaram na criação de uma nova e significativa tendência na disciplina, mesmo que a produção acadêmica de seus alunos não tenha proporcionado a revolução epistemológica completa que ele esperava. Outra abordagem arqueológica, bíblicamente orientada, mais tradicional, continuou a existir na ASOR e o número de participantes israelenses, jordanianos, cipriotas e palestinos em conferências e trabalhos de campo da ASOR foi crescendo, o que trouxe um amplo espectro de sensibilidades metodológicas, nacionais e culturais. Para Dever, o crescente status desses pesquisadores não-americanos junto à disciplina, combinado com a erosão estabelecida no apoio financeiro a pesquisadores americanos e a perda das posições das universidades norte-americanas, **colocaram em risco o papel de liderança que os americanos haviam sempre ocupado na Arqueologia Bíblica**. Escrevendo a respeito da atual situação da arqueologia no Oriente Médio, Dever notou, de forma amarga, que “nós estamos ficando cada vez mais à margem, frequentemente reduzidos ao status de espectadores num **jogo** que nós mesmo inventamos.”¹⁰¹ (Silberman, 1998, p. 177)

and Lance that “biblical archeology” is something else; what it is, and what it should be called, I leave to them.

¹⁰¹ [...] For years Dever had been a powerful voice within ASOR, calling for the abandonment of its traditional biblical orientation and for the adoption of processualist understandings of culture change and hypothesis-driven research designs characteristic of the New Archaeology. **Arguing that ASOR’s biblical orientation had caused it to drift out of the archaeological mainstream during the 1960s and 1970s** he had trained a new generation of American scholars in a more anthropologically-oriented brand of archaeology that he insistently called Syro-Palestinian archaeology in preference to what he considered the outmoded and theologically skewed name, Biblical Archaeology. His efforts resulted in the creation of a significant new trend within the discipline, even if his students’ scholarly output had not effected the sweeping epistemological revolution that he had hoped. Other, more traditional, biblically-oriented archaeological approaches had continued to exist within ASOR and the number of Israeli, Jordanian, Cypriot and Palestinian participants in ASOR conferences and field projects was growing bringing with them a wide range of methodological, national, and cultural sensibilities. To Dever, the rising status of these non-American scholars within the discipline, combined with the steady erosion of financial support for American scholars and the loss of US university positions, **endangered the leading role that Americans had always played in Biblical Archaeology**. Writing about the current archaeological situation in the Middle East, Dever

No entanto, o próprio Dever defende, mais tarde, o abandono de “Arqueologia Sírio-Palestina”, expressão que, depois da Primeira Intifada (1987-1993), já não seria mais politicamente correta.

Mas como, então, denominar a prática arqueológica nos territórios do Estado de Israel e da Autoridade Palestina?

A proposta de Dever é a de observar a terminologia das próprias “escolas nacionais” de arqueologia. O arqueólogo israelense Mazar (1988, p. 127), apesar de afirmar que “[...] o termo ‘Arqueologia Bíblica’, que tem sido recentemente objeto de ataque por parte de alguns estudiosos, não é usado oficialmente”¹⁰², não nega, por exemplo, a importância do texto bíblico para a prática arqueológica em Israel,

[...] mesmo quando uma abordagem crítica ao estudo do texto bíblico é usada. Quase naturalmente, usa-se toda a oportunidade para relacionar a evidência arqueológica ao texto bíblico. Em Israel, esse processo tem sido desenvolvido principalmente por pesquisadores como B. Mazar, S. Yeivin, Y. Yadin, and Y. Aharoni.¹⁰³ (Mazar, 1988, p. 127)

Por isso, ele defende “Arqueologia Bíblica” como o melhor termo para representar a identidade da disciplina.

O termo ‘Arqueologia Sírio-Palestina’ tem sido sugerido por Dever e não, necessariamente, contradiz o termo Arqueologia Bíblica; ele simplesmente enfatiza a unidade da cultura material na região geográfica do Levante em certos períodos, um fato de que todos já estão bem cientes. O termo Arqueologia Bíblica, no entanto, encaixa-se mais precisamente na natureza da atividade nesse campo, o qual envolve todos os aspectos da cultura material do mundo bíblico.¹⁰⁴ (Mazar, 1988, p. 127)

Em 1998, Israel Finkelstein procurou fundamentar a arqueologia que pratica – “da Idade do Ferro II”, em seus termos – em outras raízes que não “the distorted roots of Bible

bitterly noted that ‘we are becoming increasingly marginalised, often reduced to the status of spectators at a game we invented’.

¹⁰² [...] the term ‘Biblical Archaeology’, which recently has been an object of attack by some scholars, is not used officially

¹⁰³ [...] even if a critical approach to the study of biblical text is used. Quite naturally, every opportunity is taken to relate archaeological evidence to the biblical text. In Israel, this process has been developed mainly by scholars like B. Mazar, S. Yeivin, Y. Yadin, and Y. Aharoni.

¹⁰⁴ The term “Syro-Palestinian Archaeology” has been suggested by Dever and does not necessarily contradict the term Biblical Archaeology; it merely emphasizes the unity of the material culture in the geographical region of the Levant in certain periods, a fact of which all are well aware. The term Biblical Archaeology, however, fits more precisely the nature of the activity in this field, which involves all aspects of material culture of the biblical world.

archaeology” (1998, p. 167). Em sua controvérsia com Mazar a respeito da cronologia da Idade do Ferro, Finkelstein (1998, p. 172) afirma que seus argumentos “[...] are far more solid than the shaky foundations of the prevailing chronology, which Mazar vigorously defends. The latter are based mainly, in fact only, upon the biblical testimony on the United Monarchy in the days of Solomon.” E continua:

O principal obstáculo que distrai Mazar de ver os dados arqueológicos em seus próprios termos é sua abordagem sentimental, quase romântica, da Arqueologia da Idade do Ferro. [...] Mazar (como muitos antes dele) adere à ideologia bíblica ortodoxa da singularidade de Israel, embora não considerasse que esse conceito emergiu nos turbulentos últimos dias do estado judaíta e/ou durante as restrições do período pós-exílico. Parece que, em contraste com visões atuais as quais explicam a emergência do Israel Antigo principalmente como uma transformação sócio-econômica local, Mazar apegar-se à escola albrightiana, que procurou a origem de Israel fora da arena da Palestina.¹⁰⁵

Dever (2003, p. 59) afirma, no entanto, que os israelenses usam *Biblical Archaeology* apenas em congressos internacionais, nas falas em inglês. Em hebraico, utilizam “Arqueologia da *Eretz Israel*” e, nas publicações, “Arqueologia Palestina” (2003, p. 59).

Silberman defende “Arqueologia Bíblica” pelo sentido histórico que carrega:

Arqueologia Bíblica é uma manifestação cultural única da época em que nasceu. Pelos dezessete séculos anteriores, o mundo cristão possuiu um *corpus* estável de tradições religiosas sobre a Terra Santa, completado com lendas de milagres e templos miraculosos. Com o advento da consciência “científica” do século XIX, entretanto, essas tradições repentinamente perderam seu poder e a precisão literal da Bíblia tinha de ser defendida nesses novos termos. Foi através da Arqueologia Bíblica que o mundo cristão ocidental começou a desenvolver uma nova compreensão da história do berço de sua fé.¹⁰⁶

¹⁰⁵ *The main obstacle which distracts Mazar from viewing the archaeological data on their own terms is his sentimental, somewhat romantic approach to the archaeology of the Iron Age. [...] Mazar (like many before him) adheres to the orthodox biblical ideology of the singularity of Israel, whilst not appreciating that this concept emerged in the troubled later days of the Judahite state, and/or during the constraints of the post-exilic period. It seems that, in contrast to current views which explain the emergence of Early Israel mainly as a local socio-economic transformation, Mazar clings to the Albright school, which sought the origin of Israel outside the Palestinian arena.*

¹⁰⁶ *Biblical archeology is a unique cultural manifestation of the age in which it was born. For the preceding seventeen hundred years, the Christian world had possessed a stable body of religious tradition about the Holy Land, complete with time-honored legends of miracles and wonderworking shrines. With the advent of the nineteenth-century “scientific” consciousness, however, those traditions suddenly lost their power and the*

O termo “Arqueologia Bíblica” também é defendido por Davis (2004, p. 148) .Para ele, a Arqueologia Bíblica atual compreende diversos debates sobre “problemas” da “antiga disciplina”. Em meio a esses debates, está a exaustiva disputa entre “Minimalistas” e “Maximalistas” – *grosso modo*, duas abordagens controversas, entre si, a respeito dos textos históricos da *Bíblia Hebraica* –, que continua, de certa forma, uma discussão, da década de 1920, entre uma visão mais fundamentalista e outra menos do texto bíblico. Para ele,

[...] os argumentos degeneraram-se em polêmicas pessoais, envenenando a atmosfera para um debate racional. Embora o debate seja fundamentalmente um argumento bíblico-teológico-ideológico, cada lado fez uso de dados arqueológicos para apoiar sua posição. Ironicamente, a Arqueologia é novamente utilizada como uma arma para promover perspectivas bíblico-teológicas particulares. A nova Arqueologia Bíblica não é, dessa forma, muito diferente da antiga.¹⁰⁷ (Davis T. W., 2004, p. 148)

Já para Dever (2003, p. 60), os minimalistas – ou revisionistas¹⁰⁸, como prefere chamá-los –, além de negarem a Bíblia como fonte, “distorcem” os dados arqueológicos e, para desacreditá-los, “ressuscitam” o termo “Arqueologia Bíblica” como bode-expiatório, para poderem criticar as pesquisas que fazem alguma referência ao texto bíblico.

literal accuracy of the Bible had to be defended on new terms. It was through Biblical archeology that the western Christian world began to develop a new understanding of the history of the birthplace of its faith.

¹⁰⁷ [...] *the arguments have degenerated into personal polemics, poisoning the atmosphere for rational debate. Although the debate is fundamentally a biblical-theological-ideological argument, each side has used archaeological data to bolster its position. Ironically, archaeology is once again being used as a weapon to further particular biblical-theological perspectives. The new biblical archaeology is not in that way very different from the old.*

¹⁰⁸ Neste caso, Dever refere-se diretamente aos autores: Keith Whitelam (*The Invention of Ancient Israel: the Silencing of Palestinian History*, 1996), Niels P. Lemche (*The Israelites in History and Tradition*, 1998), Thomas L. Thompson (*The Mythic Past: Biblical Archaeology and the Myth of Israel*, 1999).

Algumas conclusões

Com tudo isso, é possível dizer que a prática arqueológica na região de Israel, da Autoridade Palestina, da Síria e da Jordânia é constituída por diversas disciplinas, que convivem entre si. Há ainda uma “Arqueologia Bíblica”, praticada em grande parte por estrangeiros, especialmente norte-americanos, em sua maioria cristãos ou judeus, motivados pela *Bíblia*, seja para comprová-la, seja para negá-la. Dessa Arqueologia Bíblica surgiu a “Arqueologia Israelense”, ou seja, aquela praticada por israelenses sob os auspícios de seu Estado. Sob essa rubrica, há trabalhos mais nacionalistas – ou sionistas, como muitos os nomeiam –, como os primeiros trabalhos em Jerusalém depois da Guerra dos Seis Dias, no Monte do Templo por Benjamin Mazar (1968-1979), no Quarteirão Judaico por Naaman Avigad (1969-1982) e na Cidade de Davi por Y. Shiloh (1978-1984), ou ainda as escavações em Massada, por Yigael Yadin, entre 1963-1965. Há, por outro lado, trabalhos com posições mais moderadas, como são os de Israel Finkelstein (citado acima), que não pretendem fundamentar nenhum argumento nacionalista nem ilustrar o texto bíblico.

Existe hoje também uma arqueologia da Autoridade Palestina que, como já comentado acima, alterna entre projetos mais nacionalistas e outros menos motivados por questões políticas. Um aspecto a se destacar a respeito da Arqueologia Palestina é o diálogo forte que ela estabelece com a chamada “Arqueologia Pública”. Vertente da Arqueologia que privilegia a participação das comunidades circundantes às escavações no processo de construção de saber arqueológico por meio de uma troca de conhecimentos entre os pesquisadores e os moradores dessas comunidades, a Arqueologia Pública é vista na Autoridade Palestina como uma ferramenta capaz de estreitar os laços entre os palestinos e o passado da terra, e de incentivar um sentimento de pertencimento numa população que há tanto tempo viria sendo afastada de seu passado, na medida em que, primeiro, os impérios europeus se apropriaram de sua história e a deixaram, depois, como herança para o Estado de Israel (Mourrad, 2009).

Não se pode esquecer que, além disso, existe ainda uma Arqueologia Síria e uma Jordania, ambas igualmente promovidas por seus governos, que lidam com sítios bíblicos, gregos, romanos, muçulmanos. Segundo Maffi (2009, p. 18), autoridades

jordanianas teriam se esforçado para construir “a strong discourse on the Christian geography and history of its territory as connected to the Bible”, no início de suas atividades. Outros países árabes, por outro lado, teriam proposto “contra-histórias” à narrativa israelense questionando sua forma de justificar o direito à terra (Abu El-Haj, 1998; Abu El-Haj, 2001; Whitelam, 1997).

Donde se pode concluir que tratar, hoje, de “Arqueologia das Terras da Bíblia”, como se fez no início, é muito mais complexo, na medida em que está pressuposto o envolvimento dos atores locais. Conforme o grau desse envolvimento, a comunidade engajada e a relação estabelecida com os pesquisadores, o termo assume matizes políticos e identitários bem diversos. A partir dessa perspectiva, portanto, os termos devem ser considerados pela sua história e pelo papel político suscitado, pois a disciplina, apesar de autoproclamada científica, não está, como toda forma de saber, desvinculada de seu papel (político) na sociedade.

Referências

Documentos

- Buckingham, J. S. (1821). *Travels in Palestine through the Countries of Bashan and Gilead, East o the River Jordan including a visit to the Cities of Geraza and Gamala in the Decapolis*. London: A. & R. Spottiswoode.
- Burckhardt, J. L. (1822). *Travels in Syria and the Holy Land*. London: John Murray.
- Clarke, D. E. (1817). *Travels in Various Countries of Europe Asia and Africa: Greece, Egypt and the Holy Land* (4th ed., Vol. 3). London: T. Cadell and W. Davies.
- de Saulcy, F. (1866). *Les derniers jours de Jérusalem*. Paris: Hachette.
- de Saulcy, F. (1853). *Voyage autour de la Mer Morte dans les Terres Bibliques* (Vol. I). Paris: Gide et Baudry.
- de Saulcy, F. (1865). *Voyage en Terre Sainte*. Paris: Librairie Académique.
- Lynch, W. (1852). *Official Report of the United States' Expedition to explore the Dead Sea and the River Jordan*. Baltimore: John Murphy & Co.
- Lynch, W. (1853). *Narrative of the United States' Expedition to the River Jordan and the Dead Sea* (9^a ed.). Philadelphia: Blanchard and Lea.
- Robinson, E., & Smith, E. (1856). *Biblical Researches in Palestine and the Adjacent Regions: a Journal of travels in the years 1838 and 1852* (2nd edition with new maps and plans ed., Vol. I). London: John Murray.

Fontes antigas

- Dionisius Halicarnaseus. (1885-1905). *Dionysii Halicarnasei antiquitatum Romanarum quae supersunt*. (K. Jacoby, Ed.) Leipzig: Teubner.
- Flavius Josephus. (1955). *Flavii Iosephi opera*. (B. Niese, Ed.) Berlim: Weidmann.
- Plato. (1925). *Plato in Twelve Volumes* (Vol. 9). Cambridge, MA: Harvard University Press.

Diodorus Siculus. (1888-1890). *Diodori Bibliotheca Historica, Vol 1-2*. (I. Bekker, L. Dindorf, & F. Vogel, Eds.) Leipzig: Teubner.

Strabo. (1877). *Strabonis geographica*. (A. Meineke, Ed.) Leipzig: Teubner.

Sites

About the Society of Antiquaries. (s.d.). Acesso em 09 de Setembro de 2010, disponível em Society of Antiquaries of London: <http://www.sal.org.uk/history/>

Histoire. (s.d.). Acesso em 15 de Julho de 2011, disponível em EBAF: <http://www.ebaf.info/?p=1183&lang=fr>

History. (16 de Julho de 2009). Acesso em 15 de Julho de 2011, disponível em The American Schools of Oriental Research: <http://www.asor.org/about/history.html>

History of Megiddo. (s.d.). Acesso em 15 de Julho de 2011, disponível em The Megiddo Expedition: <http://megiddo.tau.ac.il/history.html>

Über den DPV. (s.d.). Acesso em 15 de Julho de 2011, disponível em Palästina-Verein: <http://www.palaestina-verein.de/d/index.html>

Demais referências

Abu El-Haj, N. (1998). Translating Truths: nationalism, the practice of archaeology, and the remaking of past and present in contemporary Jerusalem. *American Ethnologist*, 25 (2), pp. 166-188.

Abu El-Haj, N. (2001). *Facts on the ground: archaeological practice and territorial self-fashioning in Israeli society*. Chicago: University of Chicago Press.

Albright, W. F. (1921). Contributions to the historical geography of Palestine. *The Annual of the American School of Oriental Research in Jerusalem*, 2/3, pp. 1-46.

Albright, W. F. (1932). *The Archaeology of Palestine and the Bible*. New York: Fleming H. Revell.

Albright, W. F. (1948). *From the Stone Age to Christianity*. Baltimore: The Johns Hopkins Press.

- Albright, W. F. (1966). *Archaeology, Historical Analogy, and Early Biblical Tradition*. Baton Rouge: Louisiana State University.
- Albright, W. F. (1966). *New horizons in Biblical research*. London: Oxford University Press.
- Albright, W. F. (1971). *The Archaeology of Palestine* (3^a ed.). Gloucester: Peter Smith.
- Alt, A. (1939). Edward Robinson and the Historical Geography of Palestine. *Journal of Biblical Literature* , 58 (4), 373-377.
- Baikie, J. (1923). *A century of excavation in the land of the Pharaohs*. London: Religious Tract Society.
- Baumgart, W. (1989). *Imperialism: the idea and the reality of British and French colonial expansion, 1880-1914* (Vol. 2^a). Oxford: OUP.
- Ben-Arieh, Y. (1979). *The Rediscovery of the Holy Land in the Nineteenth Century*. Detroit: The Magnes Press.
- Birch, S. (1872). Introduction. *Transactions of the Society of Biblical Archaeology* , I, i-iii.
- Bliss, J. F., & Macalister, R. A. (1902). *Excavations in Palestine during the years 1898-1900*. London: PEF.
- Bond, G., & Gilliam, A. (1994). *Social constructions of the Past, representation as power*. London: Routledge.
- Bourbon, F., & Lavagno, E. (2009). *The Holy Land: Archaeological Guide to Israel, Sinai and Jordan* (Nova Edição atualizada e revista ed.). (R. Pierce, Trad.) Vercelli: White Star.
- Callaway, J. (1980). Sir Flinders Petrie: Father of Palestinian Archaeology. *Biblical Archaeology Review* , 6 (6), 44-65.
- Chantraine, P. (1968). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Clark, D., & Matthews, V. (2000). *One hundred years of American Archaeology in the Middle East*. Asor.
- Cline, E. H. (2009). *Biblical Archaeology: a very short introduction*. Oxford: OUP.

- Crane, S. A. (1999). Story, History and the Passionate Collector. In: M. Myrone, & L. Pelz, *Producing the Past: Aspects of Antiquarian Culture and Practice, 1700-1850*. London: Scholar Press.
- Daniel, G. E. (1952). *A hundred years of Archaeology*. Edinburgh: The Riverside Press.
- Davidson, L. (1996). Biblical Archaeology and the Press: shaping American Perceptions of Palestine in the first decade of the Mandate. *Biblical archaeologist* , 59 (2), pp. 104-114.
- Davies, G. I. (1988). British Archaeologists. In: J. F. Drinkard, G. L. Mattingly, & M. J. Miler, *Benchmarks in time and culture: an introduction to Palestinian Archaeology. Essays in honor of Joseph A. Callaway* (pp. 38-62). Atlanta: Scholars Press.
- Davis, M. C. (2008). *Dame Kathleen Kenyon: Digging up the Holy Land*. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Davis, T. W. (2004). *Shifting Sands: the Rise and Fall of Biblical Archaeology*. Oxford: OUP.
- de Certeau, M. (2006). *A escrita da História* (2ª ed.). (M. d. Menezes, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- de Vaux, R. (1970). On the right and wrong uses of Archaeology. In: J. Sanders, *Near Eastern Archaeology in the Twentieth Century* (pp. 64-80). New York: Doubleday.
- Der Tempel. (2009). *Der Spiegel Geschichte: Jerusalem , Geburtsstadt des Glaubens* (3).
- Dever, W. G. (1980). Archeological Method in Israel: a continuing revolution. *The Biblical Archaeologist* , 43 (1), 40-48.
- Dever, W. G. (1997). Biblical Archaeology. In: E. M. Meyers, *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East* (pp. 315-319). New York/Oxford: Oxford University Press.
- Dever, W. G. (1995). Ceramics, Ethnicity, and th question of Israel's origins. *Biblical archaeologist* , 58 (4), pp. 200-213.
- Dever, W. G. (1982). Retrospects and Prospects in Biblical and Syro-Palestinian Archaeology. *The Biblical Archaeologist* , 45 (2), pp. 103-107.
- Dever, W. G. (2001). Review: Excavating the Hebrew Bible or burying it again? *Bulletin of the Americal Schools of Oriental Research* (322), pp. 66-77.

- Dever, W. G. (1981). The impact of the 'New Archaeology' on Syro-Palestinian Archaeology. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* , 242, pp. 15-29.
- Dever, W. G. (2003). Whatchamacallit: Why It's So Hard to Name Our Field. *Biblical Archaeology Review* , 4, pp. 57-61.
- Díaz-Andreu, M. (2007). *A World history of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: OUP.
- Díaz-Andreu, M. (1999). Nacionalismo y arqueología: del viejo al nuevo mundo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* (3), 161-180.
- Díaz-Andreu, M. (2002). Nationalism. In: C. Orser, *Encyclopedia of Historical Archaeology*. London and New York: Routledge.
- Fargo, V. M. (1984). Sir Flinders Petrie. *Biblical Archaeologist* , 47, pp. 220-222.
- Ferreira, L. M. (2007). *Território Primitivo: a Institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Campinas: UNICAMP.
- Ferreira, M. L. (dez./mar de 2009/2010). A memória coletiva dos santos lugares. 1.
- Finkelstein, I. (1998). Bible Archaeology or Archaeology of Palestine in the Iron Age? A rejoinder. *Levant* , XXX, pp. 167-174.
- Finkelstein, I., & Silberman, N. A. (Aug. de 2002). Review: "The Bible Unearthed": A Rejoinder. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* , pp. 63-73.
- Finkelstein, I., & Silberman, N. A. (2004). *A Bíblia não tinha razão* (2ª ed.). (T. Magalhães, Trad.) São Paulo: A Girafa.
- Finkelstein, I., & Silberman, N. A. (2006). *David and Solomon: in search of the Bible's sacred Kings and the Roots of Western tradition*. New York: Free Press.
- Foucault, M. (2005). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2006). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.
- Foucault, M. (2007). *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Fritz, V. (1985). *Einführung in die biblische Archäologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Funari, P. P. (2003). *Arqueologia*. São Paulo: Contexto.

- Funari, P. P., & Carvalho, A. V. (2009). The uses of archaeology: a pledge for diversity. *Archaeological Dialogues*, 3, 16-24.
- Funari, P. P., Orser, C. E., & Schiavetto, S. N. (2005). *Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea*. São Paulo: Annablume.
- Funari, P. P., Silva, G. J., & Martins, A. L. (2008). *História Antiga, contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume.
- Gimenes, R. A., & Rago, M. (2000). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: IFCH/Unicamp.
- Goren, H. (2002). Sacred, but not surveyed: Nineteenth-Century Surveys of Palestine. *Imago Mundi*, 54, pp. 87-110.
- Gorys, E. (1984). *Das Heilige Land*. Köln: DuMont.
- Gould, S. J. (1999). *A falsa medida do homem* (2ª ed.). (V. L. Siqueira, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Grillo, J. G., Garraffoni, R. S., & Funari, P. P. (2011). *Sexo e Violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Annablume.
- Halbwachs, M. (2008). *La topographie légendaire des Évangiles en Terre Sainte*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Hartog, F. (1999). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. (J. L. Brandão, Trad.) Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Hingley, R. (2000). *Roman Officers and British Gentlemen: the imperial origins of Roman archaeology*. London: Routledge.
- Holum, K. (1990). Hadrian and St. Helena: Imperial Travel and the Origins of Christian Holy Land Pilgrimage. In: J. Ousterhout, *The Blessings of Pilgrimage* (pp. 66-81).
- Hunt, E. (1982). *Holy Land Pilgrimage in the Later Roman Empire, AD 312-460*. Oxford: OUP.
- Hunt, E. (1999). Were There Christian Pilgrims before Constantine? In: J. Stopford, *Pilgrimage Explored* (pp. 25-40). York: York Medieval Press.
- Idinopulos, T. A. (1998). *Weathered by Miracles: A history of Palestine from Bonaparte and Muhammad Ali to Ben-Gurion and the Mufti*. Chicago: Ivan R. Dee.
- Jenkins, K. (2004). *Repensando a História*. São Paulo: Contexto.

- Johnson, M. (2000). *Archaeological Theory: an introduction*. Blackwell.
- Jones, S. (1997). Nationalism, Archaeology, and the interpretation of Ethnicity: Israel and Beyond. *Anthropology Today* , 10 (5), pp. 19-21.
- Karmon, Y. (1960). An analysis of Jacotin's Map of Palestine. *Israel Exploration Journal* , 10 (3), 155-173.
- Kedourie, E. (1996). *Nationalism*. Oxford: Blackwell.
- Kenyon, K. M. (1954). Excavations at Jericho. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* , 84 (1/2), 103-110.
- Kenyon, K. M. (1956). *Beginning in Archaeology* (2^a ed.). New York: Praeger.
- Kenyon, K. M. (1957). *Digging up Jericho*. New York: Frederik A. Praeger.
- Kenyon, K. M. (1967). *Jerusalem: excavating 3000 years of History*. London: Thames and Hudson.
- Kenyon, K. M., & Holland, T. A. (1981). *Excavations at Jericho: The Architecture and Stratigraphy of the Tell*. London: The British School of Archaeology in Jerusalem.
- King, P. J. (1988). American Archaeologists. In: J. F. Drinkard, G. L. Mattingly, & J. M. Miller, *Benchmark in Time and Culture: an introduction to Palestinian Archaeology* (pp. 15-36). Atlanta: Scholars Press.
- Koebner, R., & Schmidt, H. D. (1964). *Imperialism : the story and significance of a political word, 1840-1960*. Cambridge: CUP.
- Kohl, P. L., & Fawcett, C. (2000). *Nationalism, politics, and the practice of Archaeology*. Cambridge: CUP.
- Kötting, B. (1950). *Peregrinatio religiosa: Wallfahrten in der Antike und das Pilgerwesen*. Münster: Stenderhoff.
- Kötting, B. (1965). Wallfahrt. In: *Lexikon für Theologie und Kirche* (Vol. 10, pp. 941-946). Freiburg: Herder.
- Kruse. (1854). Vorrede und Einleitung zu Seetzens Reisetagebüchern in den Orient. In: U. J. Seetzen, *Reisen durch Syrien, Palästina, Phönicien, die Transjordan-Länder, Arabia Petraea und Unter-Aegypten* (pp. I-LXXV). Berlin: G. Reimer, Akademische Buchdruckerei.
- Laughlin, J. C. (2000). *Archaeology and the Bible*. London and New York: Routledge.

- Leake, W. M. (1822). Preface. In: J. L. Burckhardt, *Travels in Syria and the Holy Land* (pp. i-xxiii). London: John Murray.
- Ludwig, E. (1952). *Schliemann: die Geschichte der Entdeckung des alten Troja*. Bern: Scherz.
- Macalister, R. A. (1925). *A Century of Excavations in Palestine*. London: The Religious Tract Society.
- Maffi, I. (Feb. de 2009). The emergence of cultural heritage in Jordan: The itinerary of a colonial invention. *Journal fo Social Archaeology* , 9 (1), pp. 5-34.
- Maraval, P. (1984). La Bible des pèlerins d'Orient. In: C. Mondésert, *Le monde grec ancien et la Bible*, (pp. 387-397). Paris: Editions Beauchesne.
- Mazar, A. (1990). *Arqueologia na Terra da Bíblia (10000-586 a.C.)*. (R. Gouveia, Trad.) São Paulo: Paulinas.
- Mazar, A. (1988). Israeli Archaeologists. In: J. F. Drinkard, G. L. Mattingly, & J. M. Miller, *Benchmarks in time and culture: an introduction to Palestinian Archaeology* (pp. 109-128). Atlanta: Scholars Press.
- McClellan, A. (1999). *Inventing the Louvre: Art, Politics and the origins of the modern Museum in Eighteenth-century Paris*. Oxford: OUP.
- Miller, M. (1988). Antecedents to Modern Archaeology. In: J. F. Drinkard, G. L. Mattingly, & M. Miller, *Benchmarks in Time and Culture* (pp. 3-14). Atlanta: Scholars Press.
- Momigliano, A. (2004). *As raízes clássicas da historiografia moderna*. (M. B. Florenzano, Trad.) Bauru: EDUSC.
- Moorey, P. R. (1991). *A century of Biblical Archaeology*. Cambridge: Lutterworth.
- Mourrad, T. O. (2009). Near Eastern Heritage and Development. In: F. Hassan, Y. Moshen, & A. Tradford, *Cultural Heritage and Development in the Arab World* (pp. 53-74). Alexandria: Bibliotheca Alexandrina.
- Murphy-O'Connor, J. (2008). *The Holy Land: an Oxford Archaeological Guide from Earliest Times to 1700* (5^a ed.). Oxford: OUP.
- Olivier, L. (2003). As origens da Arqueologia Francesa. In: P. P. Funari (Ed.), *Repensando o Mundo Antigo: Martin Bernal e Laurent Olivier* (Vols. Textos Didáticos, 49). Campinas: IFCH.

- Orser, C. (2002). Archaeology and Politics. In: C. Orser, *Encyclopedia of Historical Archaeology*.
- Otter, W. (1824). *The Life and Remains of the Rev. Edward Daniel Clarke LL.D.* London: J.F.Dove.
- Patterson, T. C. (2001). *A social history of Anthropology in the United States*. New York: Berg.
- Petrie, W. (1892). *The Story of a "Tell": a lecture*. London: Palestine Exploration Fund.
- Pinto, R. (2011). *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Campinas: IFCH/UNICAMP - Tese de doutorado.
- Preucel, R., & Hodder, I. (1999). Representations and Antirepresentations. In: R. Preucel, & I. Hodder, *Contemporary Archaeology in Theory* (pp. 519-530). Oxford: Blackwell.
- Rago, L. M. (2005). Libertar a História. In: L. M. Rago, L. Orlandi, & A. Veiga-Neto, *Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas* (pp. 250-). Rio de Janeiro: DP&A.
- Revilla. (2002). Biblical Archaeology. In: C. Orser Jr., *Encyclopedia of Historical Archaeology*. London and New York: Routledge.
- Richter, T. (2008). Espionage and Near Eastern Archaeology: a historical survey. *Public Archaeology*, 7 (4), 212-240.
- Running, L. G., & Freedman, D. N. (1997). Albright, William Foxwell. In: E. M. Meyers, *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East* (pp. 61-62). New York/Oxford: Oxford University Press.
- Said, E. (1999). *Cultura e Imperialismo* (1ª reimpressão ed.). (D. Bottman, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saltzweid, J. (2009). Am Ort aller Orte. *Der Spiegel Geschichte: Jerusalem, Geburtsstadt des Glaubens*, 3, 51.
- Sand, S. (2009). *The invention of the Jewish People*. London/New York: Verso.

- Sayej, G. J. (2010). Palestinian Archaeology: Knowledge, Awareness and Cultural Heritage. *Present Pasts* , 2, p. 22.
- Schnapp, A. (2008). Between Antiquarians and Archaeologists - continuities and ruptures. In: T. Murray, & C. Evans, *Histories of Archaeology: a reader in the History of Archaeology* (pp. 392-405). Oxford/New York: OUP.
- Schur, N. (1999). *Napoleon in the Holy Land*. London: Greenhill Books.
- Shadur, J. (1999). *Young travelers to Jerusalem: the Holy Land in American and English Juvenile Literature, 1785-1940*. Ramat Gan: Bar Ilan University.
- Shanks, M., & Tilley, C. (1992). *Re-Constructing Archaeology*. London and New York: Routledge.
- Sharon, I. (2008). Biblical Archaeology. In: D. Pearsall, *Encyclopedia of Archaeology* (pp. 920-924). Elsevier.
- Shaw, W. (2002). *Possessors and possessed: objects, museums, and the visualization of History in the late Ottoman Empire, 1846-1923*. Berkeley: California University Press.
- Shepherd, N. (1999). *Ploughing Sand: British Rule in Palestine, 1917-1948*. London: John Murray.
- Silberman, N. A. (1982). *Digging for God and Country: Exploration, Archaeology, and the Secret Struggle for the Holy Land*. New York: Alfred A. Knopf.
- Silberman, N. A. (1989). *Between Past and Present: Archaeology, Ideology, and Nationalism in the Middle East*. New York: Henry Holt.
- Silberman, N. A. (Jun. de 1991). Desolation and Restoration: The Impact of a Biblical Concept on Near Eastern Archaeology. *The Biblical Archaeologist* , 54 (2), pp. 76-87.
- Silberman, N. A. (1993). Visions of the future: Albright in Jerusalem, 1919-1929. *The Biblical Archaeologist* , 56 (1), 8-16.
- Silberman, N. A. (1998). Whose game is it anyway? The political and social transformations of American Biblical Archaeology. In: L. Meskell, *Archaeology under Fire: Nationalism, politics and heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East* (pp. 175-188). London/New York: Routledge.

- Silberman, N. A. (2000). Promised Lands and Chosen People: the Politics and Poetics of archaeological Narratives. In: P. L. Kohl, & C. Fawcett, *Nationalism, Politics and the Practice of Archaeology* (2a ed., pp. 249-262). Cambridge: CUP.
- Silberman, N. A. (2001). If I forget thee, O Jerusalem: archaeology and religious commemoration and nationalism in a disputed city, 1801-2001. *Nations and Nationalism* 7(4) , 487-504.
- Silva, G. J. (2007). *História Antiga e usos do passado*. São Paulo: Annablume.
- Simon, M. (1954). Les saints d'Israël dans la dévotion de l'Eglise ancienne. *RHPR* , 34, pp. 98-127.
- Smith, A. (1999). National Identity and Myths of Ethnic Descent. In: A. Smith, *Myths and Memories of the Nation* (pp. 57-95). Oxford: OUP.
- Soriano Nieto, N. (2009). *Viajeros románticos a Oriente: Delacroix, Flaubert, Nerval*. Murcia: Universidad de Murcia.
- Taylor, J. (1993). *Christians and the Holy Places: The Myth of Jewish-Christian Origins*. Oxford: OUP.
- Thayer, J. (1895). The Historical Element in the New Testament. *Journal of Biblical Literature* , pp. 1-18.
- Tilley, C. (2006). Theoretical Perspectives: Introduction. In: C. e. Tilley, *Handbook of Material Culture* (pp. 7-12). London: SAGE.
- Tishby, A. (2008). *Das Heilige Land auf Landkarten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Trigger, B. G. (2004). *História do Pensamento Arqueológico*. (O. T. Serra, Trad.) São Paulo: Odysseus.
- Trigger, B. (2000). Romanticism, nationalism, and archaeology. In: P. Kohl, & C. Fawcett, *Nationalism, Politics and the practice of Archaeology* (pp. 263-279). Cambridge: CUP.
- Ucko, P. (2005). Introduction: Archaeological Interpretation in a world context. In: P. Ucko, *Theory in Archaeology: A world perspective* (pp. 1-28). London and New York: Routledge.
- Ucko, P. J. (2005). *Theory in Archaeology: a world perspective*. New York: Routledge.

- Whitelam, K. W. (1997). *The invention of ancient Israel: the silencing of Palestinian history*. London/New York: Routledge.
- Wilken, R. L. (1992). *The Land Called Holy: Palestine in Christian History and Thought*. New Haven: Yale University Press.
- Wilkinson, J. (1977). *Jerusalem Pilgrims before the Crusades*. Warminster: Aris & Phillips.
- Wilkinson, J. (1990). Jewish Holy Places and the Origins of Christian Pilgrimage. In: R. Ousterhout, *The Blessings of Pilgrimage*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press.
- Wilson, D. M. (2002). *The British Museum: a history*. London: British Museum Press.
- Windisch, H. (1925). Die ältesten christlichen Palästina-pilger. *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins*, 48, pp. 145-158.
- Wright, G. E. (1962). *Biblical Archaeology*. Philadelphia: Westminster Press.
- Wright, G. E. (1970). The Phenomenon of American Archaeology in the Near East. In: J. A. Sanders, *Near Eastern Archaeology in the Twentieth Century: Essays in honor of Nelson Glueck* (pp. 3-40). Garden City: Doubleday.
- Yaron, G. (2008). *Jerusalem: ein historische-politischer Stadtführer*. Bonn: C.H.Beck.

Anexos



Figura 1: Fachada atual da Igreja do Santo Sepulcro, no Quarteirão Cristão da Cidade Velha de Jerusalém. Foto da autora.

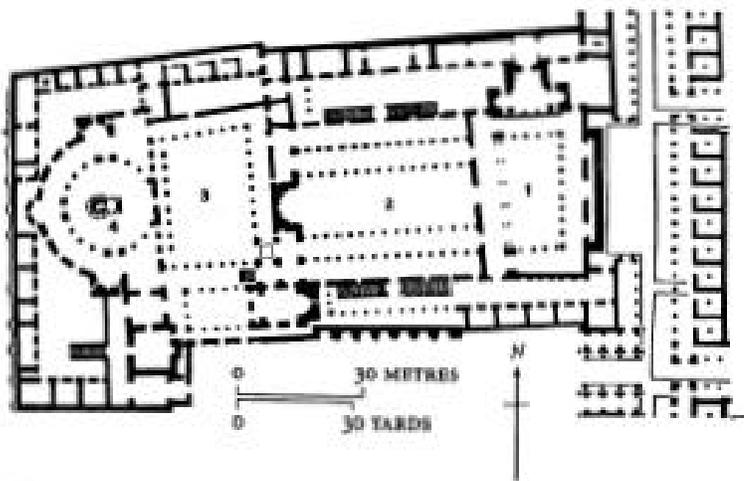


Figura 3: Planta baixa do Santo Sepulcro à época de Constantino, de acordo com Couâsnon. 1. Átrio; 2. Basílica; 3. Pátio, 4. Rotunda (Murphy-O'Connor, 2008, p. 52). Constantino construiu sua basílica sobre um templo romano da época do Imperador Adriano.



Figura 2: Planta baixa do Santo Sepulcro no século XII d.C., de acordo com Corbo. 1-3. Capelas do século XI; 4. Pátio; 5. Escadas; 6. Capela dos Francos; 7. Calvário controlado pelos católicos apostólicos; 8. Calvário controlado pelos gregos ortodoxos (acima)/Capela de Adão (abaixo); 9. Pedra da unção; 10. Parede grega; 11. Tumba de Cristo; 12. Capela copta; 13. Tumba do século I d.C.; 14. Colunas de velas; 15. Capela de Santa Maria Madalena; 16. Coro franciscano; 17. Átrio do período dos cruzados; 18. Sala do século VII d.C.; 19. Colunas bizantinas e cruzadas; 20. Prisão de Cristo; 21. Católicon grego ortodoxo; 22. Entrada para o monastério medieval; 23. Entrada para a cripta de Santa Helena (Murphy-O'Connor, 2008, p. 55). A Igreja atual conserva praticamente essa mesma configuração.

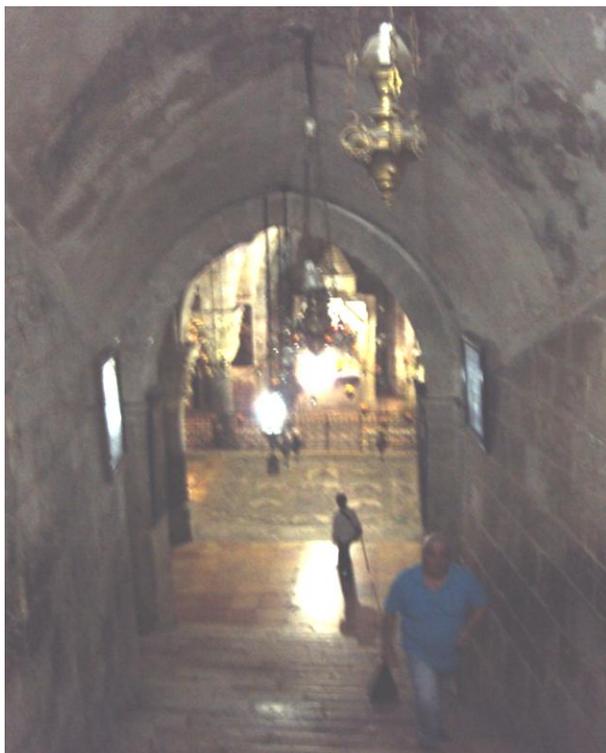


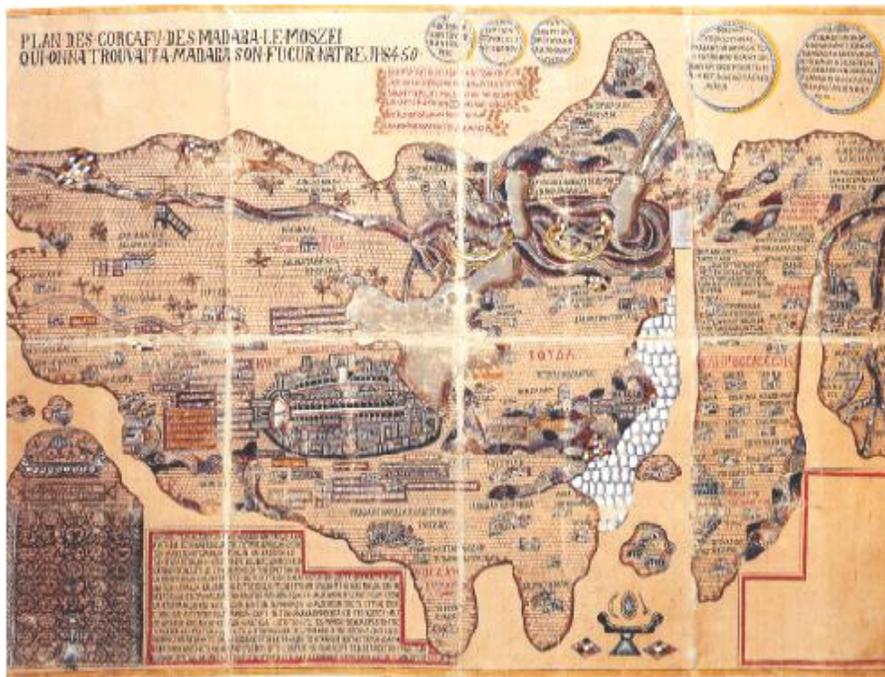
Figura 4: Entrada para a Capela de Santa Helena, na Igreja do Santo Sepulcro. Embora já estivesse nas fundações da Basílica de Constantino, a Capela foi construída pelos cruzados, a partir de 1114 d.C. À direita do altar, encontra-se a escada que leva ao local onde Helena teria encontrado os restos da cruz de Cristo (Foto abaixo). Foto da autora.



Figura 5: Altar indicando o local onde Helena teria encontrado as cruzes. Foto da autora.



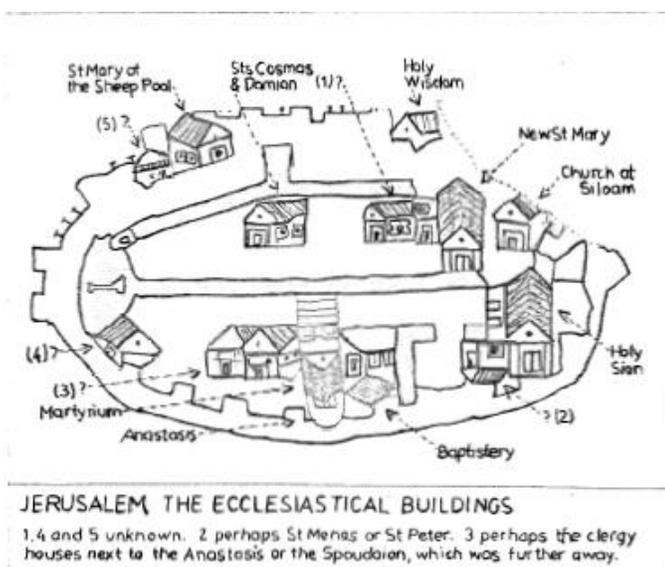
Figura 6 Cima de Conegliano, Sant'Elena e Costantino ai lati della Croce e predella con episodi della Leggenda della Vera Croce, 1501-1503, óleo sobre madeira, Chiesa San Giovanni Battista in Bragora, Veneza. As imagens retratam a lenda da descoberta da Cruz de Cristo por Helena. A lenda aparece também em diversos autores antigos como Sócrates de Constantinopla, Hermas Sozomeno, Theodoreto de Cirro.



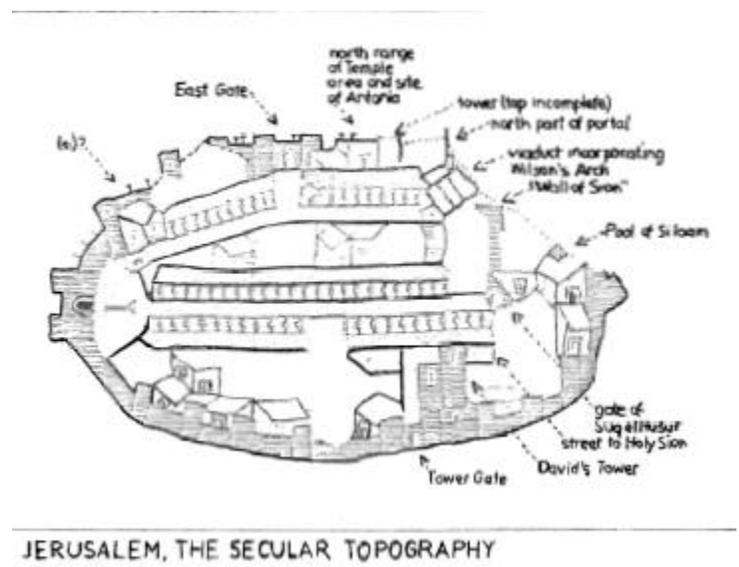
Mapa 1: Reprodução do Mosaico de Madaba, 1897. Guache sobre papel, 1260x1780mm. The Jewish National and University Library, Jerusalem, The Eran Laor Cartographic Collection (Tishby, 2008, p. 67). O Mapa-mosaico decora o piso de uma Igreja do século VI d.C., em Madaba, na Jordânia. É considerado o mapa mais antigo da Palestina, ao lado da *Tabula Peutingeriana*, um mapa romano do século III d.C. (Miller, 1988, p. 8)



Mapa 4: Jerusalém em detalhe no mapa-mosaico. (Saltzwedel, 2009, p. 51)



Mapa 3: Destaque com os principais prédios religiosos (Wilkinson J., 1977)



Mapa 2 Destaque com a topografia da cidade, sem as referências religiosas (Wilkinson J., 1977)

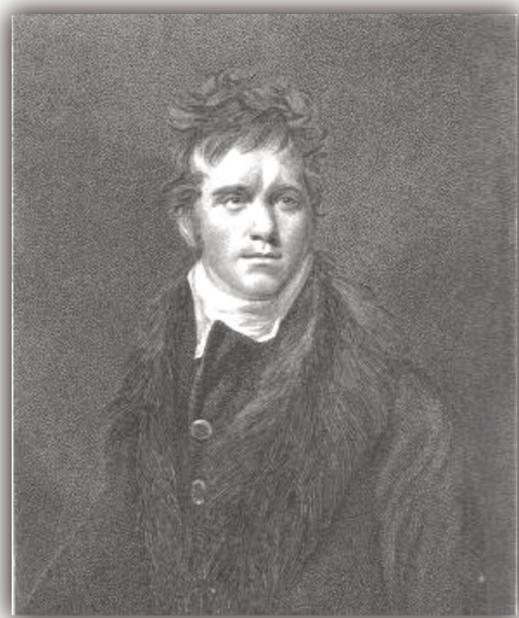


Figura 8: Edward Daniel Clarke



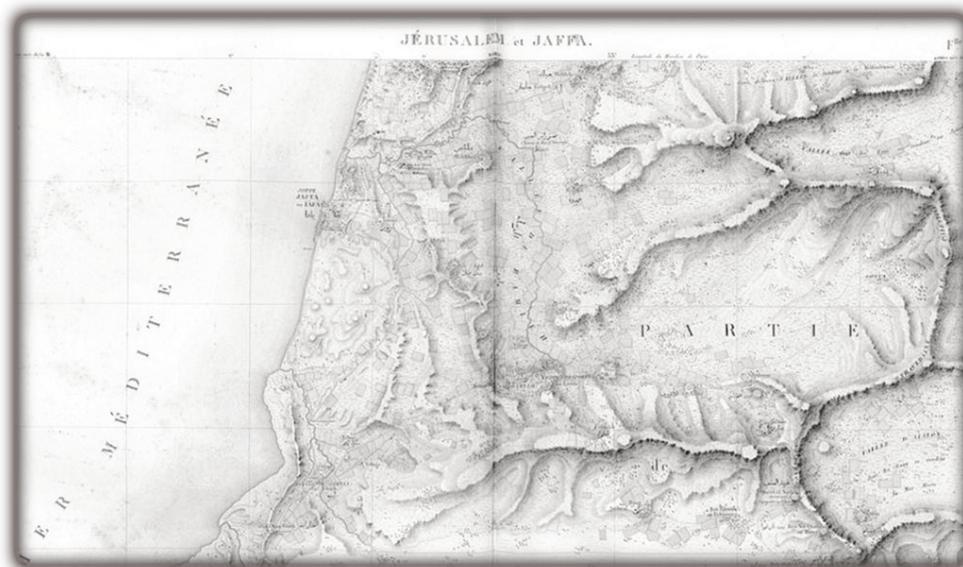
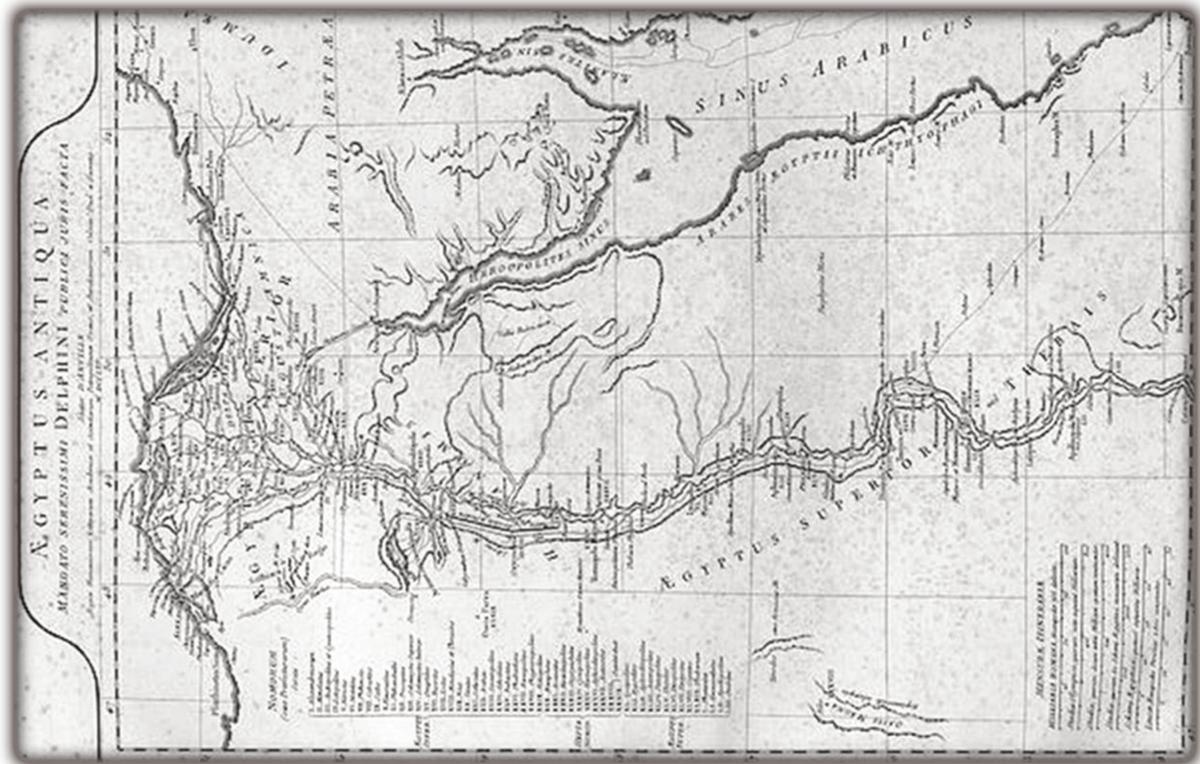
Figura 7: Ulrich Jasper Seetzen



Figura 10: Burckhardt como Xeique Ibrahim.

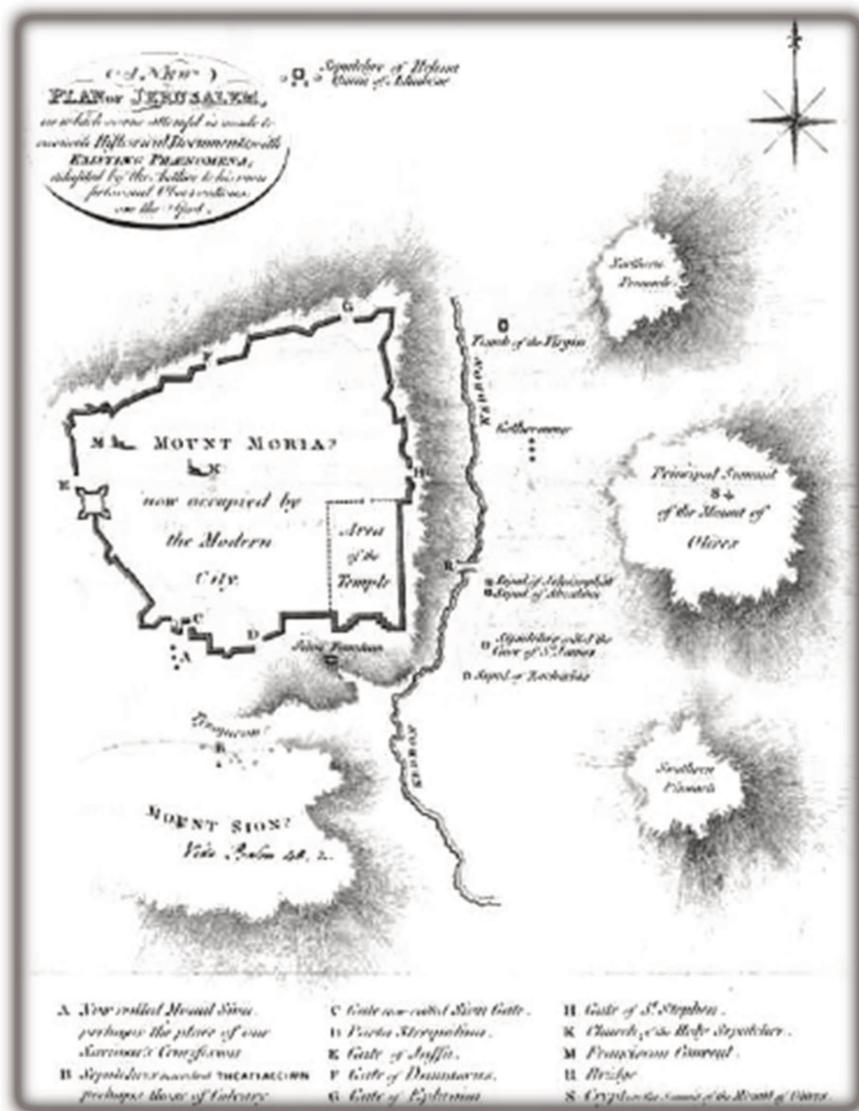


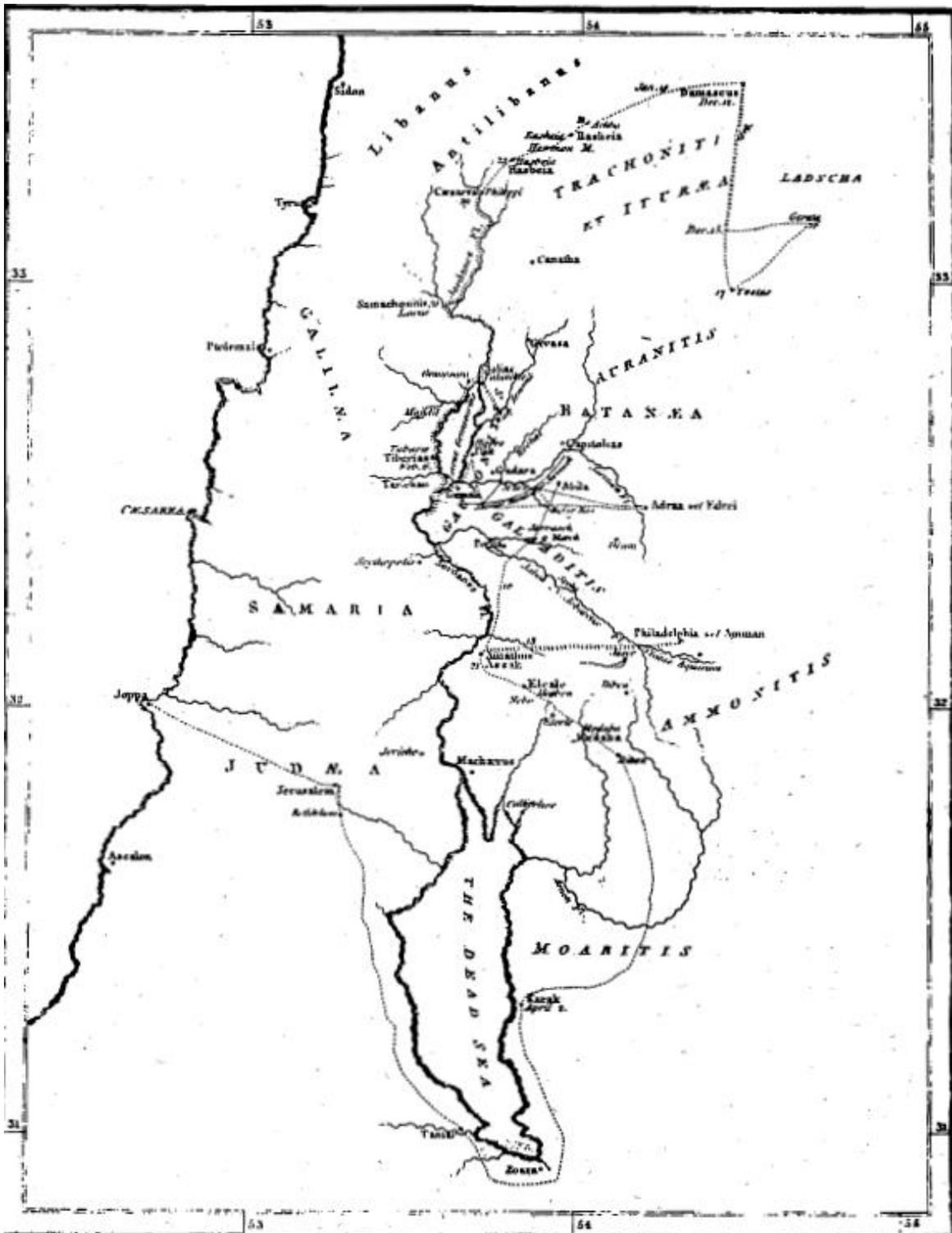
Figura 9: Buckingham em seu disfarce.



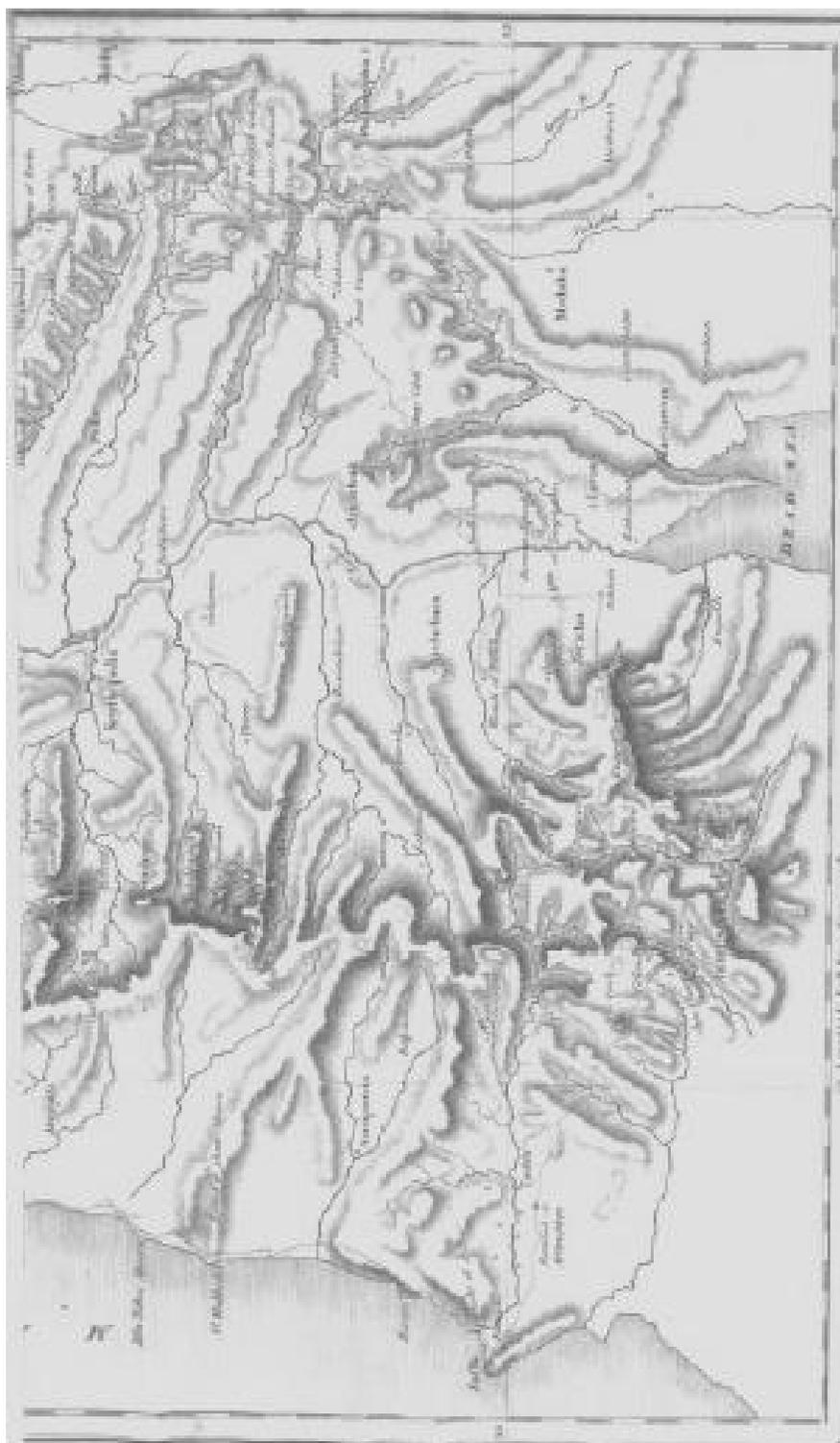
Mapa 5: Description de l'Égypte: ou recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française, publié par les ordres de Sa Majesté l'Empereur Napoléon le Grand (Band 6): Carte topographique de L'Égypte et de plusieurs parties des pays limitrophes: levée pendant l'expédition de l'armée française par les ingénieurs-géographes. Par M. Jacotin. Universitätsbibliothek Heidelberg. Disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/jomaed1828bd6/0004>. O mapa de Jacotin é considerado o primeiro mapa a usar métodos trigonométricos para posicionar elementos da Palestina e serviu de base a outros mapas e expedições durante o século XIX, até a publicação do *Map of Western Palestine*, do Palestine Exploration Fund (Karmon, 1960).

Mapa 6: Clarke, E.D. A new plan of Jerusalem in which some attempt is made to reconcile historical documents with existing phaenomena: adapted by the author to his own personal observations on the spot, 1812. 254x197mm. Disponível em < <http://jnul.huji.ac.il/dl/maps/jer/html/jer255.htm#fullrec> >.





Mapa 7: Seetzen, Mapa do Mar da Galileia e Morto, 1805-1807. O mapa ilustra a falta de conhecimento cartográfico do início do século XIX. (Ben-Arieh, 1979, p. 40)



Mapa 8: Mapa de Buckingham com sua rota. Segundo sua descrição: “[...] O mapa da rota seguida nestas Viagens foi desenvolvido com grande cuidado, totalmente a partir das minhas próprias observações e com o intuito de incluir muitos lugares de modo geral omitidos nos mapas antigos; ele é construído em grande escala e a fisionomia do país pelo qual passamos está acuradamente delineada.” (Buckingham, 1821)



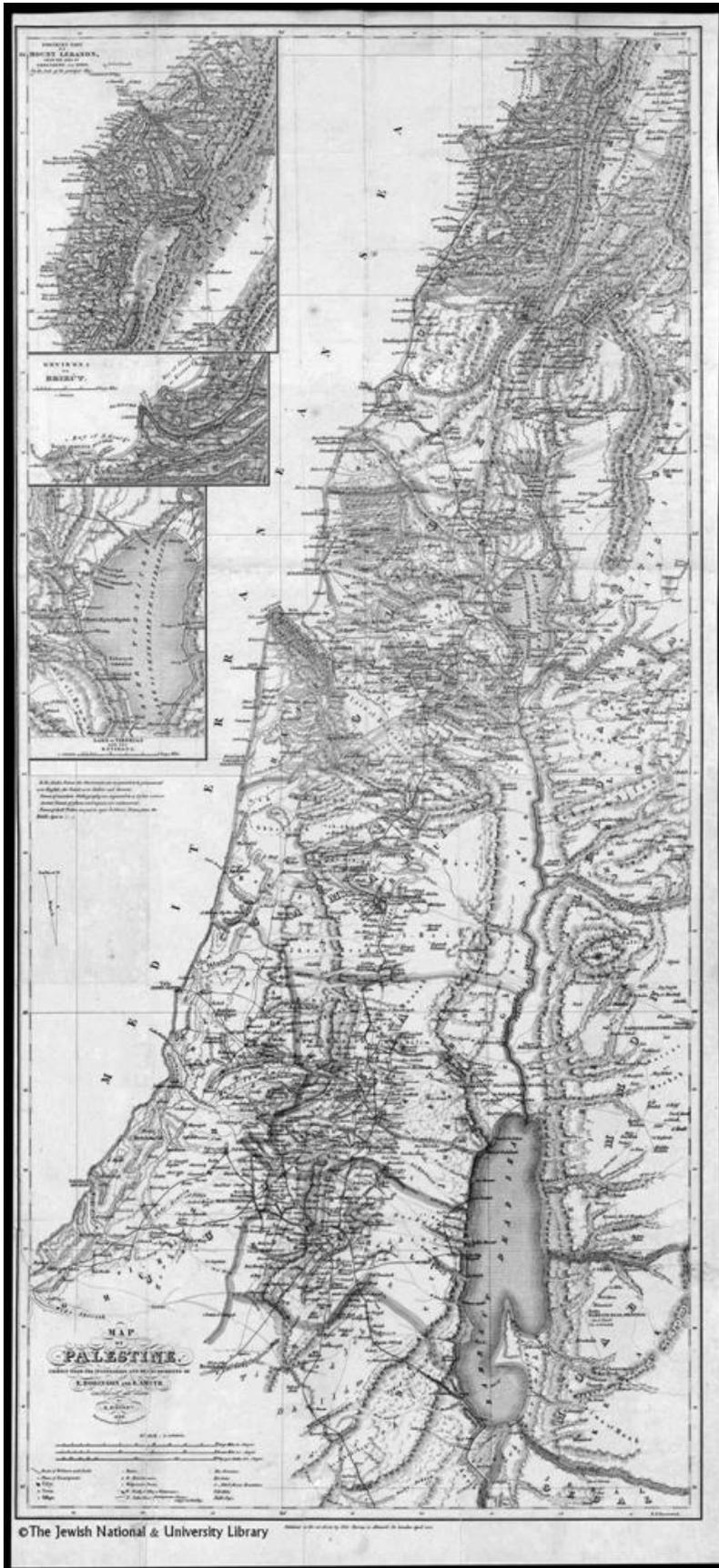
Figura 12: Pedras colapsadas da estrutura do Arco de Robinson. Jerusalem Archaeological Park. Foto da autora.



Figura 13: Edward Robinson, 1889. (Ben-Arieh, 1979, p. 87)



Figura 11: O Arco de Robinson hoje. A parede que seria o muro oeste do Templo de Herodes (ver reconstrução, Figura 14: Reconstrução do Templo de Herodes, em torno do ano 20 a.C. Fonte: Revista Spiegel, p. 32-33) ainda conserva os restos do arco encontrado por Robinson. Jerusalem Archaeological Park. Foto da autora.



Mapa 9: Kiepert. Map of Palestine: chiefly from the itineraries and measurements of E. Robinson and E. Smith. Engraved on stone by H. Mahlmann, Berlin. 426x380mm. The Jewish National and University Library, The Eran Laor Cartographic Collection. Disponível em

<<http://jnul.huji.ac.il/dl/maps/pal/html/eng/pal002368997.htm>>

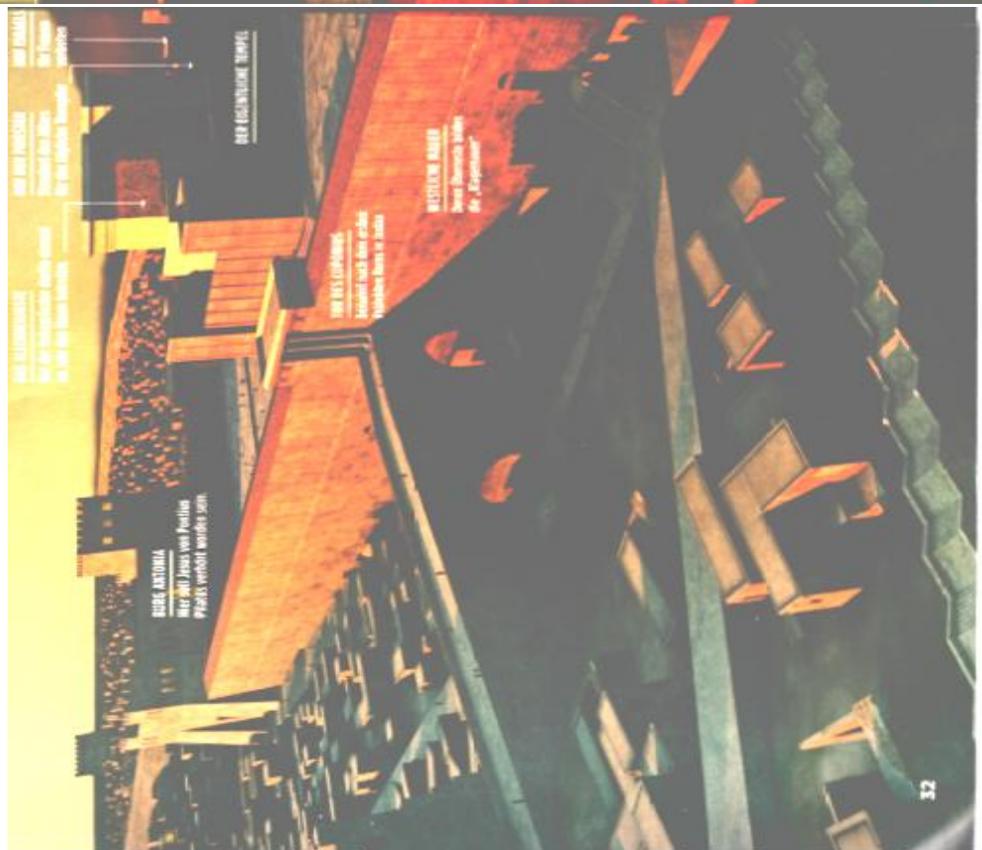


Figura 14: Reconstrução do Templo de Herodes, em torno do ano 20 a.C.
 Fonte: Revista Spiegel, p. 32-33.

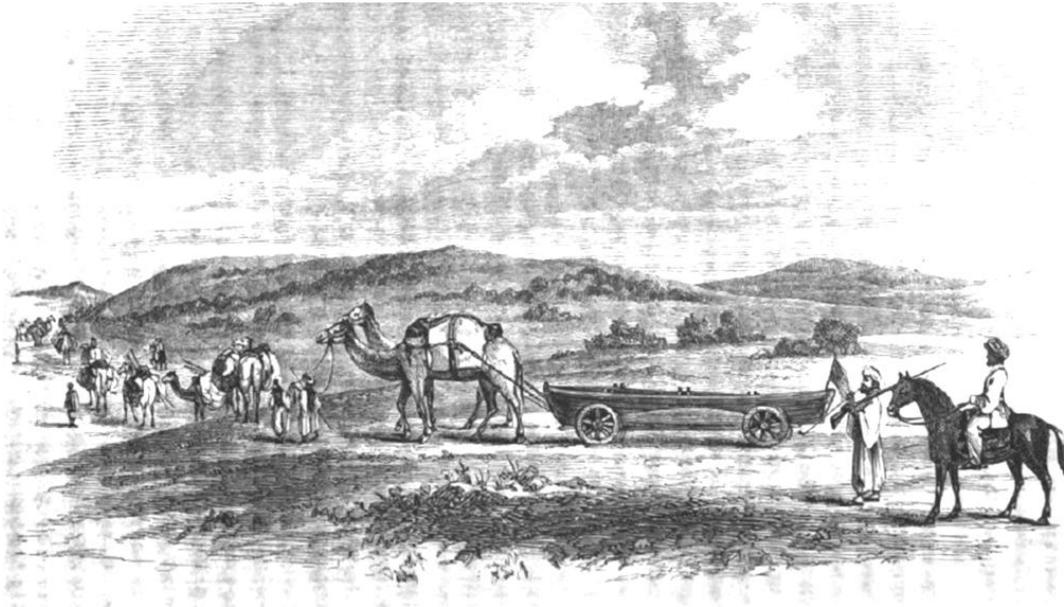


Figura 16: Expedição de Lynch carregando a bandeira dos Estados Unidos (Lynch, 1853).

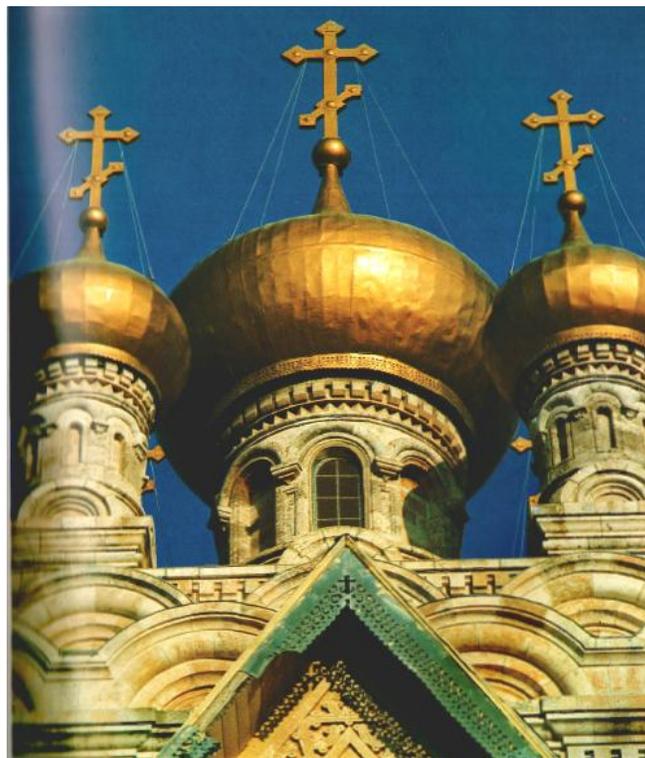


Figura 15: Igreja de Santa Maria Madalena, Monte das Oliveiras, Jerusalém. Foi construída pelo Tsar Alexander III, em 1888. O corpo de sua cunhada, a duquesa Elisaveta Fyodorovna, assassinada durante a Revolução Bolchevique, está enterrado nessa igreja. (Gorys, 1984, p. 149)



Figura 20: Ilustração da entrada das Tumbas dos Reis no século XIX. Fonte: Wikimedia Foundation, disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Tomb_of_the_Kings.jpg>



Figura 21: Interior de uma das câmaras de enterramento. (Bourbon & Lavagno, 2009, p. 61)



Figura 19: Placa de entrada do complexo da Tumba dos Reis, sob controle francês desde a expedição de de Saulcy. Fonte: Wikimedia Foundation, disponível em <http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Siur_wikipedia_in_Jerusalem_080608_23.JPG>



Figura 18: Entrada atual das Tumbas. (Bourbon & Lavagno, 2009, p. 61)

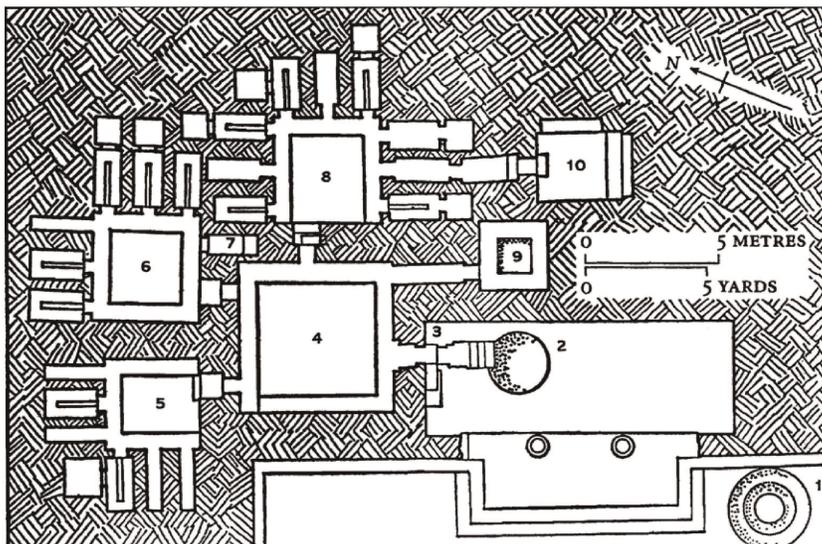


Figura 17: Planta do complexo das tumbas, segundo Vincent. 1-2. Poços de armazenamento de água; 3. Entrada; 4. Antecâmara; 5-6 e 8. Câmaras de enterramento; 7. Escadaria secreta; 9-10. Câmaras de enterramento por terminar. (Murphy-O'Connor, 2008, p. 160)

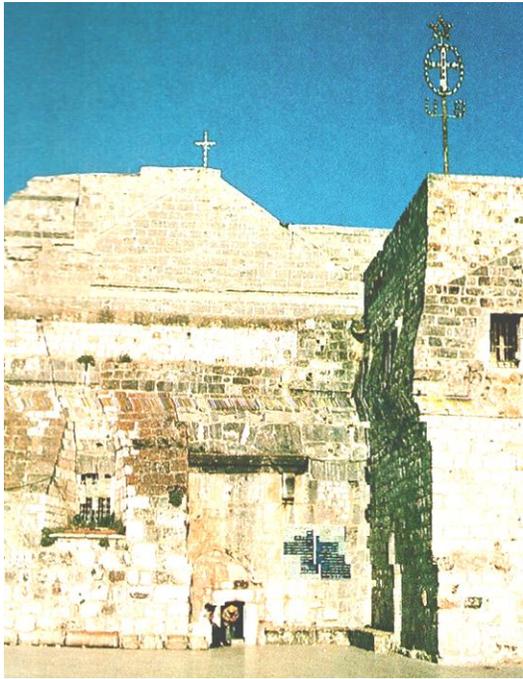


Figura 22: Fachada da Igreja da Natividade, Belém, Autoridade Palestina. (Gorys, 1984, p. 154)



Figura 24: Altar da Igreja da Natividade. A estrela instalada pelos franceses (em destaque abaixo, Figura 23) permite que se toque a rocha-mãe, o próprio solo onde religiosos acreditam ter nascido Cristo. (Murphy-O'Connor, 2008, p. 236)

Figura 23: Detalhe da Estrela. Fonte Wikimedia Foundation, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jesus_birthplace_in_Bethlehem.jpg>

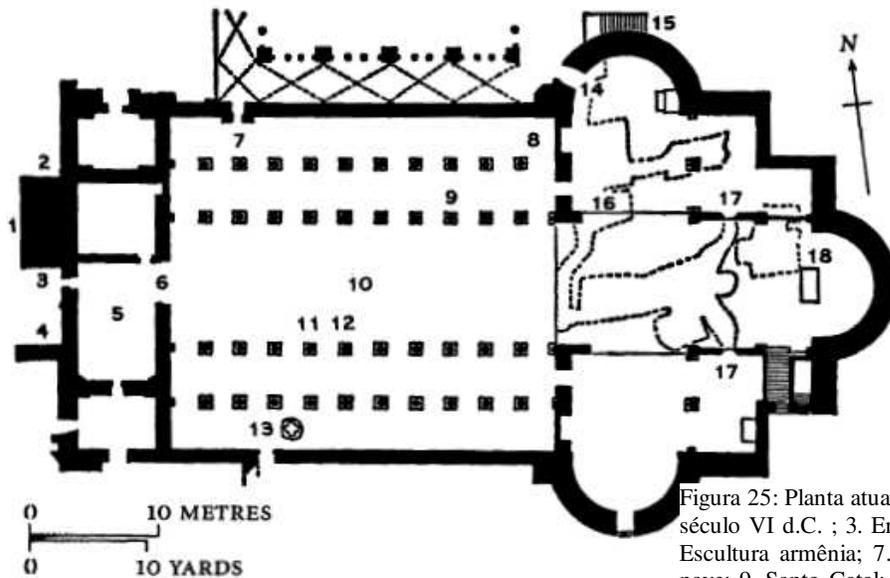


Figura 25: Planta atual da Igreja da Natividade. 1. Botaréu; 2. Padieira do século VI d.C.; 3. Entrada; 4. Padieira do século VI d.C.; 5. Nártex; 6. Escultura armênia; 7. Entrada para o convento franciscano; 8. Fim da nave; 9. Santo Catal; 10. Piso de mosaico do século IV d.C.; 11. Santo Canuto; 12. Santo Olavo; 13. Pia batismal do século IV d.C.; 14. Entrada para a igreja franciscana; 15. Entrada para as grutas; 16. Piso de mosaico do século IV d.C.; 17. Entrada para a Gruta da Natividade; 18. Altar grego ortodoxo.



Figura 27: Abertura do correio francês em Jerusalém, após a Guerra da Crimeia. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Figura 26: Correio italiano em Jerusalém. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.

Figura 29: Correio austríaco em Jerusalém. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Figura 28: Correio alemão em Jerusalém. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Figura 30: A rua Jaffa, no início do século XX. A rua atravessa atualmente Jerusalém e liga a Cidade Velha à saída para Tel-Aviv.
Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Figura 32: Construção da primeira estrada pavimentada entre Jerusalém e Jaffa, em 1869.
Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Figura 31: Chegada do primeiro trem em Jerusalém. A linha de trem entre Jerusalém e Jaffa foi inaugurada em 1892. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém



Figura 33: Propaganda de viagem da virada do século XIX para o XX. Fonte: Revista Spiegel, p. 84.

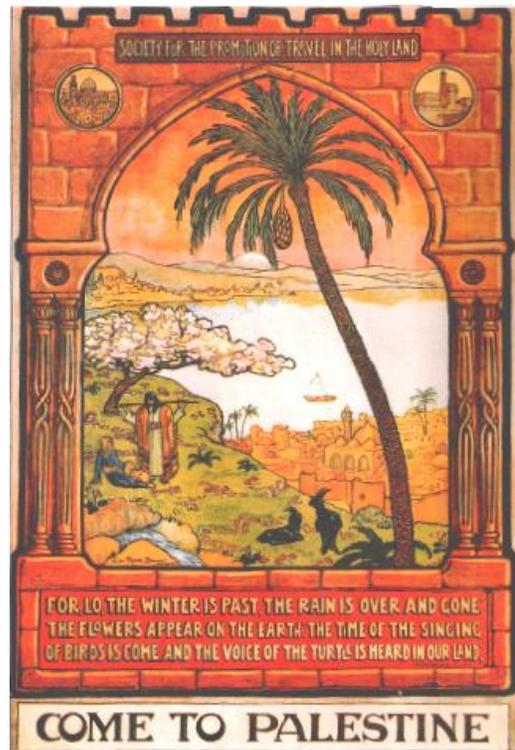


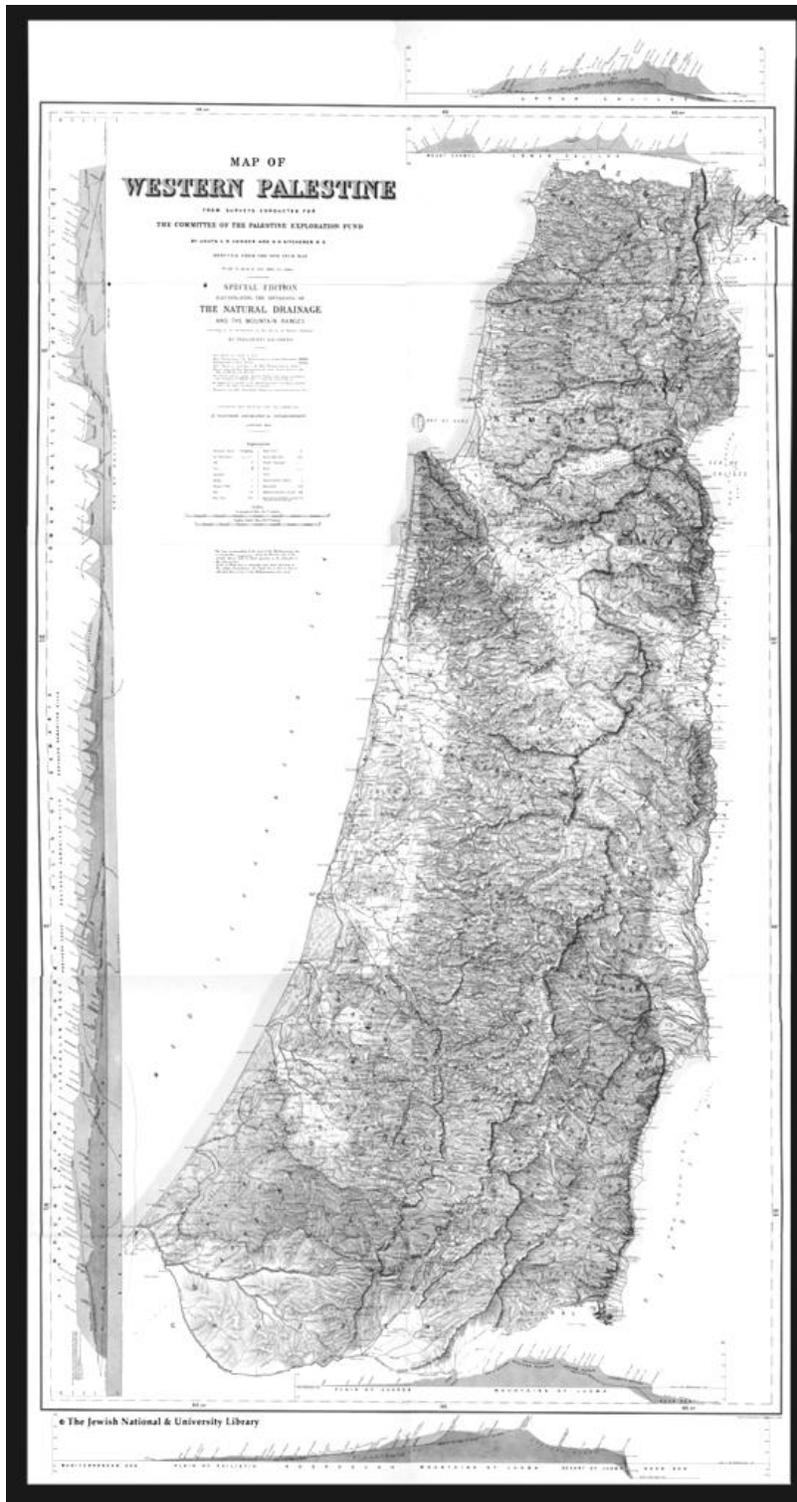
Figura 34: Propaganda de viagem da virada do século XIX para o XX. Fonte: Revista Spiegel, p. 87.



Figura 35: Escritório da Agência de viagens Cook, em 1900, em frente ao Portão Jaffa, Jerusalém. Fonte: Revista Spiegel, p. 87.



Figura 36: Pátio da Igreja do Santo Sepulcro, c. 1900. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.



Mapa 10: Conder & Kitchener, Map of Western Palestine from surveys conducted for the committee of the Palestine Exploration Fund. London, 1882. Jewish National and University Library, from the Eran Laor Cartographic Collection. Disponível em < <http://jnul.huji.ac.il/dl/maps/pal/html/eng/pal002368493.htm> >. Esse mapa, produzido pelo PEF, foi o mapa mais acurado e preciso para os padrões científicos da época.

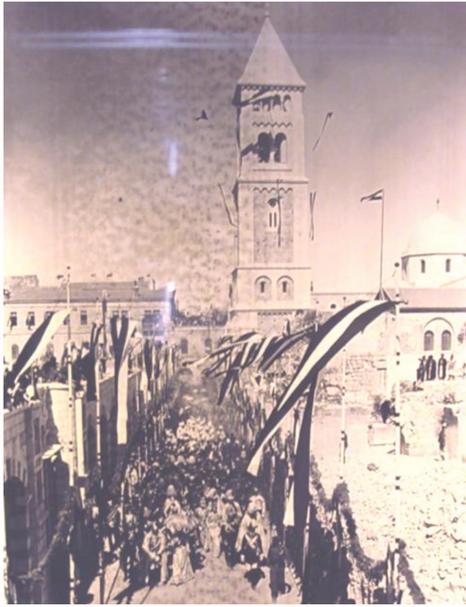


Figura 39: Cartão postal da visita do Kaiser Wilhelm II e sua esposa à Palestina, em 1898. Foto: Museu da Torre de Davi, Jerusalém.

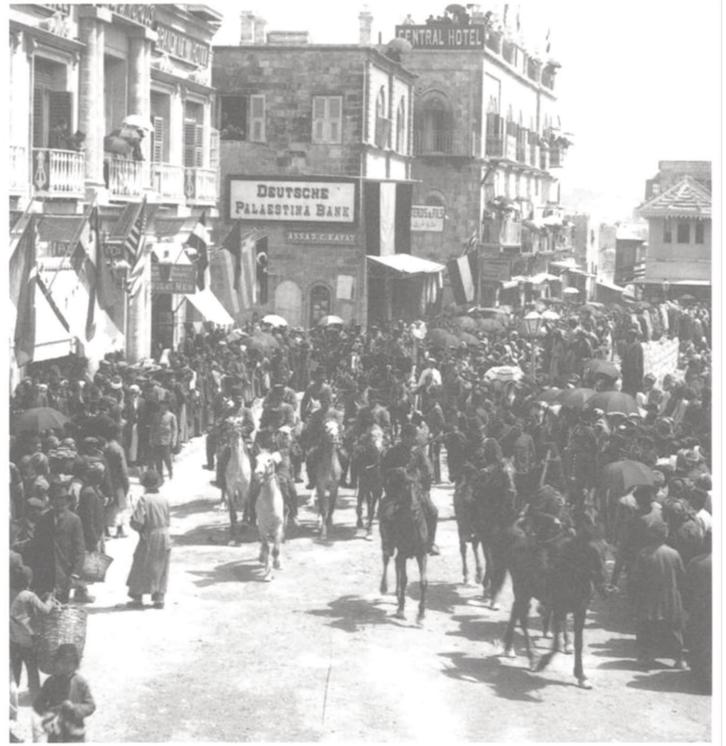


Figura 38: Kaiser Wilhelm II e o Banco Alemão na Palestina, 1898. (Silberman, 1982).



Figura 37: Igreja protestante construída na Cidade Velha após a visita do Kaiser Wilhelm II à Jerusalém. Foto da autora.



Figura 42: O general Edmund Allenby marcha com suas tropas em direção à Cidade Velha de Jerusalém, após a vitória britânica sobre o Império Turco-Otomano em 11 de dezembro de 1917. (Silberman, 2001)



Figura 40: Proclamação dos direitos de guerra, por Allenby, em frente à Cidadela de Davi, em Jerusalém. O texto, que proclamava “o retorno dos cavaleiros cruzados após 730 anos”, foi lido em sete línguas. (Yaron, 2008, p. 97)



Figura 41: Tropas britânicas marchando sobre Jerusalém após conter revoltas, durante o Mandato, em 1929. (Silberman, 1993)

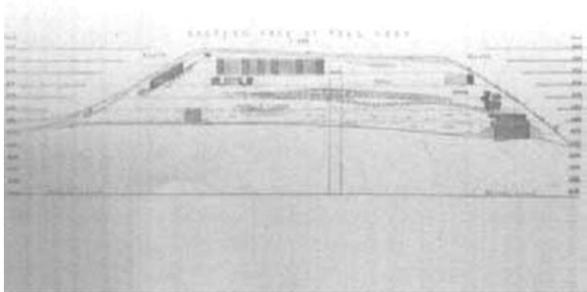


Figura 43: Sistema de datação sequencial de Petrie, utilizado em Tell El-Hesi (**Laughlin, 2000, p. 6**). “If I do nothing else, I shall at least have established a scale of pottery which will enable any future explorer to date all the tells and khirbets” (PEF/Petrie/13 *apud* Davis, 2004, p. 29)

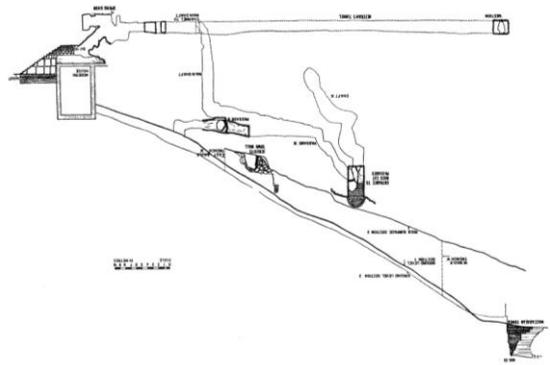


Figura 44: Seção vertical do sistema de água Jebusita, desenhado por Kathleen Kenyon, durante suas escavações na Cidadela de Davi. (**Kenyon, 1967, p. 21**)



Figura 45: Exemplo da abordagem arquitetural. Hasor, área A, escavações de 1958. (**Mazar, 1990, p. 44**)



Figura 46: Exemplo da aplicação do método estratigráfico de Kenyon em Jerusalém. (**Kenyon, 1967, p. 172**)

Foreign Office,

November 2nd, 1917.

Dear Lord Rothschild,

I have much pleasure in conveying to you, on behalf of His Majesty's Government, the following declaration of sympathy with Jewish Zionist aspirations which has been submitted to, and approved by, the Cabinet

"His Majesty's Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country"

I should be grateful if you would bring this declaration to the knowledge of the Zionist Federation.

Y. in
Arthur Balfour



Figura 47: (Acima) Cópia da carta que ficou conhecida como “Declaração de Balfour”. (Abaixo) Sala do museu da Diáspora, Tel-Aviv, com a escrivaninha de Balfour. Fotos da autora.



Mapa 11: Mapa atual da Palestina.

